



MARIANA PINI FERNANDES

**Política e *Latinitas*: o *Brutus* de Cícero  
e os fins da eloquência romana**

CAMPINAS,  
2014





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

MARIANA PINI FERNANDES

# **Política e *Latinitas*: o *Brutus* de Cícero e os fins da eloquência romana**

Dissertação de mestrado apresentada  
ao Instituto de Estudos da Linguagem da  
Universidade Estadual de Campinas  
para obtenção do título de Mestra em  
Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurelio  
Pereira

CAMPINAS,  
2014

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

P655p Pini, Mariana, 1988-  
Política e Latinitas : o *Brutus* de Cícero e os fins da eloquência romana /  
Mariana Pini Fernandes. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Marcos Aurelio Pereira.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Estudos da Linguagem.

1. Cícero. *Brutus* - Crítica e interpretação. 2. César, Júlio - Crítica e  
interpretação. 3. Literatura clássica - História e crítica. 4. Romanos - Identidade. I.  
Pereira, Marcos Aurelio, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de  
Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Politics and Latinitas : Cicero's *Brutus* and the ends of Roman  
eloquence

**Palavras-chave em inglês:**

Cícero. *Brutus* - Criticism and interpretation

César, Júlio - Criticism and interpretation

Classical literature - History and criticism

Roman - Identity

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestra em Linguística

**Banca examinadora:**

Marcos Aurelio Pereira [Orientador]

Adriano Scatolin

Sheila Elias de Oliveira

**Data de defesa:** 10-04-2014

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

BANCA EXAMINADORA:

1 Marcos Aurélio Pereira

*Marcos Aurélio Pereira*

Sheila Elias de Oliveira

*Sheila Elias de Oliveira*

Adriano Scatolin

*Adriano Scatolin*

Isabella Tardin Cardoso

\_\_\_\_\_

Rodrigo Tadeu Gonçalves

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2014



À minha avó Conceição Pini (*in memoriam*).



## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Marçal e Marlene, minha base, pelo amor incondicional, por acreditarem em minhas escolhas e por sempre me incentivarem a segui-las. A vocês devo o profundo agradecimento pelo empenho com que têm se dedicado à minha formação e pela generosidade que permitiu com que eu chegasse até aqui.

À minha irmã, Daniela, pelo afeto e pelo amor fundamentais, por me apoiar e por ser minha grande amiga.

À minha avó, Conceição, pelo cuidado terno de todos os dias e por sempre fazer com que fossem vivas ainda hoje, também em mim, as histórias do trabalho na lavoura. Minha profunda admiração e eterna saudade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira, que acreditou nesta pesquisa desde o começo e confiou em mim durante os anos que tem me orientado. Agradeço-lhe pelos conselhos sensatos e certos e pela dedicação ao orientar esta pesquisa.

Aos demais professores de Clássicas da Unicamp: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso, Profa. Dra. Patricia Prata, Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira e Prof. Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira, pelas aulas inspiradoras e por toda atenção e cuidado com os alunos.

Aos colegas e amigos da área: Ana Cláudia R. Ribeiro, Fabiana L. da Silveira, Raquel Faustino, Talita J. Juliani, Matheus C. de Pietro, Lilian N. Costa, Alexandre P. Piccolo, Beethoven B. Alvarez, Bárbara Polastri, Diogo Alves, Gabriela S. Orosco, Marina P. Soares e Carlos Renato R. de Jesus. Especialmente, à Carol Martins da Rocha, que se tornou uma grande amiga, pelas conversas e debates entre um café e outro e por toda ajuda.

Aos amigos Rômulo Bezerra, Mahayana Godoy, Marcelo Lachat, Renata Andrea, Leandro R. Alves Diniz, Marina Carpani, Isabella Moutinho, Débora Coser, Esther Marinho, Amanda Capelli, Pedro Ciccone e Laiz Enko. A vocês quero agradecer pelos momentos de descontração e companhia.

Às Profas. Dras. Sheila Elias de Oliveira e Elaine Cristina Sartorelli, que aceitaram fazer parte da banca de qualificação desta dissertação, às quais devo agradecer fortemente pelas leituras atentas e pelos comentários fundamentais ao desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores integrantes da banca de defesa, aos quais eu desejo expressar minha grande admiração por seus trabalhos e meus profundos agradecimentos por terem aceitado fazer parte desse momento fundamental à minha pesquisa de Mestrado: Profa. Dra. Sheila Elias de Oliveira, Prof. Dr. Adriano Scatolin, Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso e Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves.

Ao CNPq que subvencionou esta pesquisa em sua totalidade.

E, por fim, ao Rogério de Melo Franco, meu companheiro, com quem tenho tido a felicidade de compartilhar a vida de maneira leve e tranquila. Obrigada pelo suporte emocional e também por ter participado ativamente da elaboração desta pesquisa através de suas leituras e sugestões fundamentais.

“[Marco Túlio Cícero] o primeiro a merecer o triunfo da toga e o louvor da língua e igualmente pai da eloquência das letras do Lácio. Como o ditador César, seu inimigo de outrora, escreveu sobre você: um louvor maior do que todos os triunfos, visto que mais vale ter ampliado as fronteiras do engenho romano do que as do império”.

*[M. Tullij] primus in toga triumphum linguaeque lauream merite et facundiae Latiarumque litterarum parens aeque (ut dictator Caesar, hostis quondam tuus, de te scripsit) omnium triumphorum laurea maiorem, quanto plus est ingenii Romani terminos in tantum promovisse quam imperii.*

(Plínio, *História Natural*, 7, 116-117)



## RESUMO

A obra *Brutus*, de Marco Túlio Cícero, conduz uma reflexão sobre a história da eloquência e uma avaliação sobre os grandes nomes da retórica, desde suas origens dentro da cultura grega antiga até suas contribuições romanas, cuja glória máxima é depositada sobre o próprio autor. No ocaso da República sob a tirania de César, o Arpinate apresenta seu panteão de oradores, associado a um conjunto de preceitos sobre o latim. Este trabalho advoga que a preceptiva ciceroniana dialoga com a obra *De analogia*, de César (por sua vez, dedicada a Cícero como resposta a seu influente *De oratore*). O estudo se dedica a investigar como Cícero formula suas concepções sobre o bom latim de forma incompatível, em numerosos aspectos, com as concepções de César. A discussão sobre a *Latinitas* é tomada como oportunidade, no *Brutus*, para que Cícero articule seu próprio *ethos* como um personagem, bem como o de César, também presente no diálogo. O latim é um campo de batalha que se tingem de tonalidades políticas: o orador concebe a *Latinitas* como questão de educação elementar e hábito alcançado através da prática com boas famílias. Júlio César, por sua vez, tinha por objetivo democratizar a *Latinitas*. Assim, a defesa do general, em favor de uma forma restrita de oratória, é regida pela *ratio*, isto é, de um método racional. A *Latinitas* está ligada à ideia de identidade propriamente romana; contudo, o debate sobre a fala adequada envolve inevitavelmente pontos de vista diferentes. O *Brutus* se inicia com a morte de

Hortênsio, mas o eclipse do debate forense público imposto pelo general César representa, para Cícero, a morte da República; dessa forma, o texto compõe uma reflexão sobre a morte não apenas de um orador, mas de numerosos princípios caros ao Arpinate na Roma que se desenhava sob o domínio da censura.

**Palavras-chave:** Clássicas, Cícero; Júlio César; *Brutus*, *Latinitas*.

## ABSTRACT

The work *Brutus*, by Marcus Tullius Cicero, builds a reflection upon the history of eloquence and an evaluation about the greatest names of Rhetoric, since its emergence within the ancient Greek culture until its Roman contributions, whose most glorious representative is Tully himself. At the end of the Republic, under Caesarian tyranny, the Arpinate displays his pantheon of speakers, associated with a set of precepts about the Latin language and culture. The present study advocates that the Ciceronian perceptive is related to *De analogia*, a work by Julius Caesar (and dedicated to Cicero, as a reaction to his influential *De oratore*). This dissertation aims at investigating how Cicero formulates his conceptions about Latin in a way incompatible with Caesar's convictions. The discussion about *Latinitas* is seen as an opportunity, in *Brutus*, for Cicero to articulate his own *ethos* as a character, as well as Caesar's (also included in the dialogue). Latin is a battlefield tinted with political hues: The Roman orator conceives *Latinitas* as a matter of basic education and a habit reached through practice with worthy families. Julius Caesar, on the other hand, aims to democratize Latinity. Hence, the general's standpoint, favoring a restricted understanding of oratory, is governed by ratio – in other words, by a rational method. *Latinitas* is connected to the idea of a properly Roman identity; the adequate speech is understood differently according to those different perspectives. The *Brutus* begins with the death of Hortesius, but the obliteration of public forensic debate (enforced by Caesar) represents, for Cicero, the death

of Republic. Therefore, the text composes a reflection on death – not merely the death of a speaker, but also the death of a number of principles cherished by the Arpinate in a Rome which had been recently brought under control by means of censorship.

**Key-words:** Classics, Cicero, Julius Caesar, *Brutus*, *Latinitas*.

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>PRIMEIRO CAPÍTULO .....</b>	<b>29</b>
1.1 <i>BRVTVS</i> : CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA .....	29
1.2 A CONSTRUÇÃO TELEOLÓGICA DE CÍCERO NO <i>BRVTVS</i> .....	45
1.3 RELAÇÕES COM OUTRAS OBRAS .....	68
1.4 <i>DE ANALOGIA</i> .....	83
<b>SEGUNDO CAPÍTULO.....</b>	<b>91</b>
2.1 <i>HELLENISMÓS</i> .....	93
2.2 <i>LATINITAS</i> .....	103
<b>TERCEIRO CAPÍTULO .....</b>	<b>111</b>
3.1 A <i>LATINITAS</i> NA CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> DE CÍCERO E DE CÉSAR .....	112
3.2 O LUGAR DE JÚLIO CÉSAR NO <i>BRVTVS</i> .....	118
3.3 <i>BRVTVS</i> E <i>DE ANALOGIA</i> : <i>LATINITAS</i> COMO IDENTIDADE ROMANA .....	127

**CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 135**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 141**

## APRESENTAÇÃO

Marco Túlio Cícero é considerado uma das mais importantes autoridades no que diz respeito à cultura romana. Dessa constatação podemos deduzir uma conclusão simples: que seu saber é socialmente reconhecido entre os autores que escreveram em latim. Essas duas dimensões de Cícero (sua autoridade e a língua por ele empregada) se apresentam imbricadas em seu diálogo *Brutus*. Nessa obra, em que o Arpinate retrança evolutivamente a história dos maiores oradores, é o domínio do latim que o investe do direito à cidadania<sup>1</sup> entre os mestres da eloquência. Cícero, que obteve em 63 a.C. o título honorífico de “pai da pátria” (*pater patriae*), dado a ele pelo Senado romano, apresenta nesse texto uma defesa da retórica latina que se configura igualmente como uma defesa do futuro de Roma.

A produção dialógica do orador de Arpino se inicia, no entanto, com os três livros *De oratore* e pode ser agrupada em duas grandes classes, de acordo com Hendrickson (1906, p. 186). Segundo essa classificação, o *Brutus* faz parte do segundo grupo, por ser um diálogo passado em momento

---

<sup>1</sup> É importante destacarmos que a noção de cidadania romana neste período está vinculada à qualidade de *ciuis romanus*, ou seja, à condição de pertencer à comunidade política de Roma. O direito à cidadania (*ius ciuitas*) era reservado apenas aos homens livres membros da comunidade política de Roma. A noção de cidadania sofreu vários deslocamentos de sentido longo dos séculos. Como bem destaca Elias de Oliveira (2012, p. 106), “A palavra cidadão, derivada do latim, sofre uma mudança de sentido na modernidade a partir da relação com o seu equivalente por tradução no francês – *citoyen*, que, com a Revolução Francesa e o processo de instauração do regime republicano, deixa de significar aquele que tem privilégios na cidade (sentido este que tem sua origem na Antiguidade Clássica), e passa a significar todo indivíduo na relação com o Estado, pela igualdade de direitos e deveres”.

contemporâneo do autor e do qual ele mesmo também participa. Eis a classificação proposta pelo estudioso:

(I) diálogos, cuja ambientação dramática reside inteiramente no passado; (II) diálogos, contemporaneamente ao tempo do escritor, em que ele mesmo participa. Nesta classe eu distinguiria novamente entre expressões de obrigação (a) atribuídas a outros interlocutores e (b) aquelas criadas pelo próprio autor, enquanto personagem no diálogo<sup>2</sup>.

A narração do *Brutus* se passa em período contemporâneo do autor e seus interlocutores<sup>3</sup> e parece servir como continuação da obra retórica anterior de Cícero, o *De oratore*. Assim, esse diálogo se apresenta, em um primeiro momento, como elaboração da história da eloquência em Roma. No entanto, como buscaremos defender ao longo deste trabalho, ele nos parece ser um

---

<sup>2</sup> "(I) dialogues, the dramatic setting of which lies wholly in the past; (II) dialogues, contemporary with the time of the writer, in which he himself participates. In this class I shall differentiate again between expressions of obligation (a) attributed to other interlocutors, and (b) those which the author himself, as a speaker in the dialogue, makes" (Hendrickson, 1906, p. 186; todas as traduções feitas nesta pesquisa, salvo outra indicação, são de nossa autoria).

<sup>3</sup> Os interlocutores são Cícero, o próprio autor; Ático, seu amigo e confidente; e Bruto, a quem o diálogo é dedicado. Diferentemente do *De oratore*, que faz uso de personagens do passado (sobre isso, cf. Cícero, *De Amicitia* 4; *Ad Atticum* III, 19), no *Brutus*, as personagens do diálogo são contemporâneas.

pouco mais do que isso, na medida em que procura fornecer um ideal de eloquência através de um traçado histórico dos maiores oradores de Roma<sup>4</sup>.

A partir de sua narração dos sucessivos exemplos da tradição retórica, a obra apresenta, através da figura do próprio Arpinate, um ideal de orador, oferecendo, então, um ponto de vista histórico que canoniza a figura de Cícero no interior da cultura latina como *télos*, isto é, lugar para onde se destinaria toda a oratória romana. Trata-se de construir um ideal concebido em unidade político-retórica: uma República feita de discussões públicas<sup>5</sup>.

O *Brutus* parece ter sido, então, uma oportunidade para que Cícero pudesse enfrentar, nas letras, as adversidades políticas que obstruíam suas ambições republicanas, visto que vivenciava um período de transição da história: Roma deixava de ser República para ter um governo ditatorial sob o comando do general Júlio César.

Consideramos que, para que a ambição de se colocar como auge e fim da cultura romana não o fizesse advogar em causa própria de maneira ingênua, Cícero escolhe compor seu trabalho a partir de um gênero híbrido<sup>6</sup>: a

---

<sup>4</sup> Cícero, ao dedicar o *De oratore* a seu irmão Quinto, afirma que este teria insistido muitas vezes para que ele escrevesse um livro refinado e completo sobre a “arte de dizer” (*ars dicendi*) que não fosse como os escritos da adolescência de ambos e que, segundo o próprio Cícero (*De oratore*, 1, 5), “escaparam incompletos e grosseiros de nossos apontamentos” (todas as traduções de passagens do *De oratore* presentes neste trabalho são de autorias do Prof. Dr. Adriano Scatolin, 2009, p. 148).

<sup>5</sup> Nesse contexto, a noção de “discussão pública” naturalmente não deve ser confundida com sua versão moderna, como a “voz do povo”. Intentar uma causa em debate (no sentido deliberativo) é, em princípio, prerrogativa exclusiva dos “nobres” (Cf. Brunt, 1982, p. 16).

<sup>6</sup> Cf. Dugan 2005, p. 173.

história da cultura e da arte oratória latina é apresentada em forma de um diálogo filosófico.

O gênero teria em seu horizonte personagens e eventos conhecidos da audiência, e isso exigiria verossimilhança<sup>7</sup>. Amparado pela tradição do diálogo platônico, a licença da ironia parece, então, imbuir a própria escolha dos interlocutores de Cícero na narração: o Arpinate é um célebre opositor do estilo de Ático, o que nos faz pensar que não deveríamos entender sua função narrativa sem nos prevenirmos contra ingenuidades; já Bruto, a quem a obra é dedicada, é um forte defensor da República, tendo apoiado Pompeu contra Júlio César durante as guerras civis<sup>8</sup>.

Dessa forma, a obra, que em princípio pareceria isenta de questões políticas, apresenta-se mobilizada a esse respeito ao se situar no curso intelectual que é traçar os feitos da oratória romana a partir da descrição dos grandes nomes da oratória em Roma:

---

<sup>7</sup> Para Platão, a *doxa* estaria relacionada à natureza do conhecimento e seria oposta à *episteme* (ciência, “saber verdadeiro”; cf., por exemplo, a *República* de Platão). Para interesse da nossa pesquisa, entenderemos *doxa* no sentido retórico de *communis opinio*, isto é, de opinião/impressão aceita pela maioria ou pelos sábios. Cícero, apoiado em noções aristotélicas, vale-se da *opinio* tanto para traduzir o grego *doxa* (em oposição à *episteme*), quanto para designar uma impressão verossímil (cf., por exemplo, Aristóteles, *Metafísica* 1039b e Cícero, *Brutus* 190).

<sup>8</sup> Para nós, é flagrante, no texto, a considerável filiação de Cícero ao modelo platônico de comunidade (e de boa vida) projetado n’A *República*. É assim que devemos ler, por exemplo, a presença do busto de Platão logo no começo do *Brutus*, um recurso tradicional que aponta para a audiência as abordagens mais produtivas sobre o diálogo que se espria nas páginas seguintes.

**255** Pois certamente trouxe mais dignidade a este povo aquele que – seja ele quem for e supondo que ele exista – não apenas tornou ilustre, mas também gerou a riqueza do discurso nesta urbe, do que aqueles que tomaram de assalto as cidadelas dos lígures, contra os quais, como sabes, muitos são os triunfos. **256** Se queremos ouvir de fato a verdade (uma vez omitidos aqueles divinos conselhos pelos quais muitas vezes a sabedoria dos generais tem sido legitimada), longe dos perigos enquanto cidadão, em guerra ou em casa, um grande orador é muito superior a generais limitados. **257** (...) Sendo assim, trata-se de avaliar não o quanto se é útil, mas qual o valor de cada um; especialmente porque poucos são capazes de pintar ou esculpir de maneira notável; todavia, não podem faltar operários ou carregadores<sup>9</sup>.

Ora, para Cícero, a relevância dos grandes oradores seria superior à dos generais. Nesse trecho do *Brutus*, o autor defende com veemência que as realizações das letras contribuem mais com o Estado que as conquistas militares. É relevante conferir visibilidade à oposição latente na formulação ciceroniana: existe uma contraposição entre utilidade e preponderância. As armas são úteis e as letras são relevantes.

---

<sup>9</sup> **255** (...) *Plus enim certe attulit huic populo dignitatis, quisquis est ille, si modo est aliquis, qui non illustravit modo, sed etiam genuit in hac urbe dicendi copiam, quam illi, qui Ligurum castella expugnauerunt, ex quibus multi sunt, ut scitis, triumphi. 256* *Verum quidem si audire uolumus, omissis illis diuinis consiliis, quibus saepe constituta est imperatorum sapientia salus ciuitatis aut belli aut domi, multo magnus orator praestat minutis imperatoribus. 257* (...) *Quare non quantum quisque prosit, sed quanti quisque sit ponderandum est; praesertim cum pauci pingere egregie possint aut fingere, operarii autem aut baiuli deesse non possint* (Cícero, *Brutus*, 255-257).

As concepções organizadoras da república platônica diferenciam os auxiliares, equivalentes aos militares, dos verdadeiros guardiões, equivalentes aos filósofos e verdadeiros governantes. Para interpretarmos a dupla conceitual do Arpinate, a consulta à etimologia nos informaria que a distinção de Cícero é dotada de julgamento em latim, Cícero emprega o termo *ponderandum*, que poderíamos entender por relevante. No entanto, esse vocábulo deixaria de lado a raiz de *pendo*, ligada à noção de “peso”, para abraçar o radical de *leuo*, que se aproxima de “leve” e “elevado”. Por isso, decidimos pela palavra “preponderante” em nossa tradução, a fim de conservar o interesse filológico do contraste sugerido por Cícero. A cultura letrada seria um aspecto cultural preponderante – superior em força, diferentemente da cultura guerreira, dotada de *utilitas* e que “serve”, “é para” (*prosit*) uma utilidade.

Em resumo, as armadas seriam instrumentais ou servis, à diferença das letras, que teriam densidade ou força. É evidente que o peso e a força geralmente são valores associados aos militares e que as concepções utilitaristas da língua existiram e continuaram existindo em todos os séculos que nos separam de Cícero e César. Eis onde reside a importância dessa tomada de posição em defesa da erudição latina.

A concorrência entre cidadão e soldado também é explícita na célebre máxima de Cícero: *cedant arma togae, concedat laurea laudi* “que as armas

cedam lugar à toga, que se conceda louro ao louvor das leis” (*De consulatu suo*, frg. 2)<sup>10</sup>.

Naturalmente, podemos recordar as considerações platônicas n’A *república* a esse respeito: pessoas com personalidades típicas de cidades como Esparta, voltadas mais às conquistas bélicas que aos estudos, são consideradas por Sócrates como timocráticas (isto é, governadas pela competição), uma manifestação evidente da decadência aristocrática<sup>11</sup>.

É nosso interesse refletir, portanto, ao longo de nosso trabalho, sobre a enorme dignidade que o autor confere à *Latinitas* (latinidade) e a forma como sua discussão se conecta a propósitos políticos, particularmente no que diz respeito a César. Assim, a *Latinitas* não deve ser tomada, na história ciceroniana da retórica, somente em sua concepção estreita: como geografia (referência ao Lácio), enquanto língua (mera adoção do que chamaríamos, hoje, um sistema de signos) ou, simplesmente, na condição de sinônimo para a natividade romana.

O orador de Arpino é um ambicioso político e o conceito de *Latinitas* é uma abstração que inclui e ultrapassa tais fronteiras em direção a seu

---

<sup>10</sup> Cf. Hendrickson, 1906, p. 118; Dugan 2005, pp. 188 e 189. As leis aqui participam das letras, como manifestação de potência da palavra.

<sup>11</sup> Cf. A República, 547a-550e. Platão expressa na voz de Sócrates a desaprovação das personalidades e comunidades orientadas para a rivalidade. A aristocracia, governo dos excelentes, demonstraria sua corrupção ao transformar-se progressivamente em uma reunião de homens competitivos que eventualmente seriam dominados pela banalidade de falsos bens, tais como os metais preciosos.

horizonte constitutivo, que é a civilização romana. Como defende Hendrickson (1906, p. 112):

Por um lado, é verdade que a depreciação de Cícero das grandes reivindicações que foram feitas para o estudo teórico da Latinidade ocupa apenas um pequeno espaço no *De oratore*; no entanto, a importância dessa parte não deve ser julgada apenas por aquilo que é dito dela positivamente, mas também o que é implicado no que lhe concerne negativamente. Afinal, [...] Cícero contrasta com o caráter simples e elementar das reivindicações da *Latinitas* as qualidades de fato grandes e verdadeiramente oratórias do estilo, *copia* e *ornatus*<sup>12</sup>.

É inteiramente compreensível que Cícero se coloque contra aquilo que Hendrickson chama de *theoretical study of Latinity* (“o estudo teórico da Latinidade”). Para empregar termos mais próximos da Antiguidade, a preceptiva latina não estava no horizonte de Cícero como conjunto de prescrições que caberiam em uma doutrina fechada. Como poderemos observar neste estudo, acima de tudo, o bom latim para Cícero – isto é, a *Latinitas* – é, por assim dizer, uma herança que acompanha as boas famílias,

---

<sup>12</sup> “(...) while it is true that Cicero's depreciation of the large claims that were made for the theoretical study of Latinity occupies but a small space in the *De oratore*, yet the importance of this part must not be judged only by what is said of it positively, but also by what is implied concerning it negatively. For, as we have seen, Cicero contrasts with the simple and elementary character of the claims of *Latinitas* the really great and characteristically oratorical qualities of style, *copia* and *ornatus*” (Hendrickson, 1906, p. 112).

próxima de outras virtudes da tradição familiar romana. Essa interpretação, que hoje poderíamos considerar classista, certamente valoriza o latim dos cidadãos livres e privilegiados no coração de uma sociedade manifestamente construída sobre a diferença hierárquica entre as famílias.

Sendo assim, essa pista será útil, por exemplo, para compreendermos o estranho lugar de César dentro do diálogo: o estadista está excluído do esquema dos oradores excelentes em função da simplicidade de seu discurso, mas incluído em sua genealogia. O célebre general claramente não se desviou da reflexão sobre o latim: o texto *De analogia*, do qual foram conservados alguns fragmentos, é uma defesa da razão e da funcionalidade como maiores princípios da língua latina – instruções bastante diferentes da variedade e do ornamento promovidos por Cícero. Os elogios que César faz ao Arpinate nesse tratado são ricos em metáforas militares. O recurso do general é arguto, pois concede honra guerreira a um orador na ocasião de se firmar na qualidade de general intelectual.

Dessa forma, este trabalho apresenta-se dividido em três grandes partes. A primeira delas se encontra dividida em: (i) contextualização histórico-literária do diálogo *Brutus*; (ii) características de sua composição; (iii) principais relações intertextuais e, por fim, (iv) buscaremos nos concentrar mais especificamente na relação do *Brutus* com o tratado *De analogia*, de Júlio César.

A segunda parte incide sobre uma questão fundamental em nosso estudo: a noção de *Latinitas* para os romanos. Para isso, acreditamos ter sido fundamental o estudo preliminar de outra noção que influenciou fortemente o pensamento romano e que teria sido a principal fonte do legado doutrinário da *Latinidade*, o conceito grego de *Hellenismós*, principalmente aquele presente na doutrina estoica. Por último, a terceira parte diz respeito ao estudo da *Latinitas* especificamente no *Brutus*, em comparação com o *De analogia*.

Dessa forma, em face do diálogo assim compreendido, o estudo que propomos nesta ocasião trata de compreender a única obra histórica de Cícero em suas relações com a *Latinitas*, a ditadura de César e um ideal romano sob as preceptivas das práticas letradas antigas.

# PRIMEIRO CAPÍTULO

## 1.1 *BRUTVS*: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA

Cícero redigiu o *Brutus* provavelmente nos primeiros meses do ano 46 a.C.<sup>13</sup>, isto é, quase dez anos depois de seu último tratado de retórica, o *De oratore*. É nesse mesmo período que o general Júlio César retorna a Roma, vindo de sua vitoriosa campanha na África<sup>14</sup>. Depois da derrota sofrida pela armada pompeiana na Batalha de Farsália<sup>15</sup>, Cícero, que havia dado suporte a Pompeu contra César, abandona-o e se refugia em Brundísio, na Itália, onde permanece por cerca de um ano, esperando por César. O orador de Arpino conta, então, em carta à sua mulher sobre o tão esperado encontro com o estadista, que havia enviado ao orador uma carta bastante generosa<sup>16</sup>.

O reencontro entre César e Cícero ocorre, contudo, somente em setembro do ano 47 a.C., depois que o general autoriza o retorno de Cícero a

---

<sup>13</sup> Sobre a data de composição do *Brutus* cf. Robinson, 1951, p. 137-146; Douglas, 1966, p. X; Gowing, 2000, p. 62 e Marchese, 2011, p. 45.

<sup>14</sup> César teria retornado a Roma, pelo calendário antigo, em 25 de julho de 46 a.C. (cf. Dyer, 1990, p. 17).

<sup>15</sup> Na Grécia, ano 48 a.C., batalha que teve a armada de César, recém chegada da Gália, como vitoriosa.

<sup>16</sup> *Redditae mihi tandem sunt a Caesare litterae satis liberales, et ipse opinione celerius uenturus esse dicitur; cui utrum obuiam procedam, an hic eum exspectem, cum constituero, faciam te certiozem. Tabellarios mihi uelim quam primum remittas. Valetudinem tuam cura diligenter. Vale.* (Cícero, *Ad familiares* 14, 32).

Roma<sup>17</sup>. Sabemos, por meio do testemunho de Plutarco, que o favor concedido a Cícero pelo ditador teria superado sua resistência inicial.

Com efeito, César, quando o viu avançar à frente dos outros, desceu do cavalo, abraçou-o e percorreu muitos estádios conversando a sós com ele. A partir daí continuou a tratá-lo com honra e amizade, (...). Porém, quando Cícero começou a falar, fê-lo com uma comoção extraordinária e o discurso ia avançando, variado no *pathos* e com uma elegância admirável. O rosto de César mudava constantemente de cor e era claro que essas mudanças reflectiam os sentimentos variados que o atravessavam. Por fim, quando o orador passou a falar dos confrontos de Farsalos, ele ficou fora de si, com o corpo todo a tremer e deixou cair alguns documentos que tinha nas mãos. E foi, por isso, compelido a libertar o réu da culpa. **40**. A partir desta altura, como o Estado se transformou numa monarquia, Cícero afastou-se da vida política e passou a dar lições aos jovens que queriam estudar filosofia. De certa maneira, foi pelas suas relações com estes, que eram das mais importantes e nobres famílias, que ele recuperou a influência que tivera na Cidade<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Sobre isso cf. Cícero, *Ad familiares*, 14, 23.

<sup>18</sup> ὁ γὰρ Καῖσαρ, ὡς εἶδεν αὐτὸν πολὺ πρὸ τῶν ἄλλων ἀπαντῶντα, κατέβη καὶ ἠσπάσατο καὶ διαλεγόμενος μόνῳ συχνῶν σταδίων ὁδὸν προῆλθεν. ἐκ δὲ τούτου διετέλει τιμῶν καὶ φιλοφρονούμενος (...). ἐπεὶ δ' ἀρξάμενος λέγειν ὁ Κικέρων ὑπερφυῶς ἐκίνει καὶ προύβαινεν αὐτῷ πάθει τε ποικίλος καὶ χάριτι θαυμαστὸς ὁ λόγος, πολλὰς μὲν ἰέναι χροῶς ἐπὶ τοῦ προσώπου τὸν Καίσαρα, πάσας δὲ τῆς ψυχῆς τρεπόμενον τροπὰς κατάδηλον εἶναι, τέλος δὲ τῶν κατὰ Φάρσαλον ἀψαμένου τοῦ ῥήτορος ἀγώνων ἐκπαθῆ γενόμενον τιναχθῆναι τῷ σώματι καὶ τῆς χειρὸς ἐκβαλεῖν ἔνια τῶν γραμματείων, τὸν γοῦν ἄνθρωπον ἀπέλυσε τῆς αἰτίας βεβιασμένος. **40**. ἐκ τούτου Κικέρων, εἰς μοναρχίαν τῆς πολιτείας μεθεστῶσης, ἀφέμενος τοῦ τὰ κοινὰ πράττειν ἐσχόλαζε τοῖς βουλομένοις φιλοσοφεῖν τῶν νέων, καὶ σχεδὸν ἐκ τῆς πρὸς τούτους συνηθείας, εὐγενεστάτους καὶ πρώτους ὄντας, αὐθις ἴσχυεν ἐν τῇ πόλει μέγιστον (Plutarco, *Cícero*, 39 - 40; tradução Marta Várzeas).

Assim, o retorno de Cícero a Roma teria sido antecipado pelo perdão de César, o que fez com que ele se sentisse relativamente seguro na cidade nesse momento, tanto por causa das garantias de segurança que havia recebido da parte do próprio general, quanto por conta de sua intimidade com aqueles que ele acreditava que desempenhariam papéis importantes no novo governo<sup>19</sup>, como Aulo Hircio, Lúcio Cornélio Balbo, Caio Cássio Longino, Públio Cornélio Dolabela e Marco Júnio Bruto. O esboço de suas trajetórias biográficas (em seu contato com Cícero) pode situá-los como personagens históricos e iluminar sua função na narração ciceroniana.

Aulo Hircio foi um *legatus* de Júlio César em sua campanha na Gália e, provavelmente, autor da *Lex Hirtia*, que excluía os pompeianos de cargos da magistratura<sup>20</sup>. Após o fim da guerra de Alexandria, Hircio se encontrou com César em Antioquia e teria intercedido em favor de Quinto Cícero<sup>21</sup>. Enquanto César estava na África, viveu um tempo na vila do Arpinate, Túsculo, onde Cícero lhe teria dado lições de oratória<sup>22</sup>. Com a morte de Júlio César, encontrou-se confrontado com Cícero e o Senado. Hircio se refugiou, então, servindo de mediador entre Marco Antônio e os cesaricidas<sup>23</sup>. O trato entre Hircio e Cícero foi, contudo, renovado posteriormente; o Arpinate voltou a dar

---

<sup>19</sup> Cf. Dyer, 1990, p.17.

<sup>20</sup> Cf. Cícero, *Philippicae*, 13, 16.

<sup>21</sup> Cícero, *Ad Atticum*, 11, 20.

<sup>22</sup> Cícero, *Ad familiares*, 7, 33 e 9, 6.

<sup>23</sup> Cícero, *Ad familiares*, 11, 1.

aulas de oratória a Hírcio e a seu colega eleito Caio Víbio Pansa<sup>24</sup>. Hírcio deixou a Campânia para comparecer ao Senado convocado por Antônio, mas ao sentir-se ameaçado pelos veteranos de guerra, voltou para sua casa em Túsculo<sup>25</sup>. No outono desse ano, Hírcio deixou o Senado por motivo de doença<sup>26</sup>, mas regressou em 43 a.C., tomando posse como cônsul<sup>27</sup>.

Quanto a Lúcio Cornélio Balbo, foi um político romano de origem hispânica e o primeiro não nascido em território itálico a ocupar o posto de cônsul, no ano de 40 a.C.<sup>28</sup>. Uniu-se a Pompeu e seu exército em 76 e pouco depois disso obteve a cidadania romana através da *Lex Gellia Cornelia de ciuitate* defendida por Cícero<sup>29</sup>. Obteve o cargo de *praefectus urbi* em 61, tornando-se oficial de Júlio César, que nesse momento era pretor da Hispânia Ulterior. Provavelmente conheceu Cícero em seu regresso a Roma, durante o triunvirato de Pompeu, César e Crasso. Foi acusado de usurpar a cidadania romana por inimigos políticos de César, tendo sido vitoriosamente defendido Cícero em 55<sup>30</sup>. Durante a guerra civil, manteve-se neutro. Quando Cícero retorna a Roma, depois da batalha de Farsalos, volta a trocar correspondências com Balbo e pedir-lhe ajuda para obter o perdão de César<sup>31</sup>.

---

<sup>24</sup> Cícero, *Ad Atticum*, 14, 12.

<sup>25</sup> Cícero, *Ad Atticum*, 15, 5-6.

<sup>26</sup> Cícero, *Philippicae*, 10, 8.

<sup>27</sup> Cf. Plutarco, *Bíoi Paráλληλοι: Κικέρων*, 45; Suetônio, *De uita Caesarum: Diuus Augustus*, 10; Canfora, 2011, p. 442.

<sup>28</sup> Cf. Plínio, *Naturalis historia*, 7, 44, 136.

<sup>29</sup> Cícero, *Pro Balbo*, 19 e *Ad familiares*, 32.

<sup>30</sup> Cf. Cícero, *Pro Balbo*.

<sup>31</sup> Cf. Rodríguez Neila, 1992; Canfora, 2011, p. 438.

Outro personagem relevante, Caio Cássio Longino foi senador romano, cunhado de Marco Júnio Bruto e considerado o principal agente da conspiração para matar Júlio César<sup>32</sup>. Foi questor em 53 a.C., período em que lutou junto a Crasso em Carras. Com a morte de Crasso e com o fim de seu governo na Síria, Cássio retorna a Roma em 50 a.C.. Pouco tempo depois, inicia-se a guerra civil entre Júlio César e Pompeu Magno. Em 49 a.C., é eleito tribuno da plebe e, embora seu irmão Lúcio Cássio apoiasse César, une-se aos *optimates*. Com o regresso de César, Cássio deixa Roma e conhece Pompeu na Grécia, onde passa a comandar parte de sua frota. Nesse momento, lidera um ataque contra a marinha de César na Sicília<sup>33</sup>. No entanto, com a vitória de César na Batalha da Farsália, Cássio é obrigado a render-se em Helesponto<sup>34</sup>. Cássio se torna, então, *legatus* de César na guerra de Alexandria, mas recusa-se a lutar contra Catão e Cipião Africano, retornando, assim, a Roma – nessa mesma época, estreita seus laços de amizade com Cícero. Foi um dos principais conspiradores no tiranicídio de César<sup>35</sup>.

Figura de expressão tanto nos anos que precederam a trama contra César quanto nos anos que a sucederam, Públio Cornélio Dolabela conduziu funções como general e político romano e foi acusado duas vezes por crimes capitais, tendo sido defendido por Cícero<sup>36</sup>. Em 49 a.C., acusa sem sucesso

---

<sup>32</sup> Cf. Syme, 2002, p. 57; Grimal, 1986, p. 378.

<sup>33</sup> Júlio César, *De bello civili*, 3, 101.

<sup>34</sup> Cf. Suetônio, *Caesar*, 63.

<sup>35</sup> Cf. Plutarco, *Bíoi Παράλληλοι: Βρούτος*, 7, 1–3; idem, *Καίσαρ*, LXII, 2; Cícero, *Ad familiares*, 12, 3.

<sup>36</sup> Cf. Cícero, *Ad familiares*, 3, 10, 5.

Ápio Claudio Pulcro de ter violado a soberania do povo. Durante esse processo, separa-se de sua primeira esposa, Fábica, e casa-se com Túlia, filha de Cícero. Túlia, porém, deixa Dolabela dois anos depois. Colabora com Júlio César até 49, comandando uma frota no mar Adriático durante uma expedição na Espanha contra os legados de Pompeu, mas sem conseguir especial sucesso<sup>37</sup>.

Dolabela retorna, então, à península itálica e faz-se adotar pelo plebeu Gneo Léntulo a fim de tornar-se, ele mesmo, plebeu e poder concorrer ao cargo de tribuno em 47. Como tribuno da plebe, tentou fazer mudanças que incluíam uma proposta de lei para o cancelamento de todas as dívidas (*tabulae nouae*), o que causou grandes transtornos que duram até o retorno de Júlio César, vindo de Alexandria para Roma<sup>38</sup>. Assim que César volta a Roma, faz com que Dolabela saia de Roma, mas, pouco tempo depois, perdoa-lhe e dá-lhe o cargo de general em uma expedição contra os pompeianos na África e na Espanha<sup>39</sup>.

Em 44, com a eleição de César ao cargo de cônsul, este propõe ao Senado ser substituído por Dolabela, enquanto *consul suffectus*, apesar da oposição de Marco Antônio, que havia sido eleito cônsul naquele ano. Contudo, com a ditadura de César, Dolabela acabou por ser nomeado cônsul<sup>40</sup>. Logo em

---

<sup>37</sup> Cf. Canfora, 2011, p. 439.

<sup>38</sup> Cf. Plutarco, *Bíoi Paráλληλοι: Αντώνιος*, 9–12.

<sup>39</sup> Cf. Canfora, 2011, p. 439.

<sup>40</sup> Cf. Plutarco, *Bíoi Paráλληλοι: Αντώνιος*, 11; Cícero, *Philippicae*, 2, 79 – 81.

seguida, César é assassinado e Dolabela se une, então, a Marco Júnio Bruto e aos demais cesaricidas.

Cícero, ao retornar a Roma e receber o perdão de César, em carta endereçada a Marco Terêncio Varrão diz que, em razão do vazio que sentia pela falta de suas atividades políticas – que, como afirmara Plutarco, teriam sido abandonadas em decorrência da nova forma de governo –, voltou a se dedicar a seus antigos amigos, isto é, aos livros.

Assim, o Arpinate confia ao amigo seu próprio retorno os estudos, uma vez que Varrão, diferentemente do próprio Cícero, não teria deixado de lado essa atividade e, por isso mesmo, teria demonstrado mais *sapientia*:

Ático leu para mim aquela carta que você (Varrão) enviou, através da qual eu soube o quê você está fazendo e onde está. No entanto, não pude deduzir, através dessa mesma carta, quando poderíamos revê-lo. Eu espero, portanto, que a sua vinda esteja próxima (e que essa esperança me console!). Embora sejamos pressionados por tantas e tão grandes questões – de tal forma que ninguém, a não ser que seja muitíssimo tolo, possa esperar algum alívio –, ainda assim, creio que você possa me ajudar ou, talvez, eu a você. Afinal você deve saber que, depois que eu cheguei à cidade, **voltei a me reconciliar com antigos amigos, isto é, com nossos livros**. Se eu os deixei, não foi porque eu estava zangado, mas porque eu me envergonhava diante deles. Pareceu-me, de fato, que, por eu ter mergulhado em questões muito turbulentas na companhia de aliados desprovidos de lealdade, eu não havia obedecido

suficientemente aos seus ensinamentos. Contudo, eles me perdoam, chamando-me de volta ao antigo uso da língua, sempre preservado por você, e me dizem que você foi muito mais sábio do que eu. Assim, estando agora reconciliado com nossos livros, parece-me que devo esperar que, se eu o vir, será mais fácil suportar o peso do presente e a ameaça do futuro. Portanto, seja na vila de Túsculo seja na de Cumas (se lhe agradam) – ou em Roma (onde eu gostaria menos) –, desde que possamos nos encontrar; certamente farei de modo que seja proveitoso para nós dois <sup>41</sup>.

A primeira obra após esse testemunho teria sido o diálogo *Brutus*, que, como já afirmamos, parece ter sido finalizado ainda nos primeiros meses de 46 a.C., justamente o ano em que se sucedem dois fatos importantes para a vida pública de Roma: a batalha de Tapso em 6 de abril<sup>42</sup> e o suicídio de Marco Pórcio Catão na África, que se recusava a aceitar a ditadura de Júlio César e, por isso, decidiu tirar da própria vida em Útica<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> *Ex iis litteris, quas Atticus a te missas mihi legit, quid ageres et ubi esses, cognoui; quando autem te uisuri essemus, nihil sane ex iisdem litteris potui suspicari. In spem tamen uenio appropinquare tuum aduentum: qui mihi utinam solatio sit! etsi tot tantisque rebus urgemur, nullam ut alleuationem quisquam non stultissimus sperare debeat; sed tamen aut tu potes me aut ego te fortasse aliqua re iuuare; scito enim me, posteaquam in urbem uenerim, redisse cum ueteribus amicis, id est cum libris nostris, in gratiam; etsi non idcirco eorum usum dimiseram, quod iis suscenserem, sed quod eorum me suppudebat; uidebar enim mihi, cum me in res turbulentissimas infidelissimis sociis demissem, praeceptis illorum non satis paruissse. Ignoscunt mihi, reuocant in consuetudinem pristinam teque, quod in ea permanseris, sapientiore quam me dicunt fuisse. Quamobrem, quoniam placatis iis utor, uideor sperare debere, si te uiderim, et ea, quae premant, et ea, quae impendeant, me facile transiturum. Quamobrem, siue in Tusculano siue in Cumano ad te placebit siue, quod minime uelim, Romae, dummodo simul simus, perficiam profecto, ut id utriusque nostrum commodissimum esse uideatur* (Cícero, *Ad familiares*, 9, 1; grifo nosso).

<sup>42</sup> 6 de abril equivale a 7 de fevereiro no calendário reformulado.

<sup>43</sup> Segundo Lima (2004, p. 71), em sua dissertação de mestrado, “não é necessário mencionar que essa atitude o alçaria à categoria de herói da república e ressaltaria sua

O *Brutus* trata especificamente da história da eloquência romana através da descrição de inúmeros oradores que já não se encontravam vivos. Os oradores descritos na obra representam as figuras de maior importância na vida política de Roma desde o período em que se dão as Guerras Púnicas – com Lúcio Júnio Bruto<sup>44</sup> – até o período da guerra civil<sup>45</sup>, que culmina com o próprio Cícero. Embora o Arpinate faça questão de assegurar que não trataria dos oradores de seu tempo em sua história da eloquência – ele afirma que não é de seu interesse discutir a cena política contemporânea ao diálogo (*Brutus*, 11 e 251) –; em seguida, porém, ele fala de si mesmo como exemplo de excelência retórica. Eis, portanto, uma prova fundamental de que assumir seu discurso de forma desavisada seria se deixar enredar por seu engenho oratório.

Contudo, a data precisa de conclusão da obra não é fácil de ser estabelecida; o que se deve ter em mente é que a maior parte do *Brutus* é

---

consistência e seu diligente apego aos princípios da filosofia que escolhera: o estoicismo”.

<sup>44</sup> Considerado o fundador da República Romana, teria sido o principal responsável pela queda do regime monárquico. Segundo Dionísio de Halicarnasso (IV, 15.12-15), Lúcio Júnio Bruto, vendo toda sua família sendo morta pelo tirano Tarquínio, conseguiu sobreviver ao último rei de Roma passando-se por louco e por isso teria sido apelidado *brutus*. O rei Tarquínio adota, assim, Lúcio Bruto para que este pudesse divertir seus dois filhos. Um dia, os filhos do rei são mandados ao oráculo de Delfos para saberem quem seria o próximo governador de Roma e Bruto os acompanha para distraí-los durante a viagem. O oráculo responde, então, que o próximo a governar Roma seria aquele que primeiro beijasse a sua mãe. Os filhos do rei combinam, portanto, beijar a mãe ao mesmo tempo; já Lúcio Bruto teria interpretado o oráculo de maneira diferente e ao regressar à Itália teria beijado seu solo, por considerá-la a mãe comum a todos os homens. Cícero afirma no *Brutus* que Lúcio Júnio Bruto seria o primeiro da nobre família de Marco Júnio Bruto.

<sup>45</sup> Contudo, a obra começa narrando o nascimento da eloquência em Atenas no século IV a.C. com Pisístrato, Sólon e Clístenes (§27).

alegadamente uma lembrança de uma conversa que teria ocorrido na casa de campo do Arpinate, em Roma, entre o próprio Cícero e seus amigos Marco Júnio Bruto e Tito Pompônio Ático.

Um fato que nos parece corroborar à hipótese de que o *Brutus* teria sido finalizado em abril de 46 a.C.<sup>46</sup> é que Catão aparece no diálogo ainda vivo, uma vez que não figura no quadro de oradores descritos por Cícero na obra, embora seja lembrado ao longo do diálogo. Além desse fato, podemos ver na passagem abaixo que Bruto e Ático alegam que ainda estavam aguardando novas notícias que podem se referir à campanha de César na África:

10. Assim, enquanto eu andava pelo pórtico, e estava em um momento de ócio em casa, veio ao meu encontro Marco Júnio Bruto, como era de costume, juntamente com Tito Pompônio Ático, homens muito ligados entre si e tão estimados e afáveis para mim que, apenas de vê-los, todas as preocupações sobre a República, que antes me angustiavam, diminuíram.

Depois de tê-los cumprimentado, “Como estão, Bruto e Ático? Finalmente trazem novidade?”.

“Nada de novo”, disse Bruto, “pelo menos nada que você deseje ouvir ou que eu possa afirmar com certeza”.

11. E, então, Ático: “Vimos até você”, disse, “com o propósito de nos calar sobre os assuntos da república e para podermos ouvir algo de você (mais do que o incomodá-lo)”.

---

<sup>46</sup> Sobre a data de composição do *Brutus* cf. Robinson, 1951, p. 137-146, Douglas, 1966, p. X, Gowing, 2000, p. 62 e Marchese, 2011, p. 45.

“Certamente, Ático”, disse, “a presença de vocês me anima e, mesmo ausentes, vocês me deram grande conforto, pois foram, antes de tudo, os seus escritos que me reanimaram e que me reconduziram aos meus antigos estudos.

Nesse momento, ele disse: “Eu li, com grande prazer, a carta que Bruto enviou a você da Ásia, na qual me parecia que ele o aconselhava com muita prudência e o consolava muito amigavelmente”<sup>47</sup>.

No entanto, também existem problemas com essa interpretação, tendo em vista a menção feita a Lúcio Torquato e a Caio Triário (*Brutus*, 265), bem como a alusão a Públio Cornélio Lêntulo Espínter (*idem*, 268), que são mencionados ao longo do diálogo como oradores que já não estavam vivos. Porém, sabe-se que ambos teriam morrido ou ao longo da batalha em Tapso, ou logo em seguida:

265. Restam, dentre os que já morreram, Lúcio Torquato, a quem se deve referir menos como rétor – embora não faltasse a ele eloquência – do que como πολιτικός, como

---

<sup>47</sup> *Nam cum inambularem in xysto et essem otiosus domi, M. ad me Brutus, ut consueuerat, cum T. Pomponio uenerat, homines cum inter se coniuncti tum mihi ita cari itaque iucundi, ut eorum aspectu omnis quae me angebat de re publica cura consederit. Quos postquam salutauit: Quid uos, inquam, Brute et Attice? numquid tandem noui? Nihil sane, inquit Brutus, quod quidem aut tu audire uelis aut ego pro certo dicere audeam. 11. Tum Atticus: eo, inquit, ad te animo uenimus, ut de re publica esset silentium et aliquid audiremus potius ex te, quam te adficeremus ulla molestia. Vos uero, inquam, Attice, et praesentem me cura leuatis et absentis magna solacia dedistis. nam uestris primum litteris recreatus me ad pristina studia reuocauit. Tum ille: legi, inquit, perlubenter epistulam, quam ad te Brutus misit ex Asia, qua mihi uisus est et monere te prudenter et consolari amicissime (Cícero, *Brutus*, 10).*

dizem os gregos. (...) Agradava-me muito também a eloquência de Caio Valério Triário, pleno, apesar de sua pouca idade, de uma cultura madura. Quanta seriedade em sua face! Quanta autoridade em suas palavras! Quão ponderado era o que saía de sua boca! (...) Além disso, os dois cônsules chamados Lêntulo: um deles, Públio Cornélio Lêntulo Espínter, vingador das nossas injúrias, autoridade da nossa salvação, aquele que devia tudo o que tinha – independente do quanto fosse – à educação<sup>48</sup>.

Sobre essa contradição, Douglas defende a possibilidade de os últimos trechos do *Brutus* terem sido acrescentados posteriormente em relação a um primeiro rascunho da obra:

Parece-me também possível que as notícias de Tapso e suas conseqüências tenham chegado a Roma depois que Cícero já tivesse escrito bastante, mas não todo seu diálogo. Ele acrescentou, em seguida, alusões a certos oradores, os quais já sabia que estavam mortos, mas não viu a necessidade de alterar ou transferir o relato de Catão, que já tinha escrito. Ele talvez já estivesse planejando o elogio a Catão à parte, o qual produziu pouco depois<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> 265. *Reliqui sunt, qui mortui sint, L. Torquatus, quem tu non tam cito rhetorem dixisses, etsi non deerat oratio, quam, ut Graeci dicunt, politikon. (...) me quidem admodum delectabat etiam Triari in illa aetate plena litteratae senectutis oratio. Quanta seueritas in uoltu, quantum pondus in uerbis, quam nihil non consideratum exibat ex ore! (...) 268. duo praeterea Lentuli consulares, quorum Publius ille nostrarum iniuriarum ultor, auctor salutis, quicquid habuit, quantumcumque fuit, illud totum habuit e disciplina* (Cícero, *Brutus*, 265 – 268).

<sup>49</sup> “It seems to me also possible that the news of Thapsus and its sequels reached Rome after Cicero had written much, but not all, of his dialogue. He then added the allusions to

Para nós, parece-nos claro que, embora Cícero possa ter composto a parte final de seu diálogo quando já tinha o conhecimento das mortes de alguns oradores (depois de 6 de abril), da mesma forma, poderia ter elaborado o início da obra bem antes. Como bem elucida Marchese (2011, p. 10),

Parece certo que o trabalho preparatório da obra não possa ter sido escrito no breve período decorrido entre a temporada em Brundísio, o retorno a Roma e o início verdadeiro e próprio da escrita do tratado. A leitura dos mais antigos discursos em língua latina, a formação de um julgamento articulado sobre os intelectuais mais significativos do primeiro desenvolvimento da eloquência romana, como Catão, a realização de um quadro adequado da oratória precedente a ele, certamente não podem ser improvisados em poucos meses: de fato, apontamentos e ideias preliminares encontram sua mais coerente finalização no ambiente de atuação da política ativa na qual Cícero se coloca<sup>50</sup>.

---

certain orators whom he now knew to be dead, but saw no need to alter or transfer the account of Cato which he had already written. Perhaps he was already planning the separate eulogy of Cato which produced shortly afterwards” (Douglas, 1966, p. X).

<sup>50</sup> “Pare certo che il lavoro preparatorio dell’opera non possa essere certo circoscritto nel breve periodo intercorso tra il soggiorno a Brindisi, il ritorno a Roma e l’inizio vero e proprio della scrittura del trattato. La lettura delle più antiche orazioni in lingua latina, la formazioni di un giudizio articolato sugli intellettuali più significativi del primo sviluppo dell’eloquenza romana, come Catone, la realizzazione di un quadro adeguato dell’oratoria a lui precedente non si improvvisano certo in pochi mesi: semmai, appunti e idee preliminari trovano la loro più coerente finalizzazione nella cornice di disimpegno dalla politica attiva in cui Cicerone si colloca” (Marchese, 2011, p.10).

Contudo, permitimo-nos acrescentar ainda outra questão referente a tal debate sobre a composição do diálogo. Como vimos, o *Brutus* é a história da cultura e da arte oratória romana apresentada em forma de um diálogo filosófico. Dessa forma, o autor faz com que sua obra ao mesmo tempo exija precisão histórica e tenha, no entanto, toda a licença para ironia nos moldes de um diálogo platônico.

Dessa forma, sob nosso ponto de vista, o fundamental é pensarmos que o *Brutus* é uma obra que exigiu muito empenho de seu autor. Essa dedicação resultou na construção de um diálogo erudito que segue a tradição filosófica platônica de composição.

Em seus recursos estilísticos, o livro pode não apenas ter sido desenvolvido sob a perspectiva evolutiva (uma forma nova de composição historiográfica para sua época<sup>51</sup>), mas igualmente sob um tempo cronológico narrativo que permita que o diálogo se inicie com Catão ainda vivo, mas termine com Torquato, Triário e Lêntulo já mortos na batalha que colocaria fim à República.

---

<sup>51</sup> É importante destacarmos que o *Brutus* representa um importante papel na inovação de certa forma de escrita, já que, como afirma Narducci (2009, p. 162), antes dessa obra, “não foi possível apontar modelos literários precisos para um diálogo que tem como tema a evolução histórica de uma *ars*” (“non è stato possibile indicare precisi modelli letterari per un dialogo avente come materia l’evoluzione storica di *un’ars*”). Ainda segundo esse autor, uma novidade provavelmente sem precedente é o fato de a exposição histórica da evolução da arte oratória ser conduzida na forma de um diálogo. A acuidade desse debate deriva do fato de que essa obra é o primeiro exemplo, que chegou a nós, de uma arte na tradição europeia que se vale da periodização em sua construção narrativa, recurso este que se tornou posteriormente comum na tradição literária europeia.

Tal hipótese não nos parece absurda, tendo em vista que toda a construção do diálogo e da descrição dos grandes oradores do passado parece ter como *télos* não apenas Cícero na figura de maior orador de todos, mas, conseqüentemente, o fim da República como ponto final da eloquência romana<sup>52</sup>. Sob essa perspectiva, acreditamos ser possível que o texto traga também outras nuances que apontem para esse fim, como é o caso que acabamos de apresentar.

Com efeito, as reflexões que podem ser derivadas de considerações relativas à extensão da vida de Catão (se estaria vivo ou morto durante a escrita do texto), embora sejam copiosas na recepção recente da obra, talvez devessem ser relativizadas através da perspectiva do próprio texto. Afinal, a observância dos códigos do gênero e dos efeitos artísticos deve ter prioridade em relação a conjecturas dificilmente verificáveis. É provável que a ordem de referência que Cícero organiza para os oradores que integram o diálogo seja mais relevante para nosso estudo que as reflexões sobre a datação. Assim, podemos conduzir o levantamento de algumas hipóteses. A disposição dos oradores seguiria um princípio de ordenamento sugerido pela tradição do gênero? Ou conveniente, no sentido da convenção social? É possível também questionar se os altos representantes da retórica não respeitam a cronologia. Diríamos que é desaconselhável descartar integralmente qualquer um desses princípios, mas certamente outra organização parece ser prevalente: pode-se

---

<sup>52</sup> A última parte do diálogo se perdeu.

observar com segurança que a ordem estabelecida para se referir aos oradores se aproxima de uma axiologia progressiva. Isso quer dizer que os primeiros oradores apresentados naturalmente são brilhantes e importantes, mas se eclipsam na sombra da grande estatura do último retórico, Cícero.

## 1.2 A CONSTRUÇÃO TELEOLÓGICA DE CÍCERO NO *BRVTVS*

Uma vez observadas as precisões da seção anterior, impõe-se recordar que, para a composição do diálogo, Cícero teria tido que enfrentar o trabalho preliminar de rastrear textos de inúmeros discursos para caracterizar adequadamente os oradores do passado.

A dificuldade residia principalmente no fato de, até meados do século II a.C., a eloquência ser considerada, sobretudo, um desempenho oral<sup>53</sup>: poucos eram os oradores que nesse período escreviam seus próprios discursos; em alguns casos, os escritos eram feitos apenas em forma de esboço, chamados *commentarii*, que em parte foram preservados ou pelos arquivos de famílias nobres de Roma, ou por terem sido postos à disposição de oradores jovens para a sua educação.

Provavelmente o autor do *Brutus* também se confrontou com a grande dificuldade de organizar a história da eloquência de acordo com um quadro cronológico confiável. Para tanto, Cícero teria seguido como modelo o já citado *Liber annalis* de Ático – sobre o qual trataremos mais especificamente na próxima seção, mas que, por ora, basta que saibamos: a obra se configurava como manual que compreendia sete séculos de história através de minuciosas listas de magistrados, leis e diversos acontecimentos importantes ligados às famílias tradicionais de Roma, mas que não chegou aos nossos dias.

---

<sup>53</sup> Cf. Narducci, 2002, p. 403.

Alguns estudiosos modernos têm-se dedicado ao estudo da *ordo* prosopográfica dos oradores descritos no *Brutus*<sup>54</sup>. Embora sua preceptiva seja retórica, trata-se da única obra de interesse prevalentemente historiográfico de Cícero de que se tem conhecimento.

Segundo Narducci<sup>55</sup>, nos períodos mais recentes, isto é, mais próximos do momento em que se passa o diálogo – descritos ao final da obra –, Cícero parece seguir também um método bastante preciso, utilizando uma ordem baseada em primeiro lugar no cargo mais alto do *cursus honorum*<sup>56</sup> – primeiro vinham, portanto, os cônsules e depois os não-cônsules –; em seguida, baseando-se na data de nascimento dos oradores individualmente ou numa cronologia inferida a partir de suas carreiras como magistrados<sup>57</sup>.

De toda forma, é um esquema segundo o qual o autor parece conferir uma boa disposição e, ao mesmo tempo, ampla liberdade a sua descrição. Isso contribui muito para evitar a monotonia do diálogo, uma vez que Cícero se aproxima dos períodos apresentados com muita vivacidade e, por vezes, interrompe essa ordem cronológica por conta de associações de outro tipo, como, por exemplo, agrupamentos: temos, por exemplo, o grupo dos oradores de orientação estoica (parágrafos 117-121), o grupo daqueles que têm por

---

<sup>54</sup> Cf. especialmente Sumner, 1973.

<sup>55</sup> Narducci, 2002, p. 403-404.

<sup>56</sup> O *cursus honorum* dizia respeito à carreira política seguida durante a República romana e também durante os dois primeiros séculos do Império. Essa carreira acompanhava uma ordem que garantia acesso às magistraturas públicas de Roma: questor, edil, tribuno, pretor e, por fim, cônsul. Os candidatos eram escolhidos com base em suas reputações pessoais e de suas famílias.

<sup>57</sup> Cf. Sumner, 1973.

trabalho serem acusadores (parágrafos 130 e subsequentes), o grupo dos oradores de origem provinciana (parágrafos 169-172, 271) e, por fim, Cícero parece reagrupar nos parágrafos 265 a 269 os oradores que morreram na última fase da guerra civil.

De fato, o leitor do *Brutus* não escapa à sensação de que a exposição dos oradores se faz de modo muito mais vivaz e detalhado conforme Cícero vai se aproximando de seu próprio período histórico. Essa impressão é plenamente justificada, visto que, como expusemos, nas fases mais remotas da eloquência romana, Cícero teve de limitar-se a um procedimento significativamente mais conjectural e dedutivo, o qual proporciona, por vezes, inferências acerca das habilidades oratórias de cada personagem no que concerne à sua importância política.

Diversamente, nos últimos períodos descritos, como é mais provável que Cícero tivesse acesso a um maior número de textos, o tratamento dos discursos dos oradores citados no diálogo é mais aprofundado, sobretudo no que diz respeito à *inuentio* e à *dispositio* desses oradores. Diríamos que isso ocorre porque são essas partes que mais se destacam no discurso escrito. A *memória*, a *elocutio* e a *actio*, mais evidentes na *performance* oral em frente ao auditório, são mais destacadas principalmente em oradores da época de Cícero (*mea aetas*), os quais ele pôde, mais provavelmente, conhecer melhor.

Essas condições fazem com que a segunda parte do *Brutus* – cujo início é classicamente estabelecido a partir do parágrafo 139 com o tratamento de

Antônio e Crasso – seja considerada mais bem construída em relação à primeira. Ainda que existam quebras entre as seções na segunda metade da obra, elas são cada vez menos evidentes ao longo do diálogo, embora certa descontinuidade seja inevitável, como já pudemos afirmar, tendo em vista a própria natureza dos materiais da bibliografia que Cícero tinha à disposição.

Não chegou aos nossos dias boa parte da correspondência entre Cícero e Ático que dataria do período de composição do *Brutus*, isto é, de fevereiro a março de 46, à qual, segundo Douglas (1973, p. 98), alguma revisão talvez tivesse sido feita em abril desse mesmo ano. A única possível exceção seria a carta *ad Atticum*, 12, 2, provavelmente composta no fim de março ou começo de abril de 46, conforma indica Shackleton Bailey (1999, p. 30), editor inglês das epístolas de Cícero a Ático.

No entanto, outra importante fonte para o estudo do método de trabalho de Cícero no *Brutus* tem sido sua produção epistolar do período um pouco posterior à obra. Nessas correspondências, é possível vermos o Arpinate pedindo informações a Ático sobre diversos oradores do passado, já que o amigo há bastante tempo se dedicava a pesquisas genealógicas acerca das famílias nobres de Roma. Como muito provavelmente Ático teve acesso a arquivos que continham textos e *commentarii* antigos de diversas famílias importantes, por conta de seu trabalho como “genealogista”, por assim dizer, é possível que tenha ajudado Cícero em sua composição cronológica, embora isso não possa ser comprovado.

De toda forma, o que nos interessa aqui é que o *Brutus* é uma obra de história: a única da lavra de Cícero de que se tem notícia. A esse respeito, recordamos que o orador seria especialmente responsável pela *ars memoriae*, a “arte da memória”. Uma história progressiva considera que cada novo grande orador seria maior que o anterior. No tempo de Cícero, essa valorização recai sobre ele próprio, que seria o mais excelente orador de seu tempo.

A guarda da memória é também disputada pelos poetas, a quem a tradição afere a *ars memoriae*<sup>58</sup>, a qual teria sido uma invenção do poeta Simônides de Ceos<sup>59</sup>. Ainda, por outro lado, Platão também reclamasse a memória como condição natural da filosofia, pois não se aprenderia nada quando se é cheio de esquecimento<sup>60</sup>.

É importante recordarmos que Cícero já tinha exposto largamente essa dimensão ideal do orador no segundo volume de seu *De oratore* (3, 88, 359): *rerum memoria propria est oratoris*, “a memória das coisas é própria do orador”<sup>61</sup>. Parece-nos, portanto, que para o autor tratar-se-ia, pois, não só do melhor historiador dos fatos importantes e verdadeiros, mas igualmente uma figura encarregada da triagem entre os bons e os maus feitos – e isso pressupõe a seleção entre bons e maus romanos. Um comentador recente esclarece, então, tal imbricação:

---

<sup>58</sup> Cf. Jaeger, 1995, p. 335.

<sup>59</sup> Cf. Quintiliano, *Institutio oratoria*, 10, 1, 64.

<sup>60</sup> Sobre isso, cf. *República*, 486c, e a célebre teoria da reminiscência em Menon 80d.

<sup>61</sup> Trad. Scatolin, 2009.

A *dignum memoria* implica, com efeito, dois critérios. São dignos de memória os fatos autênticos e os fatos julgados moralmente importantes. Cícero aplica, sobretudo, o segundo critério em sua teoria historiográfica. Tito Lívio (*Praefatio* 9-11) fará dela uma regra historiográfica, julgando necessário elaborar uma história moral de Roma, notadamente através de seus *exempla*, para conferir modelos a seus contemporâneos: “aquilo que a História oferece, sobretudo de salutar e fecundo, são os exemplos instrutivos de todo tipo que descobrimos à luz da obra: encontramos nela, para seu bem e o de seu país, modelos a serem seguidos; encontramos nela ações vergonhosas, tanto por suas causas como por suas conseqüências, e que devemos evitar”<sup>62</sup>.

A linhagem de oradores que o autor do *Brutus* inclui em seu diálogo é, por conseguinte, uma genealogia da oratória que, como já assinalamos com outras palavras, deve ser concebida através dos *exempla*. Nessa perspectiva, o registro da eloquência de Catão e o silêncio a respeito de todos os oradores vivos, exceto o próprio Cícero, seriam uma seleção simultaneamente retórica e

---

<sup>62</sup> “Le *dignum memoria* [sic] implique en fait deux critères : sont dignes de mémoire les faits authentiques et les faits jugés moralement importants. Cicéron applique avant tout le deuxième critère dans sa théorie historiographique. Tite-Live (*Praefatio* 9-11) en fera une règle historiographique, jugeant nécessaire d’élaborer une histoire morale de Rome notamment à travers ses *exempla*, pour donner des modèles à ses contemporains (*Praefatio* 10) : ‘Ce que l’Histoire offre surtout de salubre et de fécond, ce sont les exemples instructifs de toute espèce qu’on découvre à la lumière de l’ouvrage : on y trouve, pour son bien et celui de son pays, des modèles à suivre ; on y trouve des actions honteuses, tant par leurs causes que par leurs conséquences et qu’il faut éviter” (Guard, 2009, 9).

sobre a retórica em sua relação com a causa; se preferirmos, a obra seria a coincidência entre um olhar diacrônico (genealógico e histórico) com vistas ao olhar sincrônico (a oratória e a alegada decadência romana)<sup>63</sup>. Se assumirmos essa interpretação, é possível compreendermos o diálogo como uma história da linhagem eloquente da eloquência.

Essa política de abordar apenas oradores já falecidos é, no entanto, quebrada pelo menos duas vezes ao longo do diálogo: a primeira quando Bruto lamenta a perda para a República que é ser privada da voz e dos conselhos de Cícero; a segunda é quando o próprio Cícero silencia o lamento de Bruto em relação aos oradores que já haviam morrido por conta da Guerra Civil, fazendo uma previsão de que muitos ainda morrerão por terem ignorado a defesa da paz feita pelo Arpinate. Dessa forma, os significados políticos que não poderiam ser discutidos na obra abertamente, ao serem velados, tornam-se evidentes aos leitores que passam a suspeitar dessa consideração do *Brutus* acerca do silêncio na política.

Além das duas formas de texto já apresentadas, o *Brutus* explora ainda uma terceira: a *laudatio funebris*. Ao descrever o momento em que a oratória vê seu fim, com o fim da República, Cícero faz que sua obra funcione também como uma espécie de elogio fúnebre sobre o cadáver da eloquência romana. Para isso, o autor constrói o diálogo também com base nos elementos

---

<sup>63</sup> Cf. Dugan, 2005, p. 172.

essenciais à *laudatio funebris*. Temos, então, o elogio do *mos maiorum*<sup>64</sup> – isto é, dos valores e costumes dos cidadãos, que eram guiados com base na memória dos antigos em relação às tradições romanas – enquanto estabelecimento de conexões genealógicas para, por fim, exortar as gerações mais jovens.

Vimos como parece urgente a Cícero, depois de seu retorno a Roma, voltar-se para seus antigos *amici*. Na carta a Varrão já mencionada, ele usa a expressão *redire in gratiam cum ueribus amicis*, isto é “voltar a reconciliar-se com antigos amigos”. Vimos ainda, na seção anterior, que o orador usa o termo *amici* para se referir a seus livros, mas acreditamos que não apenas a eles: é possível que ele aluda, nesse contexto, também a seus amigos reais, com os quais ele sente a necessidade de restaurar um antigo contato a fim de reavivar a prática cotidiana de debates (entre *amici*).

Dentre esses, não podemos deixar de destacar não só os amigos que participam do diálogo no *Brutus* – Ático e Bruto –, mas também um importante amigo da República e rival histórico de Cícero: Quinto Hortênsio Hórtalo, que foi um famoso orador, morto em 50 a.C., e que recebe grande destaque no início do diálogo.

Como defenderemos, a figura de Hortênsio parece servir como um elemento de ruptura entre o método do *De oratore* e o *Brutus*. As diferenças de

---

<sup>64</sup> Segundo a definição de Sexto Pompeu Festo (157), um autor do século II d.C.: “*Mos* é costume dos pais, isto é, a memória dos antigos, sobretudo em relação aos ritos e cerimônias da Antiguidade” (*Mos est institutum patrum, id est memoria veterum pertinens maxime ad religiones caerimoniasque antiquorum*; Festo, *De Verborum Significatu*, v. *Mos*, p. 146 L).

orientação e de atmosfera entre as duas obras podem ser evidenciadas pelo tratamento que essas obras dão à figura de Hortênsio: na primeira temos, então, a antecipação sanguínea do futuro grandioso de Hortênsio; na segunda, a resposta indicando como ele falhou na realização desse potencial. Dessa forma, Cícero parece desvincular a idealidade presente no *De oratore* da realidade histórica evidente no *Brutus*.

No *De oratore*, Hortênsio aparece, ainda no início de sua promissora carreira, evocado no fechamento da obra, por Cátulo, como uma grande e segura esperança para o fórum romano:

**228.** Apresentei o que pude, não de acordo com minha vontade, mas conforme me obrigaram as limitações do tempo. É elegante atribuir a causa ao tempo quando não se é capaz de acrescentar mais nada, ainda que se queira.

– Na verdade, observou Cátulo, até onde posso julgar, reuniste todos os elementos de uma maneira tão divina, que pareces, não tê-los tomado aos gregos, mas seres capaz de ensiná-los a eles próprios. Alegro-me de ter sido aceito para participar desta conversa, e gostaria que meu genro, Hortênsio, teu camarada, tivesse estado presente: confio que ele se sobressairá em todos esses méritos que abarcaste em teu discurso.

**229.** E Crasso disse: - Dizes “se sobressairá”? Na verdade, julgo que já se sobressai, e já o julgava quando defendeu a causa da África no senado, em meu consulado, e mais ainda

há pouco tempo, quando defendeu o rei da Britânia. Por isso, tua percepção é correta, Cátulo: penso que nada falta a esse jovem no que concerne à natureza ou à formação teórica. Eis que tu, Cota, e tu, Sulpício, deveis atentar e trabalhar mais. **230.** De fato, ele não vem depois de vossa geração como um orador mediano, mas dotado de engenho extremamente penetrante, uma dedicação ardente, exímia formação teórica e uma memória singular. Embora o queira bem, desejo que ele seja superior a sua própria geração, mas é quase desonroso que, sendo tão jovem, leve vantagem sobre vós. Mas agora levantemo-nos, disse, reconfortemo-nos e, enfim, aliviemos nossos ânimos e nossa atenção da tensão desta discussão<sup>65</sup>.

De fato, concordamos com a interpretação de estudiosos como Narducci, Dugan e Marchese de que Hortênsio representaria, portanto, uma espécie de ponte simbólica entre as duas obras, até mesmo pelo fato de, como vimos, o *De oratore* ter sido finalizado exatamente no momento em que é

---

<sup>65</sup> **228.** *Edidi, quae potui, non ut uolui, sed ut me temporis angustiae coegerunt; scitum est enim causam conferre in tempus, cum adferre plura, si cupias, non queas.* "Tu uero" inquit Catulus "conlegisti omnia, quantum ego possum iudicare, ita diuinitus, ut non a Graecis sumpsisse, sed eos ipsos haec docere posse uideare; me quidem istius sermonis participem factum esse gaudeo; ac uellem ut meus gener, sodalis tuus, Hortensius, adfuisset; quem quidem ego confido omnibus istis laudibus, quas tu oratione complexus es, excellentem fore." **229.** Et Crassus "fore dicis?" inquit, "ego uero esse iam iudico et tum iudicaui, cum me consule in senatu causam defendit Africae nuperque etiam magis, cum pro Bithyniae rege dixit. Quam ob rem recte uides, Catule; nihil enim isti adulescenti neque a natura neque a doctrina deesse sentio: **230.** quo magis est tibi, Cotta, et tibi, Sulpici, uigilandum ac laborandum; non enim ille mediocris orator in uestram quasi succrescit aetatem, sed et ingenio peracri et studio flagranti et doctrina eximia et memoria singulari; cui quamquam faueo, tamen illum aetati suae praestare cupio, uobis uero illum tanto minorem praecurrere uix honestum est." "Sed iam surgamus" inquit "nosque curemus et aliquando ab hac contentione disputationis animos nostros curamque laxemus. (Cícero, *De oratore*, III, 228 – 230; trad. Scatolin).

descrito o aparecimento triunfal desse orador no quadro político de Roma, enquanto o *Brutus* tem seu início marcado por profundo pesar: o catastrófico desaparecimento do mesmo homem público.

No entanto, diferentemente do *De oratore*, o *Brutus* se passa num cenário contemporâneo aos seus interlocutores. Isso faz com que Cícero possa ser mais direto com relação às questões de seu tempo. Para tanto, em sua estrutura, o autor dá ao texto um aspecto alheio às questões políticas, ao mesmo tempo em que se engaja em respondê-las, procurando consolar-se nessa atividade intelectual de traçar os feitos da eloquência romana. Essa estratégia faz com que, ao mesmo tempo em que haja um lamento pelo fim da oratória, haja também a explicação do fim (que podemos interpretar como uma espécie de “falecimento”) do discurso público em Roma, agora sob o domínio de César. A oratória, como parte fundamental da República, é sua representação metonímica: a *pars pro toto* permite compreender que a aniquilação da voz do orador se identifica com a República que perece.

De fato, essa passagem do tempo, demonstrada através do rompimento entre o grandioso futuro de Roma projetado no *De oratore* e a realidade do fim da República notória no *Brutus*, é literariamente muito bem construída a partir da figura de Hortênsio.

No entanto, Marchese (2011, p. 13) salienta, através da metáfora biológica de um *organismo malato*, que há ainda uma questão mais profunda demonstrada através dessa dupla referência a Hortênsio: entre essas duas

obras, não temos somente um período que corresponde ao andamento de toda a vida de um homem de grande representatividade na política republicana de Roma, como é o caso de Hortênsio, mas também, e principalmente, uma legítima expectativa quanto à vida de toda a comunidade em suas relações horizontais – entre seus contemporâneos – e verticais – entre as diferentes gerações:

A competição de talentos e de recursos, garantia de mudança de gerações e do confronto interno entre contemporâneos, desapareceu do horizonte público de Roma; o Estado não necessita mais dos instrumentos (*consilium, ingenium, auctoritas*), que as famílias organizavam e conduziam tradicionalmente mediante educação transmitida aos próprios filhos e aos *homines novi* desejosos de ascender através do *cursus honorum*, isto é, a carreira política, e isso quer dizer que o seu organismo está gravemente doente <sup>66</sup>.

---

<sup>66</sup> “La competizione di talenti e di risorse, garanzia del ricambio generazionale e del confronto interno tra coetanei, è scomparsa dell’orizzonte pubblico di Roma; lo stato non ha più bisogno degli strumenti (*consilium, ingenium, auctoritas*), che le famiglie elaboravano e trasmettevano tradizionalmente mediante l’educazione impartita ai propri figli e agli *homines novi* desiderosi di ascendere lungo il *cursus honorum*, ossia la carriera politica, e questo vuol dire che il suo organismo è seriamente malato” (Marchese, 2011, p. 13).

É importante recordarmos que essa substituição de uma geração precedente por sua posterior era de tal modo organizada e respeitada socialmente em Roma na época de Crasso e Antônio que era comum uma espécie de monitoramento social para garantir que a permuta desses intelectuais e políticos não se tornasse demasiado rápida. Isso, por vezes, impedia que alguns pudessem expressar de modo pleno suas próprias qualidades em favor da comunidade como um todo.

No entanto, quando Hortênsio deixa a vida, esse funcionamento é quebrado. No *Brutus*, o que vemos, então, não é apenas o desaparecimento de um grande orador, mas a supressão de uma estrutura social complexa oprimida pela Guerra Civil. Dessa forma, segundo Marchese (2011, p. 13), a evocação da figura de Hortênsio no início do diálogo “sinaliza aos contemporâneos de Cícero que o passado recente já é digno de tornar-se memória”:

6. De fato, se ainda estivesse vivo, talvez Quinto Hortênsio sentiria falta de todo o resto, juntamente com os demais cidadãos bons e corajosos. É, pois, uma dor que ele carregaria mais do que os outros, ou junto com poucos, de ver o fórum do povo romano (que antes era como que um teatro de seu engenho) espoliado e privado de todas as vozes eruditas e dignas de serem ouvidas pelos ouvidos gregos e romanos. 7. Eu me sinto angustiado que a República não sinta falta de assembleias, de mentes com

engenho, de autoridades e de armas, com as quais eu tinha aprendido a lidar, estava acostumado, e que eram **características próprias tanto de um homem que se destaca na República quanto de uma cidade com bons costumes e bem constituída**. Se houve na República algum momento em que a autoridade e a eloquência de um cidadão bom pudessem arrancar as armas das mãos de cidadãos irados, então isso foi sem dúvida quando a promoção da paz foi impedida ou por engano ou por medo de alguns homens. 8. Assim, acontece que, embora houvesse muitos infortúnios para deplorar, algo maior, no entanto, nos fazia sofrer: um homem da minha idade, após a conquista de grandes encargos, deveria ter de refugiar-se em um porto, por assim dizer, não de inércia nem de inatividade, mas de uma tranquilidade moderada e honesta. E quando, nessa idade, a minha própria eloquência já estiver de cabelos brancos e apresentar em si certa maturidade, quase abarcada pela velhice, então que eu pegue em armas para as quais, mesmo aqueles que haviam se dedicado a um uso glorioso, não encontravam um meio mais salutar de uso. 9. Por isso, eu acredito que eles viviam de uma maneira próspera e feliz em outras cidades e, especialmente, na nossa, com aqueles aos quais permitiu-se desfrutar tanto da autoridade e da glória dos seus feitos, quanto da estima de sua sabedoria. Tê-los na **memória** e recordá-los, em meio às maiores e mais graves preocupações, certamente me trouxe satisfação, quando, não há muito tempo atrás, uma conversa me trouxe, por acaso, a esse assunto.<sup>67</sup>.

---

<sup>67</sup> 6. *Etenim si uiueret Q. Hortensius, cetera fortasse desideraret una cum reliquis bonis et fortibus ciuibus, hunc autem aut praeter ceteros aut cum paucis sustineret dolorem, cum forum populi Romani, quod fuisset quasi theatrum illius ingeni, voce erudita et Romanis Graecisque auribus digna spoliatum atque orbatum uideret.* 7. *Equidem angor animo non consili, non ingeni, non auctoritatis armis egere rem publicam, quae didiceram tractare quibusque me adsuefeceram quaeque erant **propria cum praestantis in re publica uiri tum bene moratae et bene constitutae ciuitatis**. Quod si fuit in re publica tempus ullum, cum extorquere arma*

Fazer do passado memória nos parece, de fato, ser uma questão crucial no *Brutus*. As características que eram “*próprias tanto de um homem que se destaca na República quanto de uma cidade com bons costumes e bem constituída*” não são mais necessárias à nova forma de organização de Roma. Evocar tais elementos sugere, portanto, uma maneira explícita de salvaguardar uma identidade tradicional comum que se encontra fortemente comprometida.

Havia, entre os romanos, diversos modos ou ritos para preservar a memória, e um dos modos tradicionais era os *gentilicia funera*, isto é, os ritos funerários das famílias romanas (*gentes*), que, como sabemos através de testemunhos antigos, tinham por cerimônia, primeiramente, a lavagem do corpo seguida de sua exposição no átrio da casa. Depois disso, partia a procissão (*pompa funebris*) em direção ao Fórum, onde era feito o elogio fúnebre para que, por fim, a procissão seguisse diretamente em direção ao sepulcro, onde o morto era depositado ou cremado<sup>68</sup>.

---

*posset e manibus iratorum ciuium boni ciuis auctoritas et oratio, tum profecto fuit, cum patrociniū pacis exclusum est aut errore hominum aut timore. 8. Ita nobismet ipsis accidit ut, quamquam essent multo magis alia lugenda, tamen hoc doleremus quod, quo tempore aetas nostra perfuncta rebus amplissimis tamquam in portum confugere deberet non inertiae neque desidiae, sed otii moderati atque honesti, cumque ipsa oratio iam nostra canesceret haberetque suam quandam maturitatem et quasi senectutem, tum arma sunt ea sumpta, quibus illi ipsi, qui didicerant eis uti gloriose, quem ad modum salutariter uterentur non reperiebant. 9. Itaque ei mihi uidentur fortunate beateque uixisse cum in ceteris ciuitatibus tum maxime in nostra, quibus cum auctoritate rerumque gestarum gloria tum etiam sapientiae laude perfrui licuit. Quorum **memoria** et recordatio in maxumis nostris grauissimisque curis iucunda sane fuit, cum in eam nuper ex sermone quodam incidissemus (Cícero, *Brutus*, 6 – 9; grifo nossos).*

<sup>68</sup> Cf. Blasi, 2011, p. 181 e 182.

Segundo um testemunho de Políbio (*Historiae*, 6, 53-54), sabemos que quando um cidadão ilustre falecia, o corpo era carregado com todas as honras até o Fórum, onde geralmente o filho mais velho lia o elogio fúnebre. Depois desse elogio, era colocada no átrio da própria casa sua *imago*, que consistia em uma espécie de máscara que reproduzia os traços faciais do ancestral. Tais *imagines* eram geralmente adornadas e posteriormente expostas em sacrifícios públicos e, durante o funeral, os familiares a usavam como forma de personificar características do falecido. Além dessas *imagines*, os homens da família vestiam também roupas que representavam a última posição ocupada por aquele que agora estava sendo velado.

Por ocasião da morte de qualquer homem ilustre, ele é levado em seu funeral com toda a pompa até o Fórum, perto dos chamados rostros, algumas vezes bem à vista em posição vertical, e mais raramente reclinado. Ali, com todo o povo de pé em volta, um filho crescido, se ele deixou algum que esteja presente em Roma, ou se não outro parente, sobe aos Rostros e pronuncia um discurso alusivo às suas qualidades e aos seus sucessos e feitos ao longo da vida. Conseqüentemente toda a multidão, e não apenas quem teve alguma participação nesses feitos, mas também quem não teve, quando os fatos são lembrados e postos diante de seus olhos comove-se e é levada a tal estado e empatia que a perda parece não se limitar somente a quem chora o morto e passa a ser extensiva a todo povo. Em seguida, após o enterro e a realização das cerimônias usuais, coloca-

se uma imagem do defunto no lugar mais visível da casa, numa espécie de tabernáculo de madeira. Essa imagem consiste numa máscara reproduzindo com notável fidelidade a tez e a feição do morto. Nos dias de festas religiosas públicas essas imagens são expostas e conduzidas por homens que pareçam assemelhar-se mais a cada defunto em estatura e compleição. Esses homens vestem uma toga com *debrum* cor de púrpura se o defunto era cônsul ou pretor, toda de púrpura se ele era censor, e bordada de ouro se ele tivesse recebido as honras do triunfo ou alguma distinção desse gênero. Tais homens são levados num carro precedido de fasces, machados e outras insígnias às quais cada um dos personagens por eles encarnados tinha direito de acordo com a função que exercera em vida; quando eles chegam aos rostros, sentam-se em cadeiras de marfim enfileiradas. Não seria fácil imaginar um espetáculo mais nobilitante e edificante para um jovem que aspire à fama e à excelência. De fato, quem não se sentiria estimulado pela visão das imagens de homens famosos por suas qualidades excepcionais, todos reunidos como se estivessem vivos e respirando? Poderia haver um espetáculo cívico mais belo que esse?<sup>69</sup>

O tipo de funeral descrito por Políbio se restringe, evidentemente, apenas à elite de Roma; os funerais de pessoas que não eram nobres não tinham, por exemplo, a *pompa funebris*, apenas uma pequena procissão até o cemitério<sup>70</sup>. Alusões sociais e políticas eram intrínsecas à cerimônia fúnebre:

---

<sup>69</sup> Políbio, *Histórias*, 6.53; tradução Mário da Gama Kury, *apud* Martins, 2010, p. 13.

<sup>70</sup> Cf. Propércio 2,13.

alguns indivíduos eram excluídos por conta ou da idade (no caso de serem muito jovens) ou da renda; além disso, os grupos na procissão eram divididos de acordo com uma rígida ordem hierárquica e social<sup>71</sup>.

O *funus* da nobreza romana<sup>72</sup> tinha, portanto, três momentos principais: num primeiro momento, havia a exposição do corpo, que ocorria dentro da casa; em seguida, ele era levado em procissão até o cemitério e, por fim, após os rituais de purificação, ocorria o enterro ou a cremação.

Assim, as *imagines* cumpriam a função de *corrispettivo fidele*<sup>73</sup> no cortejo fúnebre (*pompa*) de patrícios, ou seja, representavam uma autêntica correspondência com a pessoa falecida. A *similitudo* constituía, portanto, uma coesão inerente entre *imago* e *persona*. Dessa forma, como bem elucidada Martins:

[C]entrados na morte, os romanos, ou pelo menos, os nobres romanos, em seu sentido amplo, entre os séculos I a.C. e I d.C., a partir de uma performance notadamente retórica, transformam o fim da vida em rito civil no qual as *imagines* dos mortos são louvadas, impondo substituição do corpo vivo/morto por *repraesentationes* materiais que recolocam o morto entre vivos, o que, por contigüidade, também é uma forma possível de vida, a da memória<sup>74</sup>.

---

<sup>71</sup> *Idem*, p. 23.

<sup>72</sup> Sobre isso cf. Corneli, 2010.

<sup>73</sup> Marchese, 2011, p. 14.

<sup>74</sup> Martins, 2010, p. 3.

A descrição dessas tradições fúnebres antigas nos aproxima do leitor imediato do *Brutus*, que certamente mobilizava a familiaridade desses costumes para a recepção da homologia entre os ritos de morte e a *laudatio funebris* presente no diálogo. Nossa interpretação é de que, de certa forma, assim como as *imagines* representam a transubstanciação da vida para a memória, os mortos no *Brutus* também têm preferência, como memória, em relação aos vivos.

A louvação fúnebre de Hortênsio pode ser vista, portanto, como o rito de inscrição do orador morto no rol da memória – uma inscrição escrita a partir de sua vida. Se assumirmos a perspectiva da isonomia entre a morte de Hortênsio e a morte da República, algo semelhante pode ser dito sobre Roma: sua morte simbólica, a decadência do fórum público, seria a condição para a transição entre sua vida e sua memória. Em outras palavras, a morte é a própria condição para a composição do *Brutus*, uma obra sobre a memória de Roma.

Cícero, como historiador da oratória, pôde exibir sua oceânica erudição ao longo do *Brutus*, mas nesta obra é a mnemônica hortensiana que parece receber a deferência, não a sua própria. De fato, Quintiliano narra uma anedota sobre Hortênsio, que teria se lembrado de todos os numerosos objetos de um leilão e seus respectivos compradores<sup>75</sup>.

Chegando mais para o fim da narração do *Brutus*, a figura de Hortênsio aparece novamente. Segundo o julgamento apresentado por Cícero, exposto

---

<sup>75</sup> Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3, 3, *apud* Yates, 2007, p. 43.

agora próximo à conclusão, além de sua excepcional memória, seu talento natural, somado a uma enorme disciplina em se exercitar, fizeram com que o célebre orador romano asseverasse um reconhecido domínio de uma ampla gama de recursos expressivos.

301 Hortênsio, então, tendo começado muito jovem a discursar no fórum, rapidamente começou a ser convidados às causas mais importantes; e ainda que tivesse de viver no tempo de Cota e Sulpício, que eram dez anos mais velhos, tempo dos excelentes Crasso e Antônio, em seguida Filipo e depois Júlio, sua glória no dizer se comparava à desses próprios homens. Em primeiro lugar, havia uma **memória excepcional**, a qual eu acredito não haver encontrado em ninguém, de maneira que as coisas que ele considerava consigo mesmo, as repetia sem recurso à escrita com as mesmas palavras com as quais havia pensado. Ele se valia de tal maneira dessa ajuda tão grande que se recordava do que havia elaborado e escrito e tudo aquilo que havia sido dito por todos os seus adversários, sem que ninguém lhe reproduzisse. 302 Ardia tanto de entusiasmo que nenhuma vez vi em ninguém aplicação mais flagrante. De fato, não deixava passar nenhum dia sem que falasse no fórum ou sem que praticasse fora do fórum; muito frequentemente fazia ambas as coisas em um só dia. Havia iniciado um gênero oratório que não era de modo algum popular, havia duas coisas que não eram de mais ninguém: as partições, isto é, sobre quais argumentos havia tratado, e as recapitulações, mencionando aquilo que era dito pelos adversários e também aquilo que era dito por ele mesmo.

303 Era elegante no esplendor das palavras, apto na composição, copioso em seu talento; e havia alcançado isso graças ao seu elevado engenho e a uma frequentíssima prática. Aprendia o assunto de memória, dividia-o com acuidade e não negligenciava quase nada que estivesse na causa ou para confirmar ou para refutar. Sua voz era sonora e branda; seus movimentos e seus gestos envolviam mais arte do que era suficiente a um orador <sup>76</sup>.

É a partir desse momento da narrativa que Cícero entrelaça com grande engenho a representação do declínio e desaparecimento de Hortênsio com sua própria ascensão na eloquência romana.

Cícero destaca, por exemplo, como o estilo asianista – do qual o principal representante de seu tempo era Hortênsio – era pobre em *grauitas*, sendo mais adequado a um jovem do que a um velho senador. Isso explicaria por que, antes mesmo de seu desaparecimento, Hortênsio já não tivesse mais

---

<sup>76</sup> **301** *Hortensius igitur cum admodum adulescens orsus esset in foro dicere, celeriter ad maiores causas adhiberi coeptus est; et quamquam inciderat in Cottae et Sulpici aetatem, qui annis decem maiores erant, eccellente tum Crasso et Antonio, dein Philippo, post Iulio, cum his ipsis dicendi gloria comparabatur. Primum **memoria tanta**, quantam in nullo cognouisse me arbitror, ut quae secum commentatus esset, ea sine scripto uerbis eisdem redderet, quibus cogitauisset. Hoc adiumento ille tanto sic utebatur, ut sua et commentata et scripta et nullo referente omnia omnium aduersariorum dicta meminisset. **302** Ardebat autem cupiditate sic, ut in nullo umquam flagrantius studium uiderim. Nullum enim patiebatur esse diem quin aut in foro diceret aut meditaretur extra forum; saepissime autem eodem die utrumque faciebat. Attuleratque minime uulgare genus dicendi, duas quidem res quas nemo alius, partitiones, quibus de rebus dicturus esset, et collectiones eorum quae essent dicta contra quaeque ipse dixisset. **303** Erat in uerborum splendore elegans, compositione aptus, facultate copiosus; eaque erat cum summo ingenio tum exercitationibus maximis consecutus. Rem complectebatur memoriter, diuidebat acute, nec praetermittebat fere quicquam quod esset in causa aut ad confirmandum aut ad refellendum. Vox canora et suavis, motus et gestus etiam plus artis habebat quam erat oratori satis. (Brutus, 301-303).*

o mesmo reconhecimento que tivera em sua juventude. O Arpinate apresenta, então, dois motivos principais para esse obscurecimento da oratória hortensiana:

(...) se nos questionarmos por que Hortênsio tinha sido mais vivaz na juventude do que na maturidade, poderemos encontrar duas excelentes razões: em primeiro lugar, é fato que o estilo asiático de eloquência era mais adequado à juventude do que à maturidade<sup>77</sup>.

Já a segunda razão, desenvolvida um pouco mais à frente no diálogo é, em verdade, uma reformulação da primeira, uma vez que tange novamente à falta de decoro do orador já maduro ao afirmar que a posição e autoridade de Hortênsio, enquanto homem maduro, exigiam mais *grauitas* do que ele de fato apresentava e, além disso, sua eloquência “não estava mais adornada com a forma de discurso que lhe era comum”<sup>78</sup>. Assim, já na passagem 320, através de uma metáfora muito arguta de Cícero, Hortênsio é, por fim, comparado a uma daquelas pinturas velhas já corroídas pelo tempo e que vão vagarosamente perdendo a vivacidade de suas cores.

---

<sup>77</sup> (...) *med si quaerimus, cur adulescens magis floruerit dicendo quam senior Hortensius, causas reperiemus uerissimas duas. primum, quod genus erat orationis Asiaticum adulescentiae magis concessum quam senectuti (Ibidem, 325).*

<sup>78</sup> *sed ea vestitu illo orationis, quo consuerat, ornata non erat (Idem, 327).*

Não podemos perder de vista que a história do próprio Cícero, que tem seu auge correlacionado com o “desbotamento” de Hortênsio, é apresentada como modelo para o desenvolvimento da história da oratória romana, elaborada no *Brutus* através de vários períodos construídos sempre a partir de realizações e superações dos seus modelos antecessores.

Para nós, essa construção evolutiva implica uma relativização, uma vez que as realizações dos oradores mais antigos não podem ser avaliadas a partir da comparação com as dos mais recentes. Afinal, os oradores subsequentes têm a vantagem de terem aprendido com seus predecessores.

A *imitatio* é, portanto, condição imprescindível não só para o desenvolvimento evolutivo da história apresentada no *Brutus*, mas principalmente um instrumento de Cícero, que se localiza na posição de último orador, isto é, *télos* de toda a história da eloquência.

Sendo assim, acreditamos que a *imitatio* tem papel fundamental na história da eloquência elaborada por Cícero no *Brutus*. A teoria evolutiva nela apresentada tem suas raízes no conceito de imitação e engloba tanto o desenvolvimento da oratória como um todo, quanto do orador enquanto indivíduo, o que serve como uma explicação dos fatos que formam a individualidade específica de um orador em especial: o próprio Cícero e sua autobiografia.

### 1.3 RELAÇÕES COM OUTRAS OBRAS

Cícero herdou a dupla tradição grega e romana do ensino da teoria retórica, e ela não é menos dupla pelo fato de a latina ter derivado da cultura helênica. Não foi apenas a figura de Hortênsio que marcou as diferenças presentes no método do *De oratore* em relação ao *Brutus*. No que toca à imitação, pelo menos, a abordagem ciceroniana foi modular as diferenças entre essas duas obras em função de transformações críticas no mundo em torno dele.

Como vimos, Cícero refere alegoricamente as causas históricas evidentes de sua profecia pessimista (a extinção da retórica) através de um evento menos político que a ditadura: a morte de Hortênsio. A nosso ver, esse procedimento se dá mediante associação da imitação (*imitatio*) do retórico morto na metáfora velada (mas não muito) dos ideais republicanos mortos. Dever-se-ia imitar Hortênsio da mesma maneira que a liberdade de sua oratória.

Segundo a formação descrita pelo personagem Crasso no *De oratore*, os alunos gregos de Retórica escolhiam o modelo de uma tradição contemporânea ou de uma tradição anterior para imitarem. Da mesma forma, os estudantes de Retórica romanos aprendiam originalmente em grego e a partir de modelos gregos, treinando, por imitação, em obras de uma língua estrangeira. Como podemos ver nas passagens 155 do primeiro livro do *De*

*oratore* e 310 do *Brutus*, o próprio Cícero teria experimentado essa formação.

Eis os trechos:

Posteriormente, decidi, e foi o que fiz já um pouco mais velho, parafrasear os discursos gregos dos maiores oradores. Depois de lê-los, conseguia, ao traduzir em latim o que lera em grego, não apenas empregar as melhores palavras, ainda que de uso comum, mas também, por imitação, forjar alguns termos novos para nossos conterrâneos, contanto que apropriados.<sup>79</sup>

Eu me preparava declamando – pois é assim que se fala hoje em dia – frequentemente com Marco Pisão e com Quinto Pompeu ou diariamente com outra pessoa e o fazia também em latim, mas mais frequentemente em grego, ou porque a língua grega, proporcionando uma maior riqueza de ornamentos, produzia o costume de falar com igual elegância em latim; ou porque, se eu não tivesse me expressado em grego, eu não teria sido capaz nem de ser corrigido pelos melhores mestres gregos e nem de receber minha formação<sup>80</sup>.

---

<sup>79</sup> *Postea mihi placuit, eoque sum usus adulescens, ut summorum oratorum Graecas orationes explicarem, quibus lectis hoc adsequebar, ut, cum ea, quae legeram Graece, Latine redderem, non solum optimis uerbis uterer et tamen usitatis, sed etiam exprimerem quaedam uerba imitando, quae nova nostris essent, dum modo essent idônea* (Cícero, *De oratore*, 1, 155; tradução Sactolin).

<sup>80</sup> *Commentabar declamitans—sic enim nunc loquuntur—saepe cum M. Pisone et cum Q. Pompeio aut cum aliquo cotidie, idque faciebam multum etiam Latine sed Graece saepius, uel quod Graeca oratio plura ornamenta suppeditans consuetudinem similiter Latine dicendi adferebat, uel quod a Graecis summis doctoribus, nisi Graece dicerem, neque corrigi possem neque doceri* (Cícero, *Brutus*, 310).

Para Cícero, havia duas formas concorrentes de imitação. Ele pôde defender sua *imitatio* de oradores atenienses através de Crasso no *De oratore*. Esse teria sido o ideal de Dionísio de Halicarnasso, que chegou a pedir a seus leitores gregos para imitarem oradores e escritores clássicos que se distanciassem deles em cerca de três séculos<sup>81</sup>. Foi também o princípio de contemporâneos mais jovens do que Cícero, os aticistas, que defendiam que os jovens oradores latinos imitassem o chamado *Atticum genus*<sup>82</sup>.

Embora Cícero (personagem) tenha aceitado e argumentado em favor de tal premissa no *Brutus*, no *De oratore*, contudo, ele assume que os alunos romanos deveriam imitar seus mestres, ou outros contemporâneos mais velhos, e que esses modelos precisariam ser latinos e não gregos.

As passagens de 87-97 do segundo livro do *De oratore* são especialmente importantes para o nosso propósito de investigar a importância da noção de *imitatio* no *Brutus* em oposição ao *De oratore*. Através do personagem Antônio, o que podemos observar – mais do que as considerações acerca da formação do orador – é, sobretudo, uma importante discussão que se desenrola a partir de uma suposição sofisticada acerca da acuidade da imitação no crescimento em larga escala da oratória enquanto arte passada de geração a geração. Este significado mais amplo de imitação na

---

<sup>81</sup> Cf. Fantham, 1978, p. 244.

<sup>82</sup> Cf. *Brutus* 68 e 285.

técnica retórica é levantado em *De oratore* 2.92, ocasião em que Cícero pergunta: “De fato, qual julgais ser a causa de que cada geração exalte praticamente um único gênero de discurso?” (*quid enim causae censetis esse, cur aetates extulerint singulae singula prope genera dicendi?*).

Ao seguirmos a leitura do *De oratore*, percebemos que a imitação é vista como a principal causa da evolução da oratória e como fator determinante para a linguagem de todos os *genera dicendi*<sup>83</sup>. Sendo assim, parece-nos que a história da oratória ateniense, apresentada em *De oratore* 2.93-95, é oferecida não com o intuito de defender a imitação dos aticistas, mas antes para ilustrar a evolução de toda a arte oratória através da imitação<sup>84</sup>. Diríamos ser evidente, portanto, que um ponto é comum à defesa da *imitatio* nas duas obras do retórico: em ambas os romanos desenvolveram sua oratória nativa pela imitação de seus predecessores gregos e romanos.

Esses dois aspectos do argumento no *De oratore* – a crença em uma língua comum para qualquer grupo etário com base na imitação e consideração ilustrativa da história da retórica grega – exigem que o leitor compare duas outras passagens da concepção ciceroniana. A primeira delas é a discussão dos *genera dicendi*, em *De oratore* 3, 26-37, que visa explicar a individualidade dos discursos de oradores que poderiam ser contemporâneos e ao mesmo tempo alunos de um mesmo mestre.

---

<sup>83</sup> Fantham, 1978, p. 245.

<sup>84</sup> *Ibidem*.

35. Mas não é o caso. E é preciso que aqueles que educam e instruem algumas pessoas observem com extremo cuidado a que lugar a sua própria natureza tende particularmente a levá-las. E, de fato, notamos que da mesma escola, digamos assim, dos maiores artífices e mestres em seus respectivos estilos, saíram discípulos diferentes uns dos outros mas, ainda assim, dignos de louvor, uma vez que a instrução do mestre se acomodou à natureza de cada um (...) 37. Tive de começar por dizer tais coisas para vocês perceberem que, caso nem tudo que eu proponha esteja de acordo com a predileção de todos vocês e com o estilo que cada um aprova em seus discursos, eu estou tratando do estilo que eu mesmo mais aprovo<sup>85</sup>.

Temos, então, nessa passagem, a apresentação do objetivo conflitante que é distinguir a identidade estilística de um indivíduo<sup>86</sup>.

A segunda passagem é um resumo da história da oratória grega oferecida mais extensamente no *Brutus*, apresentada também de maneira evolutiva na interpretação. No entanto, no *Brutus*, a eloquência grega é tratada como um padrão e um precedente – através da *imitatio* – para a evolução da

---

<sup>85</sup> 35. *diligentissimeque hoc est eis, qui instituunt aliquos atque erudiunt, uidentum, quo sua quemque natura maxime ferre uideatur. Etenim uidemus ex eodem quasi ludo [summorum in suo cuiusque genere artificum et magistrorum] exisse discipulos dissimilis inter se ac tamen laudandos, cum ad cuiusque naturam institutio doctoris accommodaretur. (...) 37. Haec eo mihi praedicenda fuerunt, ut si non omnia, quae proponerentur a me, ad omnium uestrum studium et ad genus id, quod quisque uestrum in dicendo probaret, adhaerescerent, id a me genus exprimi sentiretis, quod maxime mihi ipsi probaretur.* (Cícero, *De oratore*, 35 e 37; tradução Scatolin).

<sup>86</sup> *Ibidem.*

eloquência em Roma. Neste sentido, sem perder o foco que é a imitação, é importante vermos mais especificamente o papel de um orador em especial, que encontra-se presente em ambas obras de Cícero: Isócrates. Para Fantham<sup>87</sup>, esse orador é o argumento mais forte para se considerar a importância da evolução através da imitação em razão de seus muitos e famosos discípulos e por conta de seu método de ensino professado pela imitação. É em seu tratamento sobre Isócrates que Cícero expõe a sua declaração mais explícita de que a *imitatio* é a principal causa do desenvolvimento estilístico:

Eis que nos surge Isócrates, esse mestre de todos os oradores, de cuja escola, como que do cavalo de Troia, saíram autênticos líderes. Porém, parte deles quis tornar-se ilustre na pompa, parte, no combate. E também os famosos Teopompos, Éforos, Filistos, Náucratas, dentre muitos outros, diferem por sua natureza, mas são semelhantes pela intenção tanto entre si quanto a seu mestre. Também os que se dedicaram às causas, como Demóstenes, Hipérides, Licurgo, Ésquines, Dinarco e inúmeros outros, embora não fossem idênticos, ocuparam-se do mesmo tipo de imitação da realidade. Enquanto se continuou a imitá-los, sobreviveu aquele gênero e gosto oratórios.<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> *Idem*, p. 252.

<sup>88</sup> *Ecce tibi est exortus Isocrates, [magister istorum omnium,] cuius e ludo tamquam ex equo Troiano meri principes exierunt; sed eorum partim in pompa, partim in acie inlustres esse uoluerunt. Atque et illi, Theopompi, Ephori, Philisti, Naucratae multique alii naturis*

Em seu discurso “Contra os Sofistas”, o próprio Isócrates afirma:

17. Além das qualidades naturais necessárias, o discípulo deve conhecer as partes do discurso e exercitar-se em seu uso; o mestre deve ser capaz de expô-las de modo tão exato que não se omita nada a ensinar e, em relação ao restante, deve dar-se como exemplo (*παράδειγμα*), 18. de modo que os que ele molda (*έκτυπω*) sejam capazes de imitá-lo (*μιμήσασθαι*) e possam ser reconhecidos desde o princípio como oradores mais deleitosos e excelentes que os outros. Se todas essas condições forem contempladas, os que se dedicam à filosofia chegarão à perfeição; mas se não tiverem alguma das qualidades aludidas, necessariamente os discípulos se encontrarão em desvantagem<sup>89</sup>.

---

*differunt, uoluntate autem similes sunt et inter sese et magistri; et hi, qui se ad causas contulerunt, ut Demosthenes, Hyperides, Lycurgus, Aeschines, Dinarchus aliique complures, etsi inter se pares non fuerunt, tamen omnes sunt in eodem ueritatis imitandae genere uersati, quorum quam diu mansit imitatio, tam diu genus illud dicendi studiumque uixit (De oratore, 2, 94; trad. Scatolin, grifo nosso).*

<sup>89</sup> 17. ταῦτα δὲ πολλῆς ἐπιμελείας δεῖσθαι καὶ ψυχῆς ἀνδρικήῃς καὶ δοξαστικῆς ἔργον εἶναι, καὶ δεῖν τὸν μὲν μαθητὴν πρὸς τῷ τὴν φύσιν ἔχειν οἷαν χρῆ τὰ μενείδη τὰ τῶν λόγων μαθεῖν, περὶ δὲ τὰς χρήσεις αὐτῶν γυμνασθῆναι, τὸν δὲ διδάσκαλον τὰ μὲν οὕτως ἀκριβῶς οἷόν τ' εἶναι διελθεῖν ὥστε μηδὲν τῶν διδακτῶν παραλιπεῖν, περὶ δὲ τῶν λοιπῶν τοιοῦτον αὐτὸν παράδειγμα παρασχεῖν, 18. ὥστε τοὺς ἐκτυπωθέντας καὶ μιμήσασθαι δυναμένους εὐθύς ἀνθηρότερον καὶ χαριέστερον τῶν ἄλλων φαίνεσθαι λέγοντας. καὶ τούτων μὲν ἀπάντων συμπεσόντων τελείως ἔξουσιν οἱ φιλοσοφοῦντες: καθ' ὃ δ' ἂν ἐλλειφθῆ τι τῶν εἰρημένων, ἀνάγκη ταύτη χειρόν διακεῖσθαι τοῖς πλησιάζοντα. (Isócrates, *Κατὰ τῶν σοφιστῶν*. Tradução nossa).

Os alunos de Isócrates estão divididos no que poderíamos chamar de acadêmicos e estadistas. O primeiro grupo inclui os historiadores Teopompo, Éforo e Filisto e o estudioso das letras Náucratas: estes eram homens que escolheram a escrita epidítica (demonstrativa), distanciando-se do campo de batalha; situados contra eles se encontram os oradores. Para Fantham, a partícula "ut" atenua a inclusão com os alunos de Isócrates, Hipérides, Licurgo, de outros que não tinham relação direta com ele: Demóstenes, Ésquines e o último do cânone de oradores aticistas, Dinarco, cujo primeiro discurso conhecido data de dois anos após a morte de Isócrates.

Para ambos os grupos, Cícero enfatiza os diferentes engenhos individuais, modificados por sua *ars* compartilhada. O Arpinate afirma também no *Brutus* que os escritores epidíticos, apesar de temperamentos diferentes, ter-se-iam tornado semelhante em vista da escolha de seus modelos. Os oradores, embora não fossem igualmente talentosos, praticaram o mesmo estilo. A nosso ver, Cícero reafirmaria, desse modo, a validade da imitação de orador para orador, ao descrever a relação entre discurso e vida num mesmo termo.

Dessa forma, defendemos que a *imitatio* tem papel fundamental na história da eloquência elaborada por Cícero em ambas as obras. A teoria evolutiva desse autor – apresentada em *De oratore*, mas desenvolvida em *Brutus* – tem suas raízes no conceito de imitação e engloba tanto o desenvolvimento da oratória como um todo, quanto do orador enquanto

indivíduo, o que serve como explicação dos fatos que formam a individualidade de um orador específico: o próprio Arpinate.

No entanto, o *Brutus* dialoga não apenas com outros textos de Cícero, como *De oratore*, mas também com textos da época por nós já citados. A obra se coloca frequentemente também numa economia de troca textual com escritos de seus interlocutores no diálogo, Ático e Bruto, e também com escritos do general Júlio César – especialmente seu tratado *De analogia*. Cícero, porém, conduz sua discussão com o tratado de César como uma questão secundária à obra, ao passo que os textos de Tito Pompônio Ático e de Marco Júnio Bruto são exaltados como principais fontes de inspiração para a composição de sua obra.

O *Liber annalis* de Ático aparece no *Brutus* como a obra que serviu de base para a estruturação cronológica de seu diálogo, enquanto que uma carta de Bruto (não se sabe ao certo qual carta, mas provavelmente *De uirtute*) é descrita como o texto que teria encorajado Cícero a escrever sobre os oradores mais ilustres da história.

Vejamos, então, o trecho da obra que se refere a essa questão para posteriormente comentarmos as relações apontadas:

10. Assim, enquanto eu andava pelo pórtico, e estava em um momento de ócio em casa, veio ao meu encontro Marco Júnio Bruto, como era de costume, juntamente com Tito Pompônio Ático, homens muito ligados entre si e tão

estimados e afáveis para mim que, apenas de vê-los, todas as preocupações sobre a República, que antes me angustiavam, diminuíram.

Depois de tê-los cumprimentado, “Como estão, Bruto e Ático? Finalmente trazem novidade?”.

“Nada de novo”, disse Bruto, “pelo menos nada que você deseje ouvir ou que eu possa afirmar com certeza”.

11. E, então, Ático: “Vimos até você”, disse, “com o propósito de nos calar sobre os assuntos da república e desejamos ouvir algo de você (mais do que o incomodar)”.

“Certamente, Ático”, eu falei, “a presença de vocês alivia a minha diligência e, mesmo ausentes, vocês me deram grande conforto, pois foram, antes de tudo, os seus escritos que me reanimaram e que me reconduziram aos meus antigos estudos.

Nesse momento, ele disse: “Eu li, com grande prazer, a carta que Bruto enviou a você da Ásia, na qual me parecia que ele o aconselhava com muita prudência e que o confortava muito amigavelmente”.

12. “Você está certo”, eu falei, “pois saiba que aquela carta foi, para mim, como rever a luz após um longo período de grande oscilação do meu estado de saúde. E após aquela calamidade em Canas, a primeira vez o povo romano se reergueu foi na batalha travada por Marco Cláudio Marcelo nas proximidades de Nola – depois, seguiram-se, sucessivamente, muitos eventos prósperos. Portanto, depois dos acontecimentos gravíssimos tanto para nós quanto para República, antes daquela carta de Bruto, nada do que eu desejava me aconteceu, nem nada que aliviasse, em alguma medida, minhas preocupações. 13. E Bruto: “Era exatamente isso que eu queria e me traz grande satisfação ter conseguido aquilo que eu desejava em tal circunstância. Quero saber, porém, quais escritos de Ático o deleitaram”.

“Com certeza, estes, Bruto”, eu disse, “e não apenas me deleitaram, mas também, como espero, me trouxeram a salvação”.

“Salvação?”, ele perguntou, “E de que tipo de escritos tão brilhantes se trata?”.

E eu respondi: “Talvez puderia haver para mim uma salvação mais grata ou mais adequada nesse momento do que aquele livro que, voltando-se a mim, tirou-me de minha tristeza?”

14. Então, Ático: “Você certamente se refere ao livro em que está reunida, ao que me parece, toda história recente dos fatos com muita diligência”.

“Isso mesmo, Bruto”, eu respondi, “foi exatamente esse o livro que me salvou”.

Nesse momento, Ático: “Isso que você me fala é mais do que eu desejava; mas o que, afinal, havia nesse livro que pudesse ser tão novo a você ou tão útil?”.

15. “De novidade, certamente para mim, pelo menos, havia muitas coisas”, eu disse, “e de útil havia algo que eu buscava, isto é, uma ordenação cronológica que me permitisse, de uma só vez, compreender todos os fatos históricos. Tendo começado a manusear com empenho seu livro, o próprio fato de folhear esses escritos me foi salutar e me estimulou, Pompônio, a emprestar de você algo para eu mesmo poder restaurar e poder recompensá-lo com um presente que, se não equivalente, possa, pelo menos, servir como sinal de gratidão: embora eu conheça aquela máxima de Hesíodo, louvada pelos sábios, que ordena retribuir na mesma medida o que foi recebido ou ainda mais, se for possível. 16. Eu, porém, certamente retribuirei a boa intenção (...)”.

17. Então, Ático: “Eu com certeza esperarei o que você está prometendo e não lhe exigirei enquanto não lhe for

conveniente, mas serei plenamente grato quando puder cumprir o prometido”.

“Também eu”, disse Bruto, “esperarei isso que você promete a Ático, mas provavelmente eu mesmo, no lugar de encarregado voluntário dele, exigirei de você aquilo que você deve, mas Ático se recusa a cobrar enquanto for inconveniente<sup>90</sup>.”

---

<sup>90</sup> 10. *Nam cum inambularem in xysto et essem otiosus domi, M. ad me Brutus, ut consueuerat, cum T. Pomponio uenerat, homines cum inter se coniuncti tum mihi ita cari itaque iucundi, ut eorum aspectu omnis quae me angebat de re publica cura consederit. quos postquam salutauit: Quid uos, inquam, Brute et Attice? numquid tandem noui? Nihil sane, inquit Brutus, quod quidem aut tu audire uelis aut ego pro certo dicere audeam. 11. Tum Atticus: eo, inquit, ad te animo uenimus, ut de re publica esset silentium et aliquid audiremus potius ex te, quam te adficeremus ulla molestia. uos uero, inquam, Attice, et praesentem me cura leuatis et absentem magna solacia dedistis. nam uestris primum litteris recreatus me ad pristina studia reuocauit. Tum ille: legi, inquit, perlubenter epistulam, quam ad te Brutus misit ex Asia, qua mihi uisus est et monere te prudenter et consolari amicissime. 12. Recte, inquam, est uisus: nam me istis scito litteris ex diurna perturbatione totius ualitudinis tamquam ad aspiciendam lucem esse reuocatum. atque ut post Cannensem illam calamitatem primum Marcelli ad Nola proelio populus se Romanus erexit posteaque prosperae res deinceps multae consecutae sunt, sic post rerum nostrarum et communium grauissimos casus nihil ante epistulam Bruti mihi accidit, quod uellem aut quod aliqua ex parte sollicitudines adleuaret meas. 13. Tum Brutus: uolui id quidem efficere certe et capio magnum fructum, si quidem quod uolui tanta in re consecutus sum. sed scire cupio, quae te Attici litterae delectauerint. Ista uero, inquam, Brute, non modo delectationem mihi, sed etiam, ut spero, salutem adtulerunt. Salutem? inquit ille. quodnam tandem genus istuc tam praeclarum litterarum fuit? An mihi potuit, inquam, esse aut gratior ulla saluatio aut ad hoc tempus aptior quam illius libri, quo me hic adfatus quasi iacentem excitauit? 14. Tum ille: nempe eum dicis, inquit, quo iste omnem rerum memoriam breuiter et, ut mihi quidem uisum est, per diligentem complexus est? Istum ipsum, inquam, Brute, dico librum mihi saluti fuisse. Tum Atticus: optatissimum mihi quidem est quod dicis; sed quid tandem habuit liber iste, quod tibi aut nouum aut tanto usui posset esse? 15. Ille uero et noua, inquam, mihi quidem multa et eam utilitatem quam requirebam, ut explicatis ordinibus temporum uno in conspectu omnia uiderem. quae cum studiose tractare coepissem, ipsa mihi tractatio litterarum salutaris fuit admonuitque, Pomponi, ut a te ipso sumerem aliquid ad me reficiendum teque remunerandum si non pari, at grato tamen munere: quamquam illud Hesiodium laudatur a doctis, quod eadem mensura reddere iubet qua acceperis aut etiam cumulatiore, si possis. 16. Ego autem uoluntatem tibi profecto emetiar (...). 17. Tum ille: ego uero et exspectabo ea quae polliceris, nec exigam nisi tuo commodo et erunt mihi pergrata, si solueris. Mihi quoque, inquit Brutus, [et] exspectanda sunt ea quae Attico polliceris, etsi fortasse ego a te huius uoluntarius procurator petam, quod ipse, cui debes, incommodo exacturum negat (Cícero, Brutus, 10 – 17).*

Como vimos na seção anterior, no *Brutus*, Cícero organizou a ordem dos oradores em coerência com suas gerações (*aetates*)<sup>91</sup>, que levam o nome de suas figuras mais proeminentes (como Catão, Galba, os Graco<sup>92</sup> etc.). O autor afirma, através de Bruto, que o seu objetivo no diálogo teria sido ***oratorum genera distinguere aetatibus***:

Se isso lhe parece pouco pertinente a esta discussão, Bruto, designa Ático, que me acendeu o desejo de perseguir as épocas e os tempos dos homens ilustres. Bruto disse: “em verdade, eu me deleito, poderíamos dizer, cm esta notação dos tempos e acredito que esta diligência está adequada ao que estabeleceste: **distinguir por épocas os gêneros oratórios**”<sup>93</sup>.

A escolha de Ático como personagem do diálogo não deve ser entendida, portanto, como puro acaso. Cícero afirma no *Brutus* que a obra histórica do amigo, o *Liber annalis*, teria servido de motivação e também de pano de fundo para a narrativa cronológica do Arpinate. No entanto, já no começo do diálogo, nosso autor distingue sua própria visão de história daquela

---

<sup>91</sup> Cf. Sumner, 1973.

<sup>92</sup> Até os irmãos Graco (*Brutus*, 79), os oradores menores são agrupados em torno das figuras principais numa ordem mais ou menos cronológica (cf. Narducci, 2002, p. 403).

<sup>93</sup> *Haec si minus apta uidentur huic sermoni, Brute, Attico assigna, qui me inflammavit studio illustrium hominum aetates et tempora perseguendi. Ego uero, inquit Brutus, et delector ista quasi notatione temporum et ad id quod instituisti, oratorum genera distinguere aetatibus, istam diligentiam esse accommodatam puto* (Cícero, *Brutus*, 74; grifo nosso).

de Ático através do afastamento dos objetivos do *Brutus* do empreendimento puramente cronológico realizado no *Liber annalis*. Temos aqui a imposição do fato de que, no diálogo de Cícero, seu princípio organizador é a história da oratória **como** história da República, baseada na negação da cronologia como princípio organizador da narrativa histórica – em suma, uma história norteadada pela interpenetração dos mundos político e ético.

O manual cronológico de Ático, dedicado a Cícero, contou com dois critérios de organização: em um primeiro plano, apresentava a sucessão de magistraturas e, como isso, a genealogia das famílias nobres de Roma; como plano de fundo, porém, organizava, deste modo, uma história de Roma desde sua origem até aquele momento.

O *Liber annalis* serviu como suporte para que Cícero acrescentasse à sua narrativa obrigações éticas que serviram como causa dos acontecimentos da história da retórica romana. O paradoxo apresentado no *Brutus* é que ao traçar a sua história baseando-se na cronologia de Ático, Cícero omite o principal interesse desse amigo no diálogo: a narração da verdadeira história dos maiores oradores. Assim, para Ático, ao traçar a história da oratória como um todo, Cícero estaria se desviando do objetivo principal de tal apuração, que era justamente tentar descobrir a verdadeira distinção oratória através dos tempos<sup>94</sup>.

---

<sup>94</sup> Cf. Dugan, 2005, p.190.

A grande sombra que se precipita sobre a composição do *Brutus* não é, no entanto, um colega de toga de Cícero, mas um governante cuja forte mão manteve o poder tiranicamente, o ditador celeberrimo Caio Júlio César. Adiante, trataremos de sua produção intelectual relativamente ao diálogo de Cícero.

## 1.4 DE ANALOGIA

Júlio César compôs os dois livros intitulados *De analogia* – que, como veremos, foram dedicados a Marco Túlio Cícero – provavelmente na primavera de 55 ou 54 a.C.<sup>95</sup>. Muito dessa obra se perdeu ao longo do tempo e hoje só restam alguns fragmentos e testemunhos a partir de outros escritos da Antiguidade. No entanto, sabemos que esses livros muito contribuíram para o debate sobre o papel da língua latina numa sociedade que passava por transformações críticas.

Embora as informações sobre esse tratado sejam, em certa medida, escassas, nossa fonte principal, e também a mais antiga, sobre a obra de César é o diálogo *Brutus* de Cícero. Nesse diálogo, o orador e filósofo afirma, através da personagem de Ático, que César teria escrito seu tratado durante *maxumis occupationibus* (*Brutus*, 253).

Isso nos dá uma importante pista sobre o momento de composição da obra, que provavelmente teria sido escrita durante a guerra conduzida por César contra os gauleses<sup>96</sup>. De toda forma, o fato é que contamos unicamente com a versão do próprio general sobre as ações romanas empreendidas na Gália, que foram apresentadas posteriormente em seus *commentarii* sobre essa guerra.

---

<sup>95</sup> Cf. Garcea, 2012, p. 25.

<sup>96</sup> Cf. Frontão, *De bello Parthico*, 9.

Naquele momento, a ameaça germânica estava ainda bastante presente na memória dos romanos por conta da recente guerra travada contra os cimbrós, entre os anos de 113 e 101 a.C., o que pode explicar o apoio que César encontrou, em vários estratos sociais, para sua campanha (posteriormente cantada em versos por poetas como Públio Terêncio Varrão, em seu *Bellum Sequanicum*, e Caio Valério Catulo, em seu *Carmen XI*).

Dessa forma, a campanha na Gália recebe dupla recepção, visto que de um lado temos o sucesso, às vezes questionável, da empreitada de César e, de outro, a realidade de uma guerra dura e de êxito incerto, posto em prova pela forte autonomia das populações célticas. Para Canfora (2011, p. 110-111),

O indicador dessa situação ambígua (principalmente no primeiro biênio, 58-57) é a incongruência que encontramos entre a efetiva situação político-militar e as reações induzidas, em Roma, pelos hábeis relatos cesáreos<sup>97</sup>.

Em um sentido estrito, podemos pensar, então, que o *De analogia* responde intelectualmente (como projeto de César para a língua) à conquista de territórios célticos e germânicos, fato que justificaria a importância prática do latim e sua legitimação junto aos romanos. Contudo, num sentido mais amplo,

---

<sup>97</sup> “L’indicatore di questa situazione ambigua (soprattutto nel primo biennio, 58-57) è la incongruità che si coglie tra la situazione politico-militare effettiva e le reazioni indotte, a Roma, dagli abili resoconti cesariani” (Canfora, 2011, p. 110-111).

como defenderemos, a obra parece ter sido uma maneira apropriada para o general se colocar frente ao modelo de eloquência de Cícero, propondo alternativa a algumas de suas ideias, então muito influentes.

É importante destacarmos que a imagem de César na história romana foi constituída relevantemente a partir de suas conquistas como general vitorioso na Gália. A propaganda do estadista buscou defender que ele teria sido o principal responsável pela unificação da República romana através de seu respeito a etnias tradicionais no campo da *uirtus* privada.

Neste sentido, a propagação do Latim é vista como um elemento fundamental de inclusão nas estruturas administrativas de Roma. Em outras palavras, o conhecimento do latim seria uma condição prévia para a conquista da *ciuitas* romana<sup>98</sup>. Tanto Cícero quanto César afirmaram que a língua constituía, assim como as instâncias políticas e as leis, a característica fundante da identidade dos povos:

Contudo, creem apenas na segurança de sua cidadania, não só em meio aos nossos magistrados – que compreendem as leis e o perigo dos julgamentos – e nem só **entre os cidadãos romanos, unidos entre si em sociedade através da língua, das leis e de muitas outras coisas**, mas, onde

---

<sup>98</sup> Cf. Adams, 2003, p. 184-205.

quer que estejam, julgam ser possível crer que isso seja o suficiente para lhes garantir que haja assistência <sup>99</sup>.

Toda a Gália está dividida em três partes; em uma dessas habitam os belgas; em outra os aquitanos; já na terceira, os que são chamados, na língua deles, celtas e, na nossa, gauleses. 2. Todos **esses povos diferem entre si pela língua, instituições e leis**<sup>100</sup>.

Segundo Sinclair (1994, p.96) César, em suas atividades enquanto procônsul da Gália Cisalpina, muitas vezes testemunhou os improfícuos esforços dos habitantes da província para adaptar sua eloquência ao modelo romano tradicional.

Quando Cícero, no *Brutus*, se propõe a definir a diferença entre os oradores romanos e latinos, ele convida seu interlocutor a prestar atenção nas palavras incomuns que ouvirá na Gália, dando destaque aos sotaques regionais<sup>101</sup>.

Nessa passagem do *Brutus* fica evidente que, de acordo com esse padrão, faziam parte dos *criteria* de relação da aristocracia na sociedade,

---

<sup>99</sup> (...) *Hac una tamen fiducia ciuitatis non modo apud nostros magistratus, qui et legum et existimationis periculo continentur, neque apud ciuis solum Romanos, qui et sermonis et iuris et multarum rerum societate iuncti sunt, fore se tutos arbitrantur, sed, quocumque uenerint, hanc sibi rem praesidio sperant futuram* (Cícero, *In Verrem*, 2, 5, 167).

<sup>100</sup> *Gallia est omnis diuisa in partes tres, quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur. Hi omnes lingua, institutis, legibus inter se differunt* (César, *De Bello Gallico*, I, 1, 2).

<sup>101</sup> Cícero, *Brutus*, 171.

certas características inerentes como, por exemplo, a voz. Os habitantes da província *domi nobiles* deveriam imitar essa elegância idiossincrática a fim de serem reconhecidos, caso não o fizessem corriam o risco de permanecerem *clientes*<sup>102</sup>.

A *rusticitas* deve ser entendida nesse contexto como abstração, sendo definida a partir de seu *ex negatiuo* em relação à *urbanitas* – isto é, o conjunto de expressões idiomáticas que não a língua da *Vrbs*; tratava-se, nesse momento, de um modelo idealizado e amplamente dependente de critérios imprecisos.

Neste sentido, o termo *suburbanus* era utilizado, num primeiro momento, para se referir às áreas próximas à cidade de Roma. Posteriormente, seu emprego também fazia alusão aos territórios que circundavam o centro de Roma, como as mais distantes províncias; assim, a periferia se tornou uma espécie de extensão geograficamente indeterminada do centro, como era o caso da Sicília<sup>103</sup>.

Segundo Cícero, em carta a Ático, César teria ultrapassado tal estrutura, dando privilégio latino (*Latinitas*), uma forma inferior de cidadania, para essa região<sup>104</sup>. Assim, parece-nos bem provável que César tentasse impedir tal sistema ao propor uma norma linguística padrão, visto que medidas de padronização se tornaram prioridade após suas conquistas. César deu um

---

<sup>102</sup> Cf. Wiseman, 1983.

<sup>103</sup> Cf. Cícero, *In Verrem*, 2.2.7; 2.5.157.

<sup>104</sup> Cícero, *Ad Atticum*, 14, 12, 1.

destaque maior às normas comuns de seleção lexical e flexão morfológica em vez de considerar a variante urbana um espelho de *status* social.

Para Dugan (2005, p. 179-80), César democratizou a *Latinitas* ao apresentá-la com o tema dos postulados lógicos e ao reproduzi-la facilmente através de todos aqueles que haviam ensinado suas fórmulas. A defesa de César de uma forma restrita de oratória regida por normas racionais teve o efeito de padronização das expressões oratórias em um fenômeno de nivelamento social acessível a todos, e que não poderia ser usado contra ele. Sobre isso, Sinclair (1994, p. 94) afirma ainda que, segundo César, os oradores que seguiam as regras e que buscavam aprovação através de um sistema objetivo, com normas quase quantitativas, eram preferíveis àqueles oradores que manipulavam a opinião pública.

Segundo Garcea (2012, p. 4), vemos, no fim da república, uma tendência geral em direção a sistematizações e aplicações de *criteria* racionais a fim de salvaguardar a herança cultural de Roma e colocá-la em ordem. Segundo o autor, assim como fez com estátuas, livros e o calendário, César pretendia fixar também leis gerais na esfera da linguagem de tal forma que qualquer pessoa pudesse aplicá-las, a fim de estabelecer uma fundação sólida para o latim – uma língua cuja evolução foi impulsionada pela necessidade de preservar a herança e os confrontos com hábitos linguísticos de *socii*.

O prestígio político exercido por Roma fez com que outras comunidades se sentissem encorajadas a imitar leis romanas mesmo quando a Cidade não

exigia. Além disso, muitas dessas outras cidades também passaram a moldar suas magistraturas de acordo com as de Roma, e mostraram maior receptividade aos cultos e às divindades romanas, assim como estabeleceram trocas econômicas cada vez mais frequentes com mercadores romanos.

Paralelamente, ocorria também a reação contrária, embora complementar: a inclusão de milhares de aliados, tanto latinos quanto gregos, à Cidade. Sendo assim, era em Roma que vários registros e línguas convergiam. Segundo Garcea,

A adoção de um código de comunicação legal e administrativo, que é padronizado, tanto quanto possível, gera uma rápida reaproximação entre o que é *Latinum* e o que é *Romanum*, uma vez que o modelo permanece sendo a *urbanitas*, o latim de Roma<sup>105</sup>.

É no contexto mais amplo de romanização que pretendemos entender, assim, o planejamento de unificação linguística de Roma e os programas de nacionalismo linguístico estabelecidos por duas das mais importantes figuras públicas de Roma nesse momento (Caio Júlio César e Marco Túlio Cícero).

---

<sup>105</sup> “The adoption of a legal and administrative code of communication which is standardized as far as possible gives rise to a rapid rapprochement between that which is *Latinum* and that which is *Romanum*, since the model remains the *urbanitas*, the Latin of Rome” (Garcea, 2012 , p. 7).

Para isso, acreditamos ser fundamental fazermos primeiro uma breve digressão sobre a polêmica noção de *Latinitas* na tradição literária antiga.

## SEGUNDO CAPÍTULO

Como já dissemos na introdução do presente estudo, nosso propósito é investigar como Cícero e César buscaram perpetuar um determinado modelo de Latim como arquétipo da mais elevada tradição oratória romana, levando em conta seus próprios interesses em defender uma forma de discurso, e conseqüentemente de organização e valorização social, em detrimento das demais.

A língua latina era um meio de acesso e também de cultura em si. Dessa forma, é o estilo que marcava, nas letras, a mais alta cultura romana. Da mesma forma como hoje a *Latinitas* é vinculada à erudição, o mesmo se passava entre os antigos romanos: tratava-se de uma forma de linguagem que permitia o acesso a práticas eruditas, ao mesmo tempo em que excluía outras formas de discurso. O latim se afirma, assim, em transbordamentos recíprocos entre forma de discurso e forma de estado. Assim, o estilo elevado, com base em variedades da elite, representava uma parte crucial do próprio engenho dos oradores e poetas antigos.

A *Latinitas* teria sido uma espécie de empréstimo cultural da prática grega de *Hellenismós*, sobre a qual trataremos na subseção seguinte, no que tange à valorização de uma determinada forma de linguagem. Contudo, acreditamos que a versão romana contenha muitas especificidades que a diferem da noção helênica.

Assim, buscaremos, nesse capítulo, traçar, num primeiro momento, breves considerações sobre a noção de *Hellenismós* para que possamos, posteriormente,

compreender melhor sua importância a *Latinitas*, questão chave em nosso trabalho.

## 2.1 HELLENISMÓS

Os estoicos perpetuaram a noção de *Hellenismós* através do desenvolvimento conjunto da gramática e da retórica. Através do testemunho de Diógenes Laércio, sabemos que esses consideravam dois os vícios do discurso – barbarismo e solecismo – e em oposição a esses vícios estavam cinco virtudes – Ἑλληνισμός, σαφήνεια, συντομία, πρέπον, κατασκευή (Helenismo, clareza, brevidade, decoro e elegância):

Cinco são as virtudes do discurso – Helenismo, clareza, brevidade, decoro e elegância. Por Helenismo entende-se a língua sem erros no que diz respeito à composição (τεχνικῆ) e livre de vulgarismos inconvenientes. Clareza é o estilo que apresenta o pensamento de uma maneira fácil de ser compreendida. A brevidade é não dizer além do necessário para fazer com que o tema seja compreendido. O decoro, por sua vez, reside em um estilo apropriado ao tema. Já a elegância consiste em evitar coloquialismos. Dentre os vícios do discurso estão o barbarismo – estilo contrário ao dos gregos de boa reputação – e o solecismo – que é quando a sentença apresenta uma construção incongruente<sup>106</sup>.

---

<sup>106</sup> Ἀρεταὶ δὲ λόγου εἰσὶ πέντε, Ἑλληνισμός, σαφήνεια, συντομία, πρέπον, κατασκευή. Ἑλληνισμὸς μὲν οὖν ἐστὶ φράσις ἀδιάπτωτος ἐν τῇ τεχνικῇ καὶ μὴ εἰκαῖα συνηθεία· σαφήνεια δὲ ἐστὶ λέξις γνωρίμως παριστάσα τὸ νοούμενον· συντομία δὲ ἐστὶ λέξις αὐτὰ τὰ ἀναγκαῖα περιέχουσα πρὸς δῆλωσιν τοῦ πράγματος· πρέπον δὲ ἐστὶ λέξις οἰκεία τῷ πράγματι· κατασκευὴ δὲ λέξις ἐκπεφευγυῖα τὸν ἰδιωτισμόν. ὁ δὲ βαρβαρισμὸς ἐκ τῶν κακιῶν λέξις ἐστὶ παρὰ τὸ ἔθος τῶν εὐδοκιμούντων Ἑλλήνων, σολοικισμὸς δὲ ἐστὶ λόγος ἀκαταλλήλως συντεταγμένος (Diógenes Laércio, *Bíoi καὶ γνῶμαι τῶν ἐν φιλοσοφίᾳ εὐδοκιμησάντων*, 7, 1, 59).

A busca por *Hellenismós*, enquanto objetivo de um estilo particular, ocorre em um período em que a variante *koiné* do grego, isto é, a língua comum, era o dialeto Ático – reconhecido como padrão no mundo helênico –, portanto, todos os desvios e alterações advindas de fontes estrangeiras eram julgadas a partir desse padrão.

O Aticismo é muitas vezes comparado à noção de *Hellenismós* no que diz respeito ao uso da língua, sendo que o primeiro parecia apresentar “apenas uma limitação mais estrita e definição mais clara do que o termo mais antigo *Hellenismós*”<sup>107</sup>. A mais antiga alusão a esse conceito, de que temos notícia, encontra-se, em verdade, em Aristóteles (*Retórica*, III, 5):

O discurso é, por conseguinte, constituído por estes elementos. O princípio básico da expressão enunciativa, porém, é **falar corretamente** (*τῆς λέξεως τὸ ἐλληνίζειν*). Isto radica em cinco aspectos. [...] O primeiro aspecto reside, pois, na correta colocação das partículas coordenativas. **3.** O segundo consiste em falar por meio de termos “específicos”, e não “gerais”. **4.** O terceiro é não utilizar vocábulos ambíguos. Isto a não ser que se prefira o contrário, ou seja, fingir que se diz algo por meio deles quando não se tem nada para dizer. [...] **5.** O quarto aspecto reside em distinguir o gênero das palavras tal como Protágoras: masculino,

---

<sup>107</sup> “[Atticism] was merely a narrower limitation and sharper definition of the older term Hellenism” (Hendrickson, 1906, p. 98).

feminino e neutro. De fato, também isto é necessário aplicar corretamente. [...] 6. O quinto aspecto consiste em empregar corretamente o plural, dual, singular [...]. Em geral, é forçoso que o que se escreve seja bem legível e facilmente pronunciável. No fundo, é a mesma coisa<sup>108</sup>.

Assim, o termo é empregado na Retórica não apenas para expressar um cuidado minucioso na escolha das palavras ou, então, como uma restrição de formas gramaticais corretas – meios pelos quais o *Hellenismós* buscou, posteriormente, manter as tradições do passado e conter inovações bárbaras; tratava-se, sobretudo, de uma espécie de coerência sintática de tipo simples<sup>109</sup>, isto é, Aristóteles não se vale do termo para referir-se a um cuidado arguto na escolha de palavras do ponto de vista gramatical ou, tampouco, para aludir ao cuidado com as formas gramaticais corretas.

A concepção do *Hellenismós* como modelo estilístico se dá apenas no pensamento estoico. O registro mais antigo acerca das doutrinas estilísticas estoicas, que chegaram até nós, remete ao filósofo Diógenes da Babilônia<sup>110</sup>.

---

<sup>108</sup> ὁ μὲν οὖν λόγος συντίθεται ἐκ τούτων, ἔστι δ' ἀρχὴ τῆς λέξεως τὸ ἐλληνίζειν: τοῦτο δ' ἐστὶν ἐν πέντε, [...] ἐὰν δὲ πολὺ τὸ μεταξὺ γένηται τοῦ ἐπορευόμενου, ἀσαφές. [3] ἐν μὲν δὴ τὸ εὖ ἐν τοῖς συνδέσμοις, δεύτερον δὲ τὸ τοῖς ἰδίῳις ὀνόμασι λέγειν καὶ μὴ τοῖς περιέχουσιν. [4] τρίτον μὴ ἀμφιβόλοις. τοῦτο δ' ἂν μὴ τάναντία προαιρηῆται, ὅπερ ποιοῦσιν ὅταν μηδὲν μὲν ἔχῃσι λέγειν, προσποιῶνται δὲ τι λέγειν. [...] 5. τέταρτον, ὡς Πρωταγόρας τὰ γένη τῶν ὀνομάτων διήρει, ἄρρενα καὶ θήλεα καὶ σκεύη: δεῖ γὰρ ἀποδιδόναι καὶ ταῦτα ὀρθῶς. [...] 6. πέμπτον ἐν τῷ τὰ πολλὰ καὶ ὀλίγα καὶ ἐν ὀρθῶς ὀνομάζειν [...] ὅλως δὲ δεῖ εὐανάγνωστον εἶναι τὸ γεγραμμένον καὶ εὐφραστον: ἔστιν δὲ τὸ αὐτὸ (Aristóteles, *Retórica*, III, 5, tradução Manuel Alexandre Júnior).

<sup>109</sup> Cf. Hendrickson, 1906, p. 98.

<sup>110</sup> Diógenes da Babilônia era membro do grupo de filósofos áticos enviados a Roma para recorrer de uma multa aplicada a Atenas no ano de 155 a.C. em decorrência de um roubo em Oropos.

Sabemos através de Suetônio que um dos pupilos de Diógenes, Crates de Malos, havia introduzido em Roma estudos “linguísticos”, que foram adotados sob o nome de gramática, porém num sentido bem mais estrito, visto que “o seu objetivo consistia na determinação do Helenismo”<sup>111</sup>.

Assim, por volta do século II a.C., as gramáticas passam, então, a anexar reflexões sobre *Hellenismós* enquanto primeira qualidade do discurso, o que lhes traz uma nova dimensão. Sob o ponto de vista gramatical, o estudo do *Hellenismós* consiste na busca daquilo que seria propriamente grego na língua grega como meio de estabelecer um sistema linguístico comum, que independesse de lugar ou tempo.

À gramática não cabia mais tratar apenas de textos, mas sim da língua; no entanto, ela havia se desenvolvido a partir da ideia de que a correção dependeria de regras precisas e que fossem gerais – isto é, que não fossem limitadas a um tipo de discurso específico – e que pudessem, portanto, ser utilizadas independentemente do conteúdo do que fosse dito. Desse modo, a correção está na base da própria ideia de gramática. Contudo, como observa Desbordes, apesar do sucesso dessa ação, havia, obviamente, claras restrições, visto que esse sistema, evidentemente, privilegiaria uma forma da língua em detrimento das demais:

---

<sup>111</sup> “The goal of which was the determination of Hellenism” (Hendrickson, 1906, p. 100).

[O *hellenismós*] sofre de uma limitação dupla: não é o grego que se encontra reduzido a um sistema econômico e exaustivo de regras simples, mas sim o grego “correto”, essencialmente literário, sendo o sistema derivado do acúmulo de observações dos filólogos alexandrinos sobre os textos. Em segundo lugar, esse sistema, que se pretende o denominador comum do uso – do bom uso –, considera-se que esse sistema define a única forme correta de qualquer caso.<sup>112</sup>

Para os estoicos, o pensamento e a linguagem eram duas manifestações diferentes de uma mesma coisa: λόγος ἐνδιόθετος (“palavra interior”) e λόγος προφορικός (“palavra pronunciada”, “expressão do pensamento”, da δίανοια)<sup>113</sup>. Assim, as doutrinas estoicas acerca do estilo teriam sido uma consequência de sua Lógica<sup>114</sup>. É importante ressaltarmos

---

<sup>112</sup> “[*hellenismós*] souffre cependant d’une double limitation : ce n’est pas le grec qui se trouve ramené à un système économique et exhaustif de règles simples, mais le grec « correct », essentiellement littéraire, le système étant issu de l’accumulation des observations des philologues alexandrins sur les textes. D’autre part, ce système qui se veut le dénominateur commun de l’usage – du bon usage –, est censé définir l’unique forme correcte de toute occurrence” (Desbordes, 2007, p. 93).

<sup>113</sup> Até onde temos notícia, teria sido com o pré-socrático Heráclito que a noção de λόγος aparece nessa dupla conexão pela primeira vez (cf. Heráclito, Fr. 1, Fr. 2, Fr. 45).

<sup>114</sup> Chama-se Lógica a ciência dos processos de inferência, ou seja, de todas as operações mentais que passam pela combinação de duas premissas que geram como consequência uma conclusão. Há três tipos principais de inferência na Lógica clássica: (i) inferência analógica – premissa particular para o particular; (ii) inferência indutiva – premissa particular para o universal e (iii) inferência dedutiva ou silogística – premissa universal para o particular. A inferência analógica exige que uma premissa particular seja semelhante à outra, já a inferência indutiva exige que um número inteiro ou classe seja semelhante aos seus casos particulares, enquanto que a dedutiva que cada premissa particular seja semelhante ao número inteiro ou classe. Assim, as inferências analógica e indutiva começam igualmente com uma premissa particular, contudo, a primeira acrescenta uma inferência particular para tirar uma conclusão particular; já à última, exige-se uma premissa universal a particular para tirar uma conclusão universal e

aqui a polissemia do termo λόγος, que como bem define Alexandre Júnior<sup>115</sup>, trata-se de um conceito extremamente rico que significava tanto palavra, discurso, como também razão, pensamento.

Embora, desde antes dos gregos, já houvesse estudos acerca da razão e de outros temas – especialmente aritmética, geometria, astronomia, política e ética –, foram os filósofos gregos que passaram a refletir mais rigorosamente sobre métodos de investigação. Os pré-socráticos e os sofistas e, sobretudo, Sócrates e Platão, tiveram grande contribuição nas reflexões sobre processos de inferência e métodos científicos que podem ser considerados uma espécie de antecipação da Lógica.

Platão teria sido o primeiro a se ater mais sistematicamente, ao longo de sua obra, sobre essa unidade entre pensamento e linguagem. Em seu *Teeteto*, Sócrates afirma que pensar (διανοεῖσθαι) é “um discurso (λόγος) que a mente mantém consigo mesma a propósito das coisas que ela quer considerar”<sup>116</sup>.

É em seu *Sofista*, porém, que Platão assevera mais enfaticamente que as noções de “pensamento (διάνοια) e discurso (λόγος) são a mesma coisa, exceto pelo fato de que o diálogo que a mente tem consigo mesma em silêncio recebeu o nome de pensamento”<sup>117</sup>. Sendo assim, a linguagem seria uma

---

enquanto que as inferências indutiva e dedutiva diferem ainda mais entre si, sendo opostas (cf. verbete *Logic*, λογική sc. Τέχνη, no *The new encyclopaedia Britannica*, 2007).

<sup>115</sup> Alexandre Júnior, 2006, p.97 (nota 24 à sua tradução da *Retórica*).

<sup>116</sup> *Teeteto*, 189e.

<sup>117</sup> *Sofista*, 263e

expressão exterior de um pensamento interior; então, a voz articulada seria, pois, uma maneira de tornar perceptível o pensamento<sup>118</sup>.

Na obra aristotélica existem apenas duas referências à noção de palavra interior, sendo que uma delas não é explícita<sup>119</sup>. Em uma passagem das *Categorias* (6, 4b34), na qual o discípulo de Platão, ao ponderar sobre λόγος enquanto quantidade mensurável em sílabas breves e longas, afirma estar tratando apenas de “um discurso proferido com a voz”<sup>120</sup>, poderíamos interpretar que Aristóteles estaria se referindo aqui, ainda que não explicitamente, ao λόγος ἐνδιάθετος, isto é, à “palavra interior”.

A referência explícita a essa questão se encontra, no entanto, em seu *Analíticos Posteriores* (10, 76b24), no qual o autor afirma que a demonstração, assim como o silogismo, não se dirige ao discurso exterior (ἔξω λόγος), mas ao discurso interior (ἔσω λόγος). Deste modo, fica claro nessa passagem que a demonstração e o silogismo estariam localizados, para Aristóteles, no interior da mente. Na concepção do sábio de Estagira, o discurso interior não seria diálogo, mas sim raciocínio<sup>121</sup>.

Em suma, como bem define Romele,

---

<sup>118</sup> Teeteto, 206d.

<sup>119</sup> Cf. Romele, 2011, p. 24.

<sup>120</sup> Λέγω δὲ αὐτόν τόν μετὰ φωνῆς λόγον γιγνόμενον (*Categorias*, 6, 4b34).

<sup>121</sup> Cf. Panaccio, 1999, p. 41.

Além das diferenças, que se referem principalmente à estruturação progressiva da lógica proposicional do pensamento na passagem de Platão a Aristóteles, há duas principais premissas comuns a ambos os autores sobre a definição de palavra interior. A primeira é a distinção entre um discurso exterior e um discurso interior, este último independente do primeiro. A segunda é a clara superioridade do discurso interior em relação ao discurso exterior. Ambas as hipóteses permanecem constantes ao longo da história da noção de verbo interior <sup>122</sup>.

Tal debate sobre discurso exterior e discurso interior, que como vimos teria surgido a partir dos estoicos, que passaram a diferenciar dois tipos de λόγοι, foi também abordado por autores posteriores, como Sexto Empírico (séculos II - III d.C.), como forma de distinguir os homens dos animais. Segundo esse autor, os dogmáticos (δογματικοί)<sup>123</sup> acreditavam que o homem não se diferenciava dos animais irracionais por conta do discurso proferido (προφορικός) – uma vez que alguns animais como, por exemplo, certas aves,

---

<sup>122</sup> “Al di là delle differenze, che riguardano soprattutto la progressiva strutturazione lógico proposizionale del pensiero nel passaggio da Platone ad Aristotele, due sono le assunzioni principali comuni ai due autori relativamente alla nozione di verbo interiore. La prima è la distinzione tra un discorso esteriore e un discorso interiore, quest’ultimo indipendente dal primo. La seconda è la chiara superiorità del discorso interiore rispetto al discorso esteriore. Entrambe le assunzioni rimarranno delle costanti nell’intera storia della nozione di verbo interiore” (Romele, 2011, p. 25).

<sup>123</sup> Segundo Panaccio (1999, p. 58 – 59), quando Sexto Empírico se refere aos δογματικοί ele compreende por “dogmáticos” todos os filósofos não céticos, ou seja, epicuristas, peripatéticos, platônicos e, evidentemente, estoicos.

emitiam sons “articulados” –, mas sim através do discurso interior (λόγος ἐνδιάθετος)<sup>124</sup>.

Para os estoicos, a precisão do pensamento (“discurso interior”) dependia da correção, isto é, do *Hellenismós* da língua grega. Assim, era a essa virtude de estilo que eles subordinavam todas as demais virtudes e também todas as advertências contra os vícios. Foram os estoicos que pela primeira vez reuniram e sistematizaram antigas especulações e observações sobre língua, que já eram feitas anteriormente por filósofos.

Não é nosso objetivo, contudo, alongar-nos mais sobre esse debate; com este breve excuro, o que buscamos foi apenas explicitar que estudiosos gregos, desde o século II a.C., em Alexandria e Pérgamo – onde se encontravam as bibliotecas mais importantes da Antiguidade desde o século III a.C. –, também se perguntavam sobre a natureza da linguagem e sobre as diferenças essenciais entre os discursos interno e externo e a escrita.

A cultura helênica representava em si uma marca de identidade grega que se estendia desde as *Póleis* localizadas ao norte da África até as do Peloponeso. Assim, o que queremos destacar, contudo, é que ter uma língua não era sinônimo de haver uma só cultura comum unificada em toda essa extensão territorial. Da mesma forma, devemos nos questionar sobre a própria ideia de uma só língua.

---

<sup>124</sup> Sexto Empírico, *Adv. math.* VIII, 275-276.

Parece-nos possível interpretar que os gregos do período helenístico – através de suas tentativas de invenção e padronização de diacríticos e refinamento da pontuação – buscassem minimizar ambiguidades na escrita. Em Roma, por sua vez, o que observamos são reivindicações complexas dos autores sobre uma forma de linguagem que seria mais adequada, de um modo bem diferente de seus predecessores gregos.

## 2.2 LATINITAS

Martin Irvine (1994, p. 77) afirma que a *Latinitas* é uma herança doutrinária do conceito estoico de *Hellenismós*, que, como vimos, tinha como base o uso da língua grega fundamentado em fontes antigas que apresentassem uma forma de discurso considerado “puro”. Para o autor,

A doutrina do *hellenismós*, e depois da *latinitas*, estava intimamente ligada às teorias estoicas de etimologia e aos “defeitos” de estilo (solecismos e barbarismos); a prevenção desses contribuiu para um autêntico Helenismo ou Latinidade no discurso literário<sup>125</sup>.

Como expusemos, em sua origem, o *Hellenismós* era um termo empregado para designar uma virtude de estilo de acordo com uma determinada tradição retórico-filosófica. Além disso, esse termo teria sido conhecido por muitos estudiosos gregos e alguns latinos que teriam tido contato com o pensamento helênico.

A tradução do termo para *Latinitas*, entre os romanos, funciona, num primeiro momento, como uma espécie de correlato cultural dessa virtude do

---

<sup>125</sup> “The doctrine of *hellenismos*, and then of *latinitas*, was closely connected to the Stoic theories of etymology and the ‘faults’ of style (solecisms and barbarisms), the avoidance of which contributed to an authentic Hellenism or Latinity in literary discourse” (Irvine, 1994, p.77).

estilo. A *Latinitas* marcou as letras romanas não apenas no tempo de Cícero e César, mas perpetuou uma forma de discurso que foi tido como modelo máximo, mesmo anos após o fim da República.

Para Desbordes (2007, p.91), a influência que a noção de *Hellenismós* teve em Roma diz respeito à formação do que a autora chama de “identidade linguística enquanto diferença”, cuja expressão se dá através de três oposições fundamentais, as quais, apesar de algumas coincidências, seriam sucessivas.

A primeira dessas oposições diz respeito à diferença do latim em relação às demais línguas, chamadas bárbaras. A segunda, e de maior interesse em nosso estudo, refere-se a uma diferença dentro do próprio latim, que distingue o “bom” do “mau” latim. Quanto à terceira, relaciona-se às diferenças existentes entre o grego e o latim.

O termo *Latinitas* é encontrado pela primeira vez em um manual de retórica que durante muito tempo foi atribuído a Cícero<sup>126</sup>, o *Rhetorica ad Herennium*. Esse texto, composto possivelmente entre os anos de 86 e 82 a.C., foi “a mais remota arte retórica escrita em latim que a Antiguidade nos legou e uma das obras antigas de maior circulação na Idade Média”<sup>127</sup>.

---

<sup>126</sup> Tal atribuição, “justificada pela semelhança entre o *Da invenção* e os três primeiros livros do manual dedicado a Herênio, só começou a ser questionada no século XV. Até então, a filiação fora asseverada pela transmissão do tratado em códices compartilhados com obras de Cícero, nos quais o *Da invenção* recebia a alcunha de *Retórica primeira* e a *Retórica a Herênio*, de *Retórica segunda*” (cf. Faria e Seabra, p.12): “(...) seja qual for o momento exato de publicação de *Retórica a Herênio*, é certo que a obra permanece ao último século a.C. e, portanto, é contemporânea à crise das instituições da República, identificada aos conflitos entre *optimates* e *populares*” (*id.*, *ibid.*, p. 23).

<sup>127</sup> *Id.*, *Ibid*, p.11.

Como bem elucidada Pereira (2004, p. 2), a *Latinitas* se relacionava a uma tradição de discursos, que deveriam ser adequados à situação em pauta, e que representariam modelos a serem seguidos com base na correção desses discursos:

Ora, esse discurso tem já, no que diz respeito à sua forma, por assim dizer, um conjunto de expectativas ditadas pelo conjunto de discursos que se produziam no contexto da antiga *ars rhetorica* (*rhetorice*, para Quintiliano); noutros termos, ele tem uma tradição de discursos a levar em conta, em função dos quais será julgado, principalmente, por sua propriedade, por uma conveniência (lat. *decorum*; gr. *prépon*) à situação de enunciação que envolvia não apenas o locutor e sua causa, mas seus ouvintes e, evidentemente, o próprio discurso. Há, portanto, um ideal de discurso a seguir – quiçá, também a superar –, ideal esse constituído por aquele conjunto de discursos, como dissemos, que são apropriados à situação em que são pronunciados diante de uma assembléia e que estão representados pelo conjunto de textos que, ao longo de sua formação, o orador foi ensinado a levar em conta: o dos outros oradores e prosadores de maneira geral (tratados na escola do *rhetor*) e dos poetas (tratados na escola do *grammaticus*). (...) São, pois, esses textos, tidos por “modelos” de uso do latim, no caso, que se tomam naquele momento em consideração. Embora se possa dizer que o discurso oratório, na medida em que cumpria sua função, realizava-se plenamente apenas quando o orador pronunciava sua “arenga” diante de uma assembléia – quando era, portanto, falado e não escrito–, o

suporte desse discurso era freqüentemente um texto escrito antes ou depois de pronunciado, o que não anula o que dissemos, pois o “modelo” seguido continuava sendo o mesmo. Daí se vê, claramente, como o cuidado com a correção, isto é, com o que constituía a verdadeira *Latinitas*, moldava a concepção do que deveria constituir a disciplina encarregada ao mesmo tempo do estudo da língua e de seu julgamento<sup>128</sup>.

É importante recordarmos que a cultura letrada latina estava apenas em seus inícios no primeiro século a.C. A língua grega era ainda o meio mais comum de composição da prosa artística em Roma até esse período. Trata-se, portanto, de uma época de vívido debate sobre as Letras romanas: o poder exercido por gramáticos e rétores através da prosa não dizia respeito apenas a uma questão puramente estética, mas, principalmente, à necessidade de pensar cuidadosamente sobre como esses escritores poderiam se expressar em relação à sociedade romana.

Assim, o contexto literário em que o termo *Latinitas* aparece pela primeira vez no *Retórica a Herênio* é o da descrição do que era conveniente à elocução *commoda et perfecta*. Segundo o autor anônimo, a *elocutio* deveria apresentar três características fundamentais: *elegantia, compositio et dignitas*

---

<sup>128</sup> Pereira, 2004, p. 2.

(elegância; composição, isto é, disposição harmoniosa das palavras; dignidade, ou seja, ornamentação)<sup>129</sup>.

A primeira dessas características, a elegância, teria o papel de fazer com que cada tópico do discurso parecesse ser dito correta e claramente (*pure et aperte*) e, para isso deveria apresentar ainda duas subdivisões: *explanatio et Latinitas*. Desse modo, o autor anônimo define a *Latinitas* da seguinte maneira:

*Latinitas* é aquilo que conserva a língua pura, **mantendo-a afastada de todo vício**. Os vícios da linguagem, que pouco têm de latino, podem ser dois: solecismo e barbarismo. Há solecismo quando, em um grupo de palavras, a palavra que vem depois não concorda com a palavra que vem antes. Há barbarismo quando há uma pronúncia viciosa das palavras. Como podemos evitar isso, nós o elucidaremos através da arte gramática.<sup>130</sup>

Sobre essa definição de *Latinitas*, podemos destacar que ela aparece, assim como vimos anteriormente na citação de Irvine (1994, p. 76), relacionada à ideia de *sermo purus*, ou seja, refere-se ao uso da língua que se mantém

---

<sup>129</sup> É importante destacarmos que para Quintiliano elegância traduz o termo latino *ornato*.

<sup>130</sup> *Latinitas est, quae sermonem purum conseruat, ab omni uitio remotum. Vitia in sermone, quo minus is Latinus sit, duo possunt esse: soloecismus et barbarismus. Soloecismus est, cum in uerbis pluribus consequens uerbum superius non adcommodatur. Barbarismus est, cum uerbis aliquid uitiose efferatur. Haec qua ratione uitare possumus, in arte grammatica dilucide dicemus (Rhetorica ad Herennium, 4,17; grifo nosso).*

afastado de todo vício (*ab omni uitio remotum*). Por “vício”, o autor da *Retórica a Herêncio* entende especificamente o solecismo e barbarismo.

A oposição de solecismo/barbarismo à *Latinitas* nos remonta a outra oposição bastante conhecida na Antiguidade. Sabemos, através de Diógenes Laércio, que os estoicos apresentavam uma distinção similar, porém, referente à ideia de *Hellenismós*.

Além disso, vemos também na definição do Retórica à Herênio, que coube à *ars grammatica* a prescrição do que se considerava um latim próprio, adequado. No entanto, vale recordarmos que a escrita remete a um período em que não havia ainda em Roma uma ou várias gramáticas latinas, pelo menos não como aquelas no estilo do *clarissimus* Donato. Em verdade, segundo Baratin & Desbordes (1987, p. 92), “não há nenhuma prova confiável de tais obras antes de Palêmon no início do primeiro século a.C.”<sup>131</sup>. Assim, essa regulamentação da língua latina estava apenas em seu começo no período de Cícero e César.

Nessa direção, Bloomer (1997, p. 4) faz uma importante afirmação a respeito do desenvolvimento da acepção de *Latinitas*, correlacionando-a à invenção de uma espécie de “Literatura” latina *avant la lettre*:

---

<sup>131</sup> “(...) il n’y a pas d’attestation sûre de tels ouvrages avant Palémon, au début du 1er siècle après J.-C” (Baratin & Desbordes, 1987, p. 92).

A acepção de Latinidade se desenvolveu ao mesmo tempo em que a literatura estava sendo inventada. (...) Em primeiro plano, o importante papel desempenhado pela linguagem em tais atos de identidade, os romanos tinham o exemplo das práticas gregas. Ao mesmo tempo, a península itálica tinha suas próprias circunstâncias linguísticas ricamente diversificadas. (...) Contra esse horizonte rico de estratos – e não no austero mundo do Latim contra o Grego – se desenvolveu em Roma uma política linguística, que teve o seu próprio papel a desempenhar no desenvolvimento de ideologias do que era ser um romano e na luta social e civil entre romanos de diferentes classes e *status*" <sup>132</sup>.

Assim, será nosso objetivo no próximo capítulo, verificar mais cuidadosamente tais questões referentes à construção da identidade romana através da língua de Roma a partir do relato de Cícero, no *Brutus*, e sua relação com os escritos *De analogia* de César.

---

<sup>132</sup> "A sense of Latinness developed at the same time as literature was being invented. (...) In foregrounding the important role played by language in such acts of identity, the Romans had the example of Greek practices. At the same time the peninsula of Italy has its own richly diverse linguistic circumstances. (...) Against the richly layered landscape – and not in the stark cameo world of Latin versus Greek – a linguistic politics developed at Rome which had its own role to play in the evolution of Roman literature, in the developing ideologies of what it was to be a Roman, and in the social and civil strife between Romans of different classes and *statuses*" (Bloomer, 1997, p.4).



## TERCEIRO CAPÍTULO

Buscamos fazer, no capítulo anterior, uma breve digressão sobre a noção de *Latinitas* na Antiguidade, partindo de um outro conceito muito importante e que teria, como pudemos defender, servido de base a essa noção, o de *Hellenismós*.

O que procuramos destacar é que, mesmo antes de Cícero e de César, esse termo chave na cultura latina antiga já era de difícil análise e delimitação por parte de seus proponentes. No presente capítulo, nosso objetivo é, por conseguinte, ater-nos, especificamente, à noção de *Latinitas* e sua polissemia manifesta no *Brutus* de Cícero e no *De analogia* de Júlio César.

Assim, nosso intuito é indagar sobre a enorme dignidade que esses dois autores conferem à *Latinitas* em suas obras e a forma como a discussão de ambos sobre o sentido desse termo se conecta, a nosso ver, a propósitos políticos divergentes. Ao proporem a defesa de uma forma de latim, acreditamos que esses autores propõem, igualmente, a defesa de suas próprias *personae* na tradição oratória.

### 3.1 A LATINITAS NA CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DE CÍCERO E DE CÉSAR

Costuma-se afirmar que no *De oratore* não há alusão à controvérsia da qual Marco Túlio Cícero fez parte contra a escola dos puristas (os quais mais tarde serão chamados de aticistas)<sup>133</sup>, tão presente nas duas demais obras da trilogia retórica do Arpinate – *Brutus* e *Orator*. Um dos testemunhos mais importantes sobre essa discussão se encontra na obra *De analogia* de Júlio César, da qual, como mencionado anteriormente, só restam fragmentos e testemunhos a partir de outros escritos.

Para Hendrickson (1906, p. 97), o *De analogia* deve muito de sua origem às afirmações contidas no terceiro livro do *De oratore*, no que diz respeito à relevância de se alcançar a “Latinidade pura”: teria sido esse escrito de Cícero – que, em princípio, dialogava com uma posição análoga à de César – que teria acabado por desafiar o general a uma resposta. Esse debate saiu, por conseguinte, do desconhecimento através da autoridade e da persuasão com que Cícero o conduziu.

Os três livros sob o título *De oratore* constituem um diálogo ambientado no ano de 91 a.C. Como sugere o próprio Cícero, em uma carta a seu amigo Ático, o texto teria sido finalizado em novembro de 55 a.C.<sup>134</sup>. Além disso, o

---

<sup>133</sup> Cf. Hendrickson, 1906, p. 97.

<sup>134</sup> Cf. Cícero, *Ad Atticum*, IV, 13, 2.

Arpinate expressa ainda em uma carta endereçada ao seu irmão Quinto que, nesse momento, Cesar tinha seu apoio político<sup>135</sup>.

Desse modo, não é improvável que o próprio Cícero tenha encaminhado uma cópia de seu *De oratore* para César<sup>136</sup>. Todavia, que o general possa ter lido a obra de Cícero como um todo não é nossa questão. Parece-nos mais interessante a investigação sobre uma concepção política da língua no *De analogia*, cujo suporte parece ter sido, acima de tudo, uma maneira de marcar a posição distinta de César enquanto líder militar intelectual, um governante com vistas à criação de um projeto de ambiciosa pretensão cultural e política.

Para entendermos de que forma as apreciações feitas pelo autor de *De oratore* podem ter animado César a escrever o *De analogia*, é necessário investigarmos mais cuidadosamente registros da época que possam, de alguma forma, revelar as influências da controvérsia presente no *De oratore*.

Assim, acreditamos que se faz necessário um exame, a partir de certas tendências gramaticais e retóricas de períodos anteriores, as quais teriam alcançado seu auge através do chamado Aticismo romano do tempo de Cícero, para entendermos melhor os pontos de vista que causaram uma afronta aos puristas e que teriam suscitado a resposta de César.

Embora não seja tão claro o fato de que o *De oratore* possa ser concebido como uma obra especificamente direcionada contra a posição dos

---

<sup>135</sup> Cf. Cícero, *Ad Quintum Fratrem*, II, 13, 1-2.

<sup>136</sup> Hendrickson (1906, p.110) sugere a possibilidade de Trebatio em abril, ou Quinto Cícero, em maio do ano de 54, terem sido portadores de uma cópia dessa obra destinada a Júlio César. De toda forma, é importante salientarmos que essas possibilidades são apenas especulativas.

aticistas, a visão de que o tratado seja um documento polêmico jaz, sobretudo, no vigor e na plenitude com que este apresenta a elaboração de um ideal de abundância retórica e adorno, preceitos que eram totalmente opostos às qualidades da simplicidade coloquial e pureza idiomática apreciadas pelos aticistas.

Como vimos no primeiro capítulo deste estudo, é, então, no contexto do fim da República romana e de sua tradição oratória, que, ironicamente, estavam terminando com a vitória de Júlio César sobre a armada de Pompeu (e o início de sua ditadura) que Cícero compõe o *Brutus*.

A obra nos oferece um determinado ponto de vista da história que canoniza o lugar de Cícero no interior da cultura romana. Nesse sentido, ao retratar uma genealogia detalhada dos maiores oradores da Antiguidade, o diálogo serve como continuação de seu trabalho anterior, o *De oratore*, na tentativa de fornecer um ideal de oratória através de um traçado histórico diacrônico para complementar a pergunta sincrônica assumida nesse trabalho. Através da narração das sucessivas eras da tradição oratória, o *Brutus* apresenta o ideal de orador através da figura do próprio Cícero, que se apresenta, então, como *télos* dessa tradição.

O confronto entre diacronia e sincronia está presente em toda a obra: ao fazer um relato extremamente detalhado dos grandes oradores, a partir de seu ponto de vista, Cícero faz com que seus interlocutores (Marco Júnio Bruto e Tito Pompônio Ático), por outro lado, se sintam cansados e entediados, o que

os leva a exigir de Cícero o abandono da perspectiva diacrônica para iniciar uma narrativa sincrônica de si mesmo, de sua própria história e formação enquanto orador. Essa estratégia faz, igualmente, com que Cícero se proteja da acusação de falta de modéstia.

Como já vimos, a retórica ilustrada por Cícero no *Brutus* não teria morrido de causa natural: César a matou com o fim, imposto por ele, à República romana. Se recordarmos a principal fonte para se pensar a República (o texto homônimo de Platão), nota-se facilmente o olhar imensamente desfavorável do filósofo grego sobre as populações abatidas pela tirania da ditadura: não apenas a *pólis* da ditadura é a mais infeliz de todas, como também o próprio ditador é, de todas as pessoas, a mais infeliz.

De resto, a passagem conclusiva do diálogo de Platão dá conta das possíveis experiências que esperam as almas depois da morte: mais uma vez, o ditador seria, de todos, o que deveria experimentar maior sofrimento, como retribuição à sua condução da vida, responsável por muito sofrimento. Assim, Cícero certamente não acusaria César de maneira irresponsável, mas é possível interpretar que o ditador deva ser responsabilizado pelo fim da República, platonicamente o melhor de todos os tipos de governo, e pela emergência da ditadura, platonicamente o pior de todos os tipos de governo.

Contudo, Cícero se vale do *Brutus* para negociar sua relação com o agora ditador através das referências feitas ao *De analogia*. Esse tratado de César, organizado em dois volumes dedicados ao Arpinate era, em verdade,

uma resposta ao ponto de vista de Cícero em relação à *Latinitas* apresentado em seu *De oratore*.

A *Latinitas* está ligada à ideia de identidade autenticamente romana, contudo, esse debate sobre a fala adequada envolve inevitavelmente pontos de vista diferentes de ambos. De resto, Cícero e César parecem valer-se da ocasião do debate como uma oportunidade de construir um *ethos* de si, sempre se colocando um em oposição ao outro.

Cícero afirma, no *De oratore*, que o “falar bem” latim é uma questão de educação elementar e de hábito adquirido através de prática, do uso da língua (*consuetudo*)<sup>137</sup>. Sendo assim, para esse autor, a *Latinitas* não seria adquirida através da *ratio*, isto é, de um princípio de regras racionais, mas era uma aptidão naturalmente adquirida e, por isso mesmo, não era um assunto digno de investigação em si mesmo, parece-nos que para Cícero seria a maneira de se estar na sociedade romana que, de certa forma, garantiria a *Latinitas*. Cícero se concentra mais na questão do *ornatus* e da *copia*, isto é, de uma elocução fluente e dotada de riqueza de estilo, uma vez que, para o orador de Arpino, a *Latinitas* seria uma condição prévia para a realização do ornamento oratório, por exemplo.

Em resposta a esse ponto de vista de Cícero, de que o “purismo linguístico” seria resultado da *consuetudo*, exposto em seu *De oratore*, César propõe a doutrina de que a linguagem poderia – e deveria – ser regulamentada

---

<sup>137</sup> Cícero, *De oratore*, I, 109.

de acordo com princípios racionais. O general entende que a *Latinitas* era algo que poderia ser democratizado, posto que, para ele, ela deveria ser objeto de postulados da lógica e, assim, suas fórmulas seriam facilmente apreendidas e reproduzidas.

César defende ainda o uso de um latim não adornado para o cotidiano, devendo-se evitar palavras inéditas e não correntes no dia-a-dia<sup>138</sup>: para ele, o discurso deveria ter clareza e simplicidade. Dessa forma, o estadista entra em conflito com a importância que Cícero dava às características de um discurso elevado, como a *copia* e o *ornatus*.

---

<sup>138</sup> Cf. Gélio, *Noites áticas* 1, 10, 4.

### 3.2 O LUGAR DE JÚLIO CÉSAR NO *BRVTVS*

Na teleologia elaborada no *Brutus*, a oratória tem seu auge especificamente na *copia* ciceroniana e, por isso mesmo, o estilo de César não teria lugar nesse contexto. Cícero soluciona a questão tratando a oratória do ditador como algo ilustre, porém à parte do esquema de desenvolvimento oratório do *Brutus* (a oratória de César é citada com uma digressão marcada como excepcional, já que esse é o único orador vivo tratado na obra, além de Cícero). Podemos supor que o Arpinate temesse ser ameaçado pela valorização da simplicidade do estilo cesáreo.

É relevante recordar algo a que já aludimos no início deste estudo: Cícero afirma no *Brutus* (255) que um grande orador seria muito superior a generais que não valem nada, pois seria necessário considerar-se não o quanto cada um é útil, mas qual o valor de cada um (*quare non quantum puisque prosit, sed quanti quisque sit ponderandum est*). Ele cita ainda o exemplo da defesa de Crasso por Cúrio, que representava uma realização cultural muito maior do que as conquistas de cidadelas lígures.

Também na passagem citada do *Brutus*, Cícero firma que trazia mais prestígio a seu povo aquele que na Cidade não apenas tornava ilustre a riqueza de um discurso, mas aquele que a aumentava (*plus enim certe adtulit huic populo dignitatis quisquis est ille, si modo est aliquis, qui non inlustravit*

*modo sed etiam genuit in hac urbe dicendi copiam*)<sup>139</sup>. Para o próprio Bruto, personagem de Cícero, o latim adequado não era fruto de uma teoria abstrata, mas sim de bons hábitos<sup>140</sup>.

Dessa forma, Bruto, o personagem, relaciona a *Latinitas* a uma moral adequada, própria, sendo um fenômeno que ocorreria naturalmente através da prática. Sabendo que o povo romano não costumava, no passado, emigrar da *Vrbs*, influências linguísticas por barbarismo se mantinham afastadas<sup>141</sup>.

Contudo, assim como acontecera anteriormente aos gregos, Roma passou a atrair estrangeiros, fazendo com que, segundo Cícero, a antiga pureza linguística fosse corrompida, surgindo, então, a necessidade de uma regulação da língua:

Nesse campo, porém, tanto em Roma como na Grécia, a situação estava seguramente deteriorada pelo tempo. Confluíram, pois, em Atenas, bem como em nossa Cidade, de lugares diversos, muitas pessoas com falas contaminadas. Uma razão a mais para purificar o idioma: será usado um critério racional, quase como uma pedra de toque, e que, por isso, é imutável; não se deverá, por outro lado, recorrer à limitadíssima regra do uso da língua (*consuetudinis*)<sup>142</sup>.

---

<sup>139</sup> Cícero, *Brutus*, 255.

<sup>140</sup> Cf. *Brutus*. 258: *non fuit rationis aut scientiae sed quae bonae consuetudinis* (destaque nosso).

<sup>141</sup> Cf. *Id.*, *ibid.*: *qui nec extra urbem hanc uixerant neque eos aliqua barbaries domestica infuscauerat, recte loquebantur.*

<sup>142</sup> *sed hanc certe rem deteriore uetustas fecit et Romae et in Graecia. confluerunt enim et Athenas et in hanc urbem multi inquinatae loquentes ex diuersis locis. quo magis*

É importante ressaltarmos que na forma “moderada”, que foi provavelmente adotada por César, a doutrina da analogia não insistiu no contraste radical entre *ratio* e *consuetudo* (uso linguístico empírico, praticado pelos falantes): numa situação caracterizada pela sobreposição das diferentes influências linguísticas e também, portanto, pela consolidação de *consuetudines* diferentes, a tarefa da *ratio* era antes discriminar a *consuetudo*, uso pela prática, boa da má.

Para o Arpinate, a investigação analógica do general sobre a *Latinitas* indica um largo declínio cultural, visto que a *ratio* seria necessária para substituir a *consuetudo*. Para Cícero, a crise linguística de seu tempo estaria fortemente relacionada com uma deterioração política e social.

Ao tratar da teoria linguística do estadista no *Brutus*, Cícero está lidando não apenas com o problema político de conseguir sua benevolência enquanto ditador, mas com um problema de ordem teórica, pois apesar de César ter elogiado a importância cultural da *copia* ciceroniana, ele não deixava de valorizar a pureza e a simplicidade de estilo em detrimento de uma ornamentação elaborada, o que o opunha diretamente às ideias do orador de Arpino.

---

*expurgandus est sermo et adhibenda tamquam obrussa ratio, quae mutari non potest, nec utendum prauissima consuetudinis regula* (Cícero, *Brutus*, 258; tradução nossa).

Além disso, o ponto de vista defendido por César acerca da oratória se aproxima bastante da visão dos adversários aticistas de Cícero, contra os quais o diálogo *Brutus* serve de grande refutação. Sendo assim, notamos que o autor do *Brutus* faz a opção de deixar o estadista fora de sua história da oratória romana e, além disso, trata o estilo do general como sendo, ele mesmo, uma manifestação de ornamentação.

O que Cícero faz, portanto, é afirmar que o estilo de César mescla pureza linguística com “ornamentos oratórios do dizer” (*oratoria ornamenta dicendi*<sup>143</sup>), e revela mais detalhes da posição do general acerca da *Latinitas* ao fornecer integralmente a citação da dedicatória feita por aquele ao Arpinate no prefácio do *De analogia*. Segundo Cícero, César teria enunciado que “a fonte da eloquência é a benevolência na escolha das palavras” (*uerborum dilectum originem esse eloquentiae tribueritque*<sup>144</sup>).

Dessa maneira, o autor do *Brutus* afasta sutilmente o discurso do ditador de uma *Latinitas* não adornada, ao mesmo tempo em que o aproxima de uma variedade de *copia*, sugerindo, então, que embora César não apresentasse uma oratória tão rica quanto a de Cícero, ainda assim não deixava de ter um tipo de *ornatus*:

---

<sup>143</sup> Cícero, *Brutus*, 275.

<sup>144</sup> *Id.*, *Ibid.*, 253.

César, por sua vez, valendo-se de um método racional (*rationem adhibens*) corrige um hábito defeituoso (*consuetudinem uitiosam*) e corrupto através de um hábito puro e incorrupto. Assim, quando acrescenta aqueles ornamentos de uma linguagem oratória a esta elegância de seu estilo de latim – que é, contudo, indispensável, ainda que não se trate um orador, mas apenas um cidadão romano bem nascido – parece, desse modo, da mesma forma, dar com proficuidade uma boa luz aos quadros (*tabulas pictas*)<sup>145</sup>.

O autor do *Brutus* aproveita também para tecer outros elogios ao modo de falar de César e não deixa de citar sua voz e sua entrega enquanto grande e nobre (*magnificam et generosam*).

Assim, para Cícero, a *Latinitas* tinha uma importância cultural global. César recebe, portanto, o elogio do orador em relação à sua contribuição para com uma teoria linguística, mas o Arpinate não deixa de mencionar a necessidade de fazer com que o latim fosse livre das “impurezas”, que representariam um sinal de declínio político e social.

Quando cita o prefácio do autor do *De analogia*, Cícero destaca o cuidado que aquele tivera ao elogiá-lo. Nessa passagem, César afirma que o Arpinate é pioneiro e é o orador com maior prática na *copia* oratória. Somente

---

<sup>145</sup> *Caesar autem rationem adhibens consuetudinem uitiosam et corruptam pura et incorrupta consuetudine emendat. itaque cum ad hanc elegantiam uerborum Latinorum— quae, etiam si orator non sis et sis ingenuus ciuis Romanus, tamen necessaria est— adiungit illa oratoria ornamenta dicendi, tum uidetur tamquam tabulas bene pictas conlocare in bono lumine* (Cícero, *Brutus*, 261).

depois disso lança o debate sobre o discurso cotidiano, questionando o valor da inacessibilidade supostamente defendida por Cícero. Essa questão, flagrantemente retórica, parece-nos ter uma conexão intertextual com a caracterização do *sermo cotidianus* definido por Cícero no *De oratore* tanto como fácil, quanto como algo que poderia ser negligenciado:

É que foram fáceis, Antônio --- replicou Crasso ---, as duas partes que acabei de percorrer às pressas ou que, antes, praticamente omiti, o falar em bom latim e o discursar com clareza. As demais são grandiosas, complicadas, variadas, importantes, e nelas reside toda a admiração ao engenho, todo o louvor à eloquência. Ora, ninguém jamais admirou um orador por falar em bom latim. Se fala de outra maneira, ridicularizam-no, não apenas considerando que não é um orador, mas que não é sequer um homem. Ninguém usa palavras para elogiar alguém que discursa de modo a que os presentes compreendam o que fala, mas despreza-se quem não é capaz de fazê-lo <sup>146</sup>.

---

<sup>146</sup> "*Faciles enim,*" inquit "*Antoni, partes eae fuerunt duae, quas modo percucurri uel potius paene praeterii, Latine loquendi planeque dicendi; reliquae sunt magnae, implicatae, uariae, graues, quibus omnis admiratio ingeni, omnis laus eloquentiae continetur; nemo enim umquam est oratorem, quod Latine loqueretur, admiratus; si est aliter, inridet neque eum oratorem tantum modo, sed hominem non putant; nemo extulit eum uerbis, qui ita dixisset, ut, qui adessent, intellegerent quid diceret, sed contempsit eum, qui minus id facere potuisset* (*De oratore*, III, 52; tradução Scatolin)

Na passagem 253 do *Brutus*, Ático se refere diretamente ao *De analogia* e faz um elogio a César, mas que é, em verdade, mais uma vez ambíguo, visto que enaltece sua *ratio* (i.e. seu método racional analógico) – que determinaria sua *Latinitas* – ao mesmo tempo em que evidencia o fato de César dever o renome da pureza de seu discurso à sua origem aristocrática e à sua *consuetudo* de família.

253. Assim, ele próprio disse olhando-me fixamente que escreveu em meio às mais importantes atribuições, com enorme agudeza, sobre as **regras** do falar bem latim, afirmando, no início da obra, que o deleite na escolha das palavras é o fundamento da eloquência, meu caro Bruto, nosso amigo Cícero quer que seja eu, e não ele, a falar de César, de quem recebeu um elogio especial, concebido nessas palavras, os quais se seguem a uma dedicatória pessoal: “e se alguns, através do estudo e da prática, conquistaram a capacidade de dar insígnia e eloquente expressão aos seus pensamentos, acreditamos que você, que é praticamente o iniciador e o descobridor desta rica conversa, seja extremamente merecedor da reputação e da dignidade em meio ao povo romano; o domínio do discurso fácil e coloquial é algo que deve ser tido como algo a ser negligenciado?”<sup>147</sup>

---

<sup>147</sup> *Qui[n] etiam in maxumis occupationibus ad te ipsum, inquit in me intuens, de **ratione** Latine loquendi accuratissime scripserit primoque in libro dixerit uerborum dilectum originem esse eloquentiae tribueritque, mi Brute, huic nostro, qui me de illo maluit quam se dicere, laudem singularem; nam scripsit his uerbis, cum hunc nomine esset adfatus: ac si, cogitata praeclare eloqui <ut> possent, nonnulli studio et usu elaborauerunt, cuius te paene principem copiae atque inuentorem bene de nomine ac dignitate populi Romani*

Ora, Cícero é cuidadoso em não deixar de citar a figura do general e a sua importância na discussão sobre os oradores ainda vivos. Ático oferece, assim, duas causas à pureza linguística de César: a primeira seria a sua tradição familiar e a segunda, associada à primeira, seria certo aprendizado da averiguação imputada ao falar bem. É dessa forma que Cícero consegue sugerir diplomaticamente que a política populista do ditador conflita com seus próprios privilégios por pertencer a uma família nobre. Além disso, *ratio* de César não deriva apenas de seu nascimento, mas também de sua posição social.

Da mesma forma, porém, parece-nos que o elogio que César faz às realizações culturais de Cícero no prefácio de sua obra, moldado em termos marciais, serve para colocar o Arpinate lado a lado com a própria apresentação do *ethos* de César enquanto um general intelectual.

A investigação sobre a teoria linguística no *De analogia* convém, assim, para marcar a posição distinta de Júlio César como um líder militar com interesses teóricos sobre o latim. Além disso, para o ditador, era interessante essa regulação racional da oratória para que houvesse uma padronização de sua expressão através de um nivelamento do discurso, a partir de uma forma que seria disponível a todos, e que não pudesse ser usada contra ele.

Sendo assim, acreditamos que o *Brutus*, ao narrar esse declínio da cultura, acomoda tanto o ponto de vista do próprio Cícero quanto o de César.

---

*meritum esse existumare debemus: hunc facilem et cotidianum nouisse sermonem nunc pro relicto est habendum?* (Cícero, *Brutus*, 253; grifo nosso).

Ao traçar a genealogia de sua própria *latinitas*, Cícero se volta no diálogo às famílias distintas do passado de Roma, privilegiando a genealogia de sua própria *latinitas* espontânea em detrimento do alcance que poderia ter a *ratio* de César.

### 3.3 BRVTVS E DE ANALOGIA: LATINITAS COMO IDENTIDADE ROMANA

Embora Cícero afirme que todo cidadão romano deveria alcançar a *Latinitas*<sup>148</sup>, na prática, o que ocorre é que o autor do *Brutus* coloca a *Latinitas* fora de seu alcance, uma vez que, para Cícero, falar um latim próprio, adequado, apresentaria certas restrições em relação ao tipo de falante. Isso é apresentado, por exemplo, em uma passagem do *De oratore*, em que o autor não só enfatiza a quem diz respeito falar corretamente, como expõe o que viria a ser *Latine loqui*:

Pois não estamos tentando ensinar a discursar aquele que não sabe falar; nem ter esperança de que aquele que não é capaz de falar corretamente discursar de maneira ornada. Deixemos de lado, então, esses elementos que apresentam um conhecimento fácil, um uso necessário. Pois um deles é ensinado nas letras e na formação juvenis, o outro é empregado para que se entenda o que cada um diz, algo que percebemos ser tão necessário que não é possível haver menos do que isso. **39.** Ora, toda a elegância da fala, mesmo sendo aperfeiçoada com o conhecimento das letras, aumenta com a leitura de oradores e poetas. De fato, quase todos aqueles antigos que ainda não eram capazes de ornar o que diziam falaram de maneira magnífica. Aqueles que se acostumarem à sua linguagem não conseguirão, ainda que queiram, falar senão em bom latim. Não se deverá, contudo, empregar palavras que nosso uso já não emprega, a não ser, por vezes, de maneira comedida, para ornar, como

---

<sup>148</sup> Cf. Cícero, *De oratore*, III, 150 – 151.

mostrarei. Mas poderá usar as palavras usuais, empregando as mais seletas, aquele que tiver examinado com cuidado e por muito tempo os escritos antigos. **40.** E, para falar em bom latim, devemos não apenas ter o cuidado de proferir palavras que não deem motivo para censura e de respeitar seus casos, tempos, gênero e número, evitando qualquer tipo de confusão, discrepância ou inversão, mas também controlar a articulação, a respiração e o próprio tom da voz<sup>149</sup>.

A *Latinitas*, para Cícero, parece, pois, estar relacionada a certas famílias aristocráticas com as quais ele teve contato, embora fosse um *homo nouus*, e agora estaria ameaçada pela introdução de barbarismos. A nosso ver, o Arpinate parece estar estabelecendo, dessa forma, um paralelo entre uma elite linguística e uma aristocracia política, para a qual ele advoga<sup>150</sup>.

Se tentarmos comparar os preceitos de Crasso com os julgamentos acerca do estilo expressos no *Brutus*, em que os oradores são avaliados

---

<sup>149</sup> *neque enim conamur docere eum dicere, qui loqui nesciat; nec sperare, qui Latine non possit, hunc ornate esse dicturum; neque uero, qui non dicat quod intellegamus, hunc posse quod admiremur dicere. Linquamus igitur haec, quae cognitionem habent facilem, usum necessarium. Nam alterum traditur litteris doctrinaque puerili, alterum adhibetur ob eam causam, ut intellegatur quid quisque dicat, quod uidemus ita esse necessarium, ut tamen eo minus nihil esse possit. [39] Sed omnis loquendi elegantia, quamquam expolitur scientia litterarum, tamen augetur legendis oratoribus et poetis; sunt enim illi ueteres, qui ornare nondum poterant ea, quae dicebant, omnes prope praeclare locuti; quorum sermone adsuefacti qui erunt, ne cupientes quidem poterunt loqui nisi Latine. Neque tamen erit utendum uerbis eis, quibus iam consuetudo nostra non utitur, nisi quando ornandi causa parce, quod ostendam; sed usitatis ita poterit uti, lectissimis ut utatur, is, qui in ueteribus erit scriptis studiose et multum uolutatus. 40. Atque, ut Latine loquamur, non solum uidendum est, ut et uerba efferamus ea, quae nemo iure reprehendat, et ea sic et casibus et temporibus et genere et numero conseruemus, ut ne quid perturbatum ac discrepans aut praeposterum sit, sed etiam lingua et spiritus et uocis sonus est ipse moderandus. (Cícero, *De oratore*, III, 39 – 41. Tradução Scatolin).*

<sup>150</sup> Cf. *Brutus*, 258.

menos pelo que eles disseram do que pela forma como o disseram, observamos uma notável estabilidade no pensamento de Cícero: o enraizamento na história que o diálogo pressupõe permite-nos examinar a doutrina retórica apresentada em sua obra retórica anterior, o *De oratore*, numa série de indivíduos que são julgados com base em seu sucesso nas atividades do fórum graças ao domínio de suas *uritutes orationis*<sup>151</sup>.

Concentrando-nos naqueles oradores descritos como *elegantes*, temos a sensação de que por trás do elogio mais ou menos acidental de Cícero parece haver dúvidas significativas sobre a eloquência que ele considera como incompleta. Muito frequentemente, o Arpinate usa termos derivados da mesma família lexical de *Latinitas* para descrever o que seria *purus*, isto é, a pureza no sentido de “inalterado, não contaminado”<sup>152</sup>. Aliás, principalmente no período dos Graco, Cícero parece elogiar a correção linguística de inúmeros oradores, visto que não haveria outros aspectos para serem evidenciados, como é o caso de oradores como Fúrio Filo, Quinto Flaminio, Marco Aurélio Escauro, Marco Licínio Crasso e Lúcio Domício entre tantos outros sobre os quais ele faz afirmações como “falava sem nenhuma arte, mas com um bom latim e com muita autonomia” (*nulla ille quidem arte, sed Latine tamen et multa cum libertate dicebat*)<sup>153</sup>.

---

<sup>151</sup> Cf. Garcea, 2012, p. 53.

<sup>152</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>153</sup> Cícero, *Brutus*, 267 (tradução e grifo nossos).

No caso de oradores de maior *status*, e de uma geração mais antiga, a *Latinitas* é apresentada no *Brutus* como uma qualidade que é espontânea e hereditária, tornando-se uma parte do *ethos* do orador, mas não representando um modelo de eloquência. Quando se trata da descrição de oradores mais contemporâneos à obra, a *Latinitas* parece corresponder à base da oratória, que por vezes é colorida graças ao *ornatus*. Um exemplo disso é a descrição feita de Lúcio Licínio Crasso que, segundo o autor do *Brutus*, combinava em sua oratória um tom solene a um pouco de talento e elegância, falando um latim puro e agradável de ouvir (*Latine loquendi accurata et sine molestia diligens elegantia*<sup>154</sup>); ele teria tido também uma grande capacidade de transmitir suas ideias, notadamente através da utilização de argumentos e comparações.

Adicionalmente, sua *elocutio* é descrita como tendo sido tão ornamentada (*perornatus*) quanto concisa (*brevis*)<sup>155</sup>. Se voltarmos ao *De oratore*, é possível observar que a personagem de Crasso tinha grande cuidado na escolha de seu vocabulário, de modo a evitar dar a impressão de que estava recorrendo a uma linguagem muito banal: o papel que lhe é designado neste diálogo parece, assim, combinar perfeitamente com a *elegantia* que ele demonstraria em sua oratória prática.

É importante destacarmos ainda que a ideia de *Latinitas* como qualidade inata eventualmente sobrepõe-se a um dos significados de *urbanitas* na obra

---

<sup>154</sup> Cícero, *Brutus*, 143.

<sup>155</sup> Cícero, *Brutus*, 158.

de interesse de nosso estudo. Os oradores *Italici* (§§167-172) são exemplos de uma eloquência hostil à aristocracia romana. Cícero admite que, em geral, ele não faz nenhuma distinção entre *urbani* e *externi*, exceto por um detalhe: “a língua deles carece de um certo colorido de urbanidade, digamos assim” (*urbanitate quadam quasi colorata oratio*<sup>156</sup>). Nesse arranjo de palavra, o uso de *quadam* e *quasi* revela a dificuldade de definir algo que é em grande parte uma avaliação subjetiva.

Além disso, o exemplo de Quinto Valério Sorano aponta para o fato de que o som da voz era também um elemento que estava em jogo. Segundo Cícero (*Brutus* 169; e também *De oratore* 3, 43), o extraordinário conhecimento das letras gregas e latinas de Sorano foi incapaz de compensar o seu sotaque provinciano. Para provar esse fenômeno, o orador alerta Bruto sobre a Gália Cisalpina, onde deverá encontrar, nas palavras de Cícero, “algumas palavras não frequentes em Roma” (*uerba quaedam non trita Romae*)<sup>157</sup>, e então especifica que o critério de reconhecimento da urbanidade reside na escolha do vocabulário, que envolve também a modulação do timbre e o sotaque.

Assim, o que vemos no *Brutus* é que os homens da elite romana disputavam *uirtutes* através de seus estilos oratórios. Na teleologia elaborada por Cícero nesse diálogo, parece-nos, como já defendemos, que a *ordo* prosopográfica é estabelecida de forma a evidenciar a *imitatio* como meio de os oradores superarem uns aos outros. Assim, a competição que havia entre

---

<sup>156</sup> Cícero, *Brutus*, 170.

<sup>157</sup> Cícero, *Brutus*, 171.

eles não só servia para que pudessem construir seu *ethos* ao se compararem um com o outro, como também permitia que eles pudessem definir-se perante a tradição oratória como um todo.

Tanto em sua proposição de um novo modelo de estética em seu *De oratore* quanto em sua visão da eloquência como algo em desenvolvimento e julgado por razões pragmáticas no *Brutus*, Cícero apresenta a mesma tentativa de propor um modelo de perfeição oratória que apresenta uma perspectiva para além da subjetividade de seus contemporâneos bem como o resultado final de uma evolução histórica. Qualquer forma de expressão que se afaste disso pode, portanto, ser considerada incompleta para o Arpinate.

Como vimos, Dugan (2005) vem defendendo que o trabalho intelectual de Cícero no *Brutus*, e também em suas demais obras de retórica, tem por horizonte um projeto maior de construção, ou modelagem, de si mesmo (*self-fashioning*) a partir desses escritos retóricos. Embora concordemos com Dugan sobre o *Brutus* ser uma obra com vistas à autorrepresentação de seu autor, pensamos que Cícero não coloca em pé de igualdade suas atividades políticas e seus esforços intelectuais, embora estejam imbricados.

É evidente que o paradigma que rege toda a obra da história republicana da eloquência é justamente o da vida do orador enquanto parte essencial da identidade romana; no entanto, defendemos que a erudição servia como forma de elevar a vida ativa no fórum.

Sabemos que, durante o período da República, a identidade romana se desenvolveu em grande parte na esfera pública da *Vrbs*. A virada na história representa um presságio de impasse para Cícero. O silêncio de sua eloquência foi inevitável para o orador. Contudo, acreditamos que a escrita de toda a história da eloquência no *Brutus* serve a Cícero não só como forma de romper o silêncio, como também meio de construir seu próprio *ethos* perante a história da oratória enquanto modelo de identidade genuinamente romana.

Assim, a teleologia apresentada na obra é tão tendenciosa quanto à história do declínio político. Podemos interpretar o *Brutus* como um **fim**, elaborado por seu autor, que serve tanto para a defesa do próprio Cícero quanto para a defesa da República. Para nós, o deslocamento da participação na oratória, isto é, da atividade prática dos discursos no fórum, para a escrita de uma história da eloquência, é mais do que um sintoma da crise de seu tempo.

Parece-nos, pois, que tanto a postura de Cícero quanto a de César em relação à *Latinitas* refletem as circunstâncias políticas da época em que viviam ambos. Acreditamos que se, por um lado, Cícero era favorável a uma oratória emotiva, capaz de render-lhe apoio popular e poder político, por outro lado, era intenção de César minar a possibilidade de que oradores carismáticos, como Cícero, interferissem em sua pretensão política. Ambos os autores, ao comporem em suas obras suas figuras históricas através da defesa de sua

própria *Latinitas*, moldavam, principalmente, a própria ideia de identidade genuinamente romana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Cícero escreveu o *Brutus*, o então general Júlio César ainda estava consolidando sua tomada do poder. Como vimos ao longo deste estudo, a guerra civil trouxe como consequência o fim do exercício da oratória em Roma, atingindo diretamente um dos maiores oradores romanos, Marco Túlio Cícero, que inicia um copioso período de escrita nesse momento da História.

Dessa forma, o que defendemos é que Cícero escreve a história da oratória na República como um documento da liberdade de expressão ameaçada pela vitória de César na guerra civil. Acreditamos que, se por um lado o que vemos no *Brutus* é a exposição da impotência pública de Cícero nesse período, por outro lado, fica evidente o poder exercido por ele através de sua escrita.

Sob a censura de debates abertos, ou seja, no horizonte do **fim** da eloquência, Cícero encontra a oportunidade ideal para afirmar a **finalidade** da extinta eloquência. As potências e os limites do latim na *Vrbs*, seus fins últimos, se apresentam, mais ou menos veladamente, como tema do diálogo histórico ciceroniano e de outras obras que interagem com ele no plano sincrônico (como buscamos perseguir ao longo deste estudo).

Talvez seja conveniente sugerir que esses conflitos intelectuais sobre a língua latina tenham, como inevitável herança, as diversas elaborações linguísticas que recolhemos hoje, muitos séculos mais tarde. Naturalmente, no entanto, é necessário muito cuidado para não impregnar o século de Cícero de anacronismos.

Durante a expansão romana, o futuro do latim se estendia sobre a assimilação de outras culturas e o estabelecimento progressivo da latinidade. À medida que o manto do Lácio recaía sobre territórios cada vez mais distantes de seu terreno nativo, as concepções que os romanos cultos elaboraram a respeito do latim eram um plano de governo por outros meios. Nesse sentido, seus escritos potencialmente transbordaram a *Vrbs*, a cidade, em direção ao *Orbis*, o mundo – para servir-nos de um conhecido jogo de palavras.

Cícero parece, no *Brutus*, estar saber de sua função imensa na cultura romana. Como Catão afirmou em uma oportunidade, foi o orador de Arpino quem teria dado **cidadania** às letras latinas através de seu esforço para conduzir a travessia de conceitos gregos fundamentais do mundo linguístico/retórico e filosófico helênico a fim de que eles fossem acolhidos pelas possibilidades da cultura letrada romana. Como argumentamos alhures, esse enorme trabalho conduzido no interior do latim foi também a forma e o

meio de Cícero criar seu próprio *ethos* e de inventar seu lugar e seu espaço enquanto homem novo (*homo nouus*) na política e na cultura<sup>158</sup>.

Nesse sentido, em seu tempo e especialmente em sua obra, pode-se afirmar que Cícero e sua memória **são** a *Latinitas*, sua invenção da *Latinitas*. Os séculos seguintes apenas confirmaram a função de padrão, de norma e fonte de uma língua autorizada e de alta cultura associada à sua atividade intelectual. Entre os antigos autores latinos de retórica e filosofia, apenas Quintiliano e Sêneca rivalizariam com ele em influência.

Esse homem novo que é Cícero se coloca em seu texto de maneira particularmente articulada. Devemos considerar a clara incidência da herança do teatro representativo sobre o diálogo filosófico, na medida em que o personagem Cícero está submetido às obrigações de verossimilhança tradicionais no teatro<sup>159</sup>. O diálogo deve representar feitos e personagens que pareçam verdadeiros para a audiência. Como Cícero constrói seu Cícero, nesse sentido? Em poucas palavras, Cícero se constrói como a própria história da retórica, pois é sua **memória** e sua interpretação da **história** que são construídas como se fossem as mais próprias e excelentes. É ele também quem narra a história da morte da eloquência em seu auge em sua obra, na

---

<sup>158</sup> A esse respeito, remetemos o leitor a nosso trabalho de monografia, igualmente orientado pelo prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira e também defendido no IEL – Unicamp.

<sup>159</sup> Há uma reflexão interessante relativa ao vínculo entre o *theatrum mundi* (“teatro do mundo”) e a eloquência de Cícero em Cardoso, 2010.

condição de testemunha ocular e, igualmente, como um dos personagens principais das letras romanas.

Como texto de teor histórico, devemos recordar a tradição romana de que o gênero histórico é pessimista e se arvora no *tópos* da decadência. Ora, esse pessimismo está na ideia da morte da retórica, que encontrou seu ápice e não poderia se sustentar mais sem a liberdade forense sonogada por César. Podemos dizer que aqui é possível ler o conceito antigo da morte em glória (*κλέος*): essa é uma palavra que frequenta a épica homérica e é, muitas vezes, associada à morte e alcançada através dela. Essa infiltração de uma concepção epopeica no diálogo filosófico talvez se explique pela ubiquidade da épica grega no mundo letrado antigo. Todavia, essa interação não se apresenta sem adaptações: como Aquiles, a retórica romana deve morrer em glória imensa, na tentativa da prática de sua melhor atividade para trazer renome à sua cidade e à sua gente.

No entanto, não é mais no campo de batalha que a retórica encontra sua *kléos*, mas sim no fórum; a arma em poder do inimigo que causa sua queda é o decreto ditatorial do silêncio. A esse respeito, podemos recordar aquilo que Homero grandiosamente ensinou pela voz de Príamo no livro XXII da *Ilíada*:

Se espojem no vestibulo! Em batalha  
Jazendo um moço, lhe aparece tudo  
Nédio e composto; mas, defunto um velho,  
Já de cabeça branca e branca barba,  
De vergonhas à mostra, o lacerarem  
Torpes cães... Oh! Miséria das misérias!<sup>160</sup>.

A morte de um moço em batalha é inteiramente dotada de compostura e de brilho (nédio e composto, nas palavras de Odorico Mendes): tudo se mostra decoroso e magnificente em uma queda digna. Pelo contrário, a morte do idoso é menos bela, especialmente em condições humilhantes, privadas do viço da batalha. Semelhantemente, a retórica morre também em seu esplendor ciceroniano. A eloquência sucumbe ainda jovem em seu campo de batalha próprio: isto é, no fórum, no espaço da oratória pública.

---

<sup>160</sup> Tradução de Odorico Mendes.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

### EDIÇÕES DO *BRVTVS*

CICERO. M. T. *Brutus*. Introduction and edition by A. E. Douglas. Oxford: Clarendon Press, 1966.

CICERO. M. T. *Brutus*. English translation by G. L. Hendrickson; *Orator*. English translation by H. M. Hubbell. London: Harvard University Press, 1997.

CICÉRON. *Brutus*. Texte établi et traduit par Jules Martha. Paris: Belles Lettres, 2002.

CICERÓN. *Bruto: de los oradores ilustres*. Introducción, traducción y notas de Bulmaro Reyes Coría. México (D.F.): UNAM, 2004.

\_\_\_\_\_. *Brutus et la perfection oratoire*. Traduit par François Richard. Paris: Garnier, 1934.

CICERONE. *Brutus*. Introduzione e commento di Francesco Galli. Milano: Carlo Signorelli, 1946.

\_\_\_\_\_. *Bruto*. Introduzione, traduzione e note di Emanuele Narducci. Milano: rizzoli, 2006.

\_\_\_\_\_. *Bruto*. Introduzione, traduzione e commento di Rosa Rita Marchese. Roma: Carocci editore, 2011.

## OUTRAS OBRAS DE CÍCERO

CICERO. *Cicero: Philippics*. English translation by Harry Caplan. Cambridge: Harvard University Press; London: The Loeb Classical Library, 1989.

\_\_\_\_\_. *The Verrine orations*. Translated by L. H. G. Greenwood. Cambridge: Harvard University Press; London: The Loeb Classical Library, 1928.

\_\_\_\_\_. *Cicero orationis: Pro Caelio; De Provinciis Consularibus; Pro Balbo*. Vol. XIII. Translated by R. Gardner. Cambridge: Harvard University Press; London: The Loeb Classical Library, 1958.

\_\_\_\_\_. *Letters to Atticus*. Volume I. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press; London: The Loeb Classical Library, 1999.

\_\_\_\_\_. *Letters to Friends*. Volume I. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press; London: The Loeb Classical Library, 2001.

CICÉRON. *De l'orateur*. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: Belles Lettres, 1950.

\_\_\_\_\_. *Discours tome XV: Pour Caelius ; Sur les provinces consulaires; Pour Balbus*.

Texte établi et traduit par J. Cousin. Paris: Belles Lettres, 1962.

\_\_\_\_\_. *L'orateur ; Du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Belles Lettres, 1964.

\_\_\_\_\_. *Discours : Discours contre Q. Caecilius, dit "La Divination; Première action contre C. Verrès; Seconde action contre C. Verrès (livre premier: la préture urbaine)*. Texte établi et traduit par H. de la Ville de Mirmont. Paris: Belles Lettres, 1984.

CICERÓN. *El orador*. Traducción, introducción y notas E. Sánchez Salor. Madrid: Alianza, 2006.

## **OUTROS TEXTOS ANTIGOS**

ARISTÓTELES. *Categorias*. Tradução, introdução e comentário de Ricardo Santos. Porto: Porto, 1995.

\_\_\_\_\_. *Retórica das paixões*. Prefácio Michel Meyer; introdução, notas e tradução Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

\_\_\_\_\_. *Órganon: categorias da interpretação, analíticos anteriores, analíticos posteriores, tópicos, refutações sofísticas*. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2010.

CAESAR. *Caesar's war commentaries : De bello Gallico and De bello civili*. Edited and translated by John Warrington. London; New York: Dent; Dutton, 1953.

CÉSAR. *A Guerra Civil*. Tradução, introdução e notas Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

[CÍCERO]. *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

DENYS D'HALICARNASSE. *Antiquités romaines*. Texte établi et traduit par Valérie Fromentin et Jacques-Hubert Sautel. Paris: Belles Lettres, 1998.

HERÁCLITO. *Fragmentos: origem do pensamento*. Tradução, introdução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: editora tempo brasileiro, 1980.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e comentário Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2006.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Odorico Mendes, prefácio e notas verso a verso de Sálvio Nienkötter. Cotia/SP e Campinas/SP: Ateliê Editorial e Editora da Unicamp, 2008.

POLÍBIO. *História*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 1996.

PLATO. *Theaetetus. Sophist*. English translation by Harold North Fowler. vol. VII. Cambridge: Loeb Classical Library, 1996.

PLUTARCH. *The lives of the noble Grecians and Romans*. New York: Modern Library, 2000.

PLUTARQUE. *Les vies parallèles*. Texte établi et traduit par R. Flacelière et E. Chambry. Introduction et notes par Cl. Mossé. Paris: Belles Lettres, 1999.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas de Marta Várzeas. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Belles Lettres, 1975.

QUINTO CÍCERO. *Manual do candidato as eleições; Carta do bom administrador público; Pensamentos políticos selecionados*. Tradução, introdução e notas de Ricardo Cunha Lima. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2000.

SENECA THE ELDER, *Declamations*. Cambridge, Mass.; London, Harvard University: W. Heinemann, vol. 1, 1974.

SEXTO EMPÍRICO. *Adversus Mathematicos*. English translation by R.G. Bury. Cambridge: Loeb Classical Library, 1985.

SUÉTONE. *Vie des douze Césars: César; Auguste*. Texte établi et traduit par H. Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 1931.

SUETÔNIO; PLUTARCO. *Vidas dos doze Césares*. Trad. Antônio da Silveira Mendonça e Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

SUETONIUS. *Lives of the Caesars*. Volume I. Introduction by K. R. Bradley and translated by J. C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press; London: The Loeb Classical Library, 1914.

STRABO. *Geographia*. Chicago : Harvard University Press, 1924.

## **OBRAS DE REFERÊNCIA**

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1951.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

HOWATSON, M. C. *The Oxford classical dictionary*. London: Oxford University Press, 1950.

\_\_\_\_\_. *The Oxford companion to classical literature*. New York: Oxford University Press, 1997.

*The new encyclopaedia Britannica*. 15th ed. Chicago, IL: Encyclopaedia Britannica, 2007.

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

## **ESTUDOS MODERNOS**

ADAMS, J. N. "Romanitas' and the Latin Language". In *The Classical Quarterly New Series*, Vol. 53, No. 1. Cambridge University Press: London, 2003, pp. 184-205.

AUVRAY-ASSAYAS, C. *Cicéron*. Paris: Belles Lettres, 2006.

BARATIN, M.; DESBORDES, F. "La 'troisième partie' de l'*ars grammatica*". In *The History of Linguistics in the Classical Period*. Edited by Daniel J. Taylor. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1987.

BARTHES, R. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. *Pesquisas de retórica*. Trad. de Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, pp. 147-232, 1975.

BALSDON, J. P. V. D. The ides of march. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Stuttgart: Franz Steiner Verlag vol. 7, No. 1, p. 80-94.

BLASI, M. "La 'memoria mascherata': i *mimhtaí* e la rappresentazione del defunto ai funerali gentilizi romani". *Scienze dell'Antichità: storia, archeologia, antropologia*, 16 (2010). Roma: Edizioni Quasar (Università di Roma), 2011, pp 181 – 199.

BRUNT, P. A. Nobilitas and novitas. *The Journal of Roman Studies*, Vol. 72, pp. 1 – 17, 1982.

CANFORA, L. *Giulio Cesare: il dittatore democratico*. Roma; Bari: Editori Laterza, 2011.

CARDOSO, I. T. “O espetáculo da vida humana em Cato Maior de Senectute”. In *Nuntius Antiquus: revista de estudos antigos e medievais*. Vol. 6, pp.41-70. Belo Horizonte: NEAM / Faculdade de Letras da UFMG, 2010.

CHIAPPETTA, A. “Retórica e crítica literária na Antigüidade”. *Phaos*, Revista de Estudos Clássicos, vol. 1, p. 39-60, 2001.

CLARCKSON, J. (ed.). *A Companion to the Latin Language*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2011.

CLASSEN C. J. *Diritto, retorica, politica: la strategia retorica di Cicerone*. Traduzione di Paola Landi. Ed. Lucia Calboni Montefusco. Bologna: Il Mulino, 1998.

CORNELI, C. *Dalle imagines maiorum al ritratto nelle catacombe di Roma*. Tese (Doutorado em Memoria e materia delle opere d'arte attraverso i processi di produzione, storicizzazione, conservazione, musealizzazione). Viterbo: Università degli studi della Tuscia, 2010.

DESBORDES, F. *Idées grecques et romaines sur le langage: travaux d'histoire et d'épistémologie*. Textes reunis par Geneviève Clerico, Bernard Colombat et Jean Soubiran. Préface de Marc Baratin. Paris: ENS Éditions, 2007.

DYER, R. R. "Rhetoric and Intention in Cicero's Pro Marcello". *The Journal of Roman Studies*. Vol. 80. Cambridge University Press, 1990, pp. 17-30.

DUGAN, J. *Making a new man: Ciceronian self-fashioning in the rhetorical words*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

ELIAS DE OLIVEIRA, S. "Cidadãos e concidadãos nos discursos de posse da Primeira República" in *Revista Signum: estudos da Linguagem*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, vol. 15, n. 3, pp. 105-128, 2012.

FANTHAM, E. Ciceronian *conciliare* and Aristotelian *ethos*. *Phoenix*, vol. 27, n. 3, pp. 262-275, 1973.

\_\_\_\_\_. "Imitation and evolution: the discussion of rhetorical imitation in Cicero *De oratore* 2.87-97 and some related problems of ciceronian theory". *Classical Philology*, Vol. 73.1. Chicago: 1978.

\_\_\_\_\_. *Roman Readings: Roman Response to Greek Literature from Plautus to Statius and Quintilian*. Berlin: De Gruyter, 2011.

FEDELI, P. *Quinto Tullio Cicerone. Manualetto di campagna elettorale (commentariolum petitionis)* presentazione di Giulio Andreotti. Roma: Salerno editrice, 2006.

GARCEA, A. *De Analogia: Edition, Translation, and Commentary*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

GOLDBERG, S. *Epic in republican Rome*. Oxford: University Press: 1995.

GRIMAL, P. *Cicéron*. Paris: Fayard, 1986.

\_\_\_\_\_. *Etudes de chronologie cicéronienne: (années 58 et 57 av. J.-C.)*. Paris: Belles Lettres, 1967.

GOWING, A. M. "Memory and silence in Cicero's *Brutus*". In *Eranos: Eranos: Acta philologica Suecana*, Vol. XCVIII, 2000: 39-64.

HALLET, Christopher H. *The Roman nude*. Oxford: University Press: 2005.

HENDRICKSON, G. L. Literary sources in Cicero's *Brutus*. *The American Journal of Philology*, Vol. 27, No. 2, pp. 184-199, 1906.

HINDS, S. *Allusion and intertext: dynamics of appropriation in Roman poetry*. Cambridge: University Press, 1998.

HUTCHINSON, G. O. *Cicero's correspondence – a literary study*. Oxford: Clarendon, 1998.

IRVINE, M. *The making of textual culture: 'Grammatica' and Literary Theory 350 – 1100*. New York: Cambridge University Press, 1994.

JAEGER, W. *Paideia: A Formação do Homem Grego*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JESUS, C. R. R. *Orator e a prosa rítmica: introdução, tradução e notas*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Unicamp, 2008.

KENNEDY, G. A. *Classical rhetoric and its christian and secular tradition. From ancient to modern times*. Chapel hill: The University of North Carolina Press, 1998.

LAUSBERG, H. *Manual de retórica literaria: fundamentos de una ciencia de la literatura*. Versión española de José Pérez Riesco. Madrid: Gredos, 1976.

LOCKWOOD, J. F. "Demetrius, De Elocutione" in *The Classical Quarterly*. Vol. 23, No. 2 (Apr., 1929), pp. 105-108.

LIMA, S. C. *A exposição da ética de Epicuro no De finibus de Cícero*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Unicamp, 2004.

MARTINS, P. "Os romanos, o direito, a imagem e a morte". In: FARVESANI, F. e GUARINELO, N. *As formas do Império Romano*. Ouro Preto: Editora UFOP. 2010.

\_\_\_\_\_. *Aspectos do gênero dialógico no De finibus de Cícero*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas, 2009.

MAY, J. M. *Trials of character: the eloquence of ciceronian ethos*. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1988.

\_\_\_\_\_. Cicero as Rhetorician, in DOMINIK, W. J. and HALL, J. (org.), *A companion to Roman rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007, pp. 250-63.

NARDUCCI, E. *Introduzione a Cicerone*. Roma: Laterza, 2009.

\_\_\_\_\_. *Brutus: The History of Roman Eloquence in Brill's companion to Cicero: oratory and rhetoric*. Ed. James M. May. Leiden/ Boston/ Köln/ Brill, 2002.

PANACCIO, C. *Le discours intérieur. De Platon à Guillaume d'Ockham*. Paris: Seuil, 1999.

PARATORE, E. *História da literatura latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Gulbenkian, 1987.

PEREIRA, M. A. *O 'uso', o 'decoro' e a constituição de uma 'norma lingüística' na "Institutio oratoria" de Quintiliano: breve comentário*. In: 6. Encontro do CelSul (Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004, p. 143-144.

\_\_\_\_\_. *Quintiliano gramático: o papel do mestra da gramática na Institutio oratória*. 2. Ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

PINI, M. *O orador inovado: o ethos do homo nouus no Brutus de Cícero*. Monografia (conclusão de curso). Campinas/SP: Unicamp, 2011.

PITA, L. F. D. *Visões da identidade romana em Cícero e Sêneca*. Tese (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

PLEBE, A.; EMANUELE, P. *Manual de retórica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PROST, F. *Quintus Cicéron: le petit manuel de la campagne éléctorale (Commentariolum petitionis)*, Tulliana, 2009.

ROBINSON, E. A. "The date of Cicero's Brutus". *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 60, pp. 137-146, 1951.

RODRÍGUEZ NEILA, J. F. *Confidentes de César. Los Balbos de Cádiz*. Madrid: Centro De Linguística Aplicada Atenea, 1992.

ROMELE, A. *L'esperienza ermeneutica del verbum in corde. Heidegger, Gadamer e Ricoeur interpreti di Agostino*. Tese de doutorado aprestada ao departamento de filosofia da Università degli studi di Verona. 2011.

SHACKLETON BAILEY, D. R. *Nobiles and novi Reconsidered*. *The American Journal of Philology*, Vol. 107, No. 2, pp. 255-260, (Summer) 1986.

SCATOLIN, A. invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de *Ad familiares* I, 9, 23. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). São Paulo: USP, 2009.

SINCLAIR, P. "Political Declensions in Latin Grammar and Oratory, 55 BCE-CE 39". In *Ramus* 23, p. 92-109. Bendigo: La Trobe University, 1994

SUMNER, G. V. *The orators in Cicero's Brutus: prosopography and chronology*. Toronto: University of Toronto Press, 1973.

SYME, R. *The Roman Revolution*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2002.

TAYLOR, J.C. "Eloquence will not say a few words: the textual record of Republican oratory and the purpose of Cicero's *Brutus*" in *Rosetta journal*. University of Birmingham, 2013.

VERSTEEGH, K. "Latinitas, Hellenismós, 'Arabiyya". In *The History of Linguistics in the Classical Period*. Edited by Daniel J. Taylor. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1987.

YATES, F. *A arte da memmória*. Tradução Flavia Bancher. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.